



Tadeu Martin Gonzalez Piffer

**UERJ - Pavilhão João Lyra Filho:
projeto e construção**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura pelo Programa de Pós-graduação
em Arquitetura, do Departamento de Arquitetura
e Urbanismo da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marcos Favero

Rio de Janeiro
Agosto de 2021



Tadeu Martin Gonzalez Piffer

**UERJ - Pavilhão João Lyra Filho:
projeto e construção**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Marcos Favero

Orientador

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – PUC-Rio

Prof. João Masao Kamita

Departamento de História – PUC-Rio

Prof^a. Maria Cristina Nascentes Cabral

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Tadeu Martin Gonzalez Piffer

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ, 2017), e pós-graduado em Meio Ambiente pela mesma universidade (COPPE-UFRJ, 2019). Tem interesse em projetos de requalificação de centros urbanos, tendo desenvolvido em seu Trabalho Final de Graduação uma proposta de requalificação para a Avenida Francisco Bicalho no Rio de Janeiro; em pesquisas na área do conforto ambiental, com foco na qualidade do ar na arquitetura, tema da pesquisa da pós-graduação do autor; e, por fim, na história e teoria da arquitetura, em especial, da arquitetura carioca dos anos 1960 e 1970, recorte no qual essa pesquisa de mestrado está inserida.

Ficha Catalográfica

Piffer, Tadeu Martin Gonzalez

UERJ - Pavilhão João Lyra Filho : projeto e construção / Tadeu Martin Gonzalez Piffer ; orientador: Marcos Favero. – 2021.
118 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2021.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura e Urbanismo – Teses. 2. Campus Francisco Negrão de Lima. 3. Pavilhão João Lyra Filho. 4. Campi universitários anos 1960 e 1970. 5. Micro universidade urbana. 6. Megaestruturas. I. Favero, Marcos. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD: 720

Para Angelina e Alexandre.

Agradecimentos

À PUC-Rio, pela oportunidade de realizar essa pesquisa.

Ao meu orientador, professor Marcos Favero, pela parceria nessa árdua jornada do mestrado, por sua leitura sempre atenta e uma correção precisa do trabalho, pela ampla e pertinente bibliografia sugerida e o direcionamento conferido a essa pesquisa.

Aos membros da Banca Examinadora, professores João Masao Kamita e Maria Cristina Nascentes Cabral, pela leitura e sugestões fundamentais ao desenvolvimento desse trabalho.

Ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PPGARq), professor Fernando Espósito Galarce, por sua sensibilidade e disponibilidade em ajudar nos momentos difíceis, bem como aos demais professores do programa, que contribuíram na construção das bases para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU), sempre prontos a ajudar.

A todos os funcionários da Universidade, que possibilitaram o seu funcionamento mesmo no período difícil da pandemia do COVID-19.

Ao arquiteto Ailton Alves de Brito do Departamento de Arquitetura e Engenharia da (DAENG-UERJ), que sempre se disponibilizou em ajudar.

Ao professor Andres Passaro, coordenador do Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU-UFRJ, que compartilhou um material valioso referente ao acervo do arquiteto Luiz Paulo Conde.

À professora Deise Mancebo, pela cooperação com a pesquisa.

Aos colegas do mestrado, pela troca de experiências.

Aos meus familiares e amigos pelo incentivo e suporte durante esse processo, em especial ao meu irmão Alexandre e à minha amiga Cirlene.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Piffer, Tadeu Martin Gonzalez; Favero, Marcos. **UERJ - Pavilhão João Lyra Filho: projeto e construção**. Rio de Janeiro, 2021. 118p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esse trabalho se dedica a uma análise de ordem projetual e construtiva do Pavilhão João Lyra Filho, edifício principal do Campus Francisco Negrão de Lima, sede da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O campus, objeto de um concurso realizado pela Universidade em 1968, no qual os arquitetos Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde foram os vencedores, tem origem em um período de transição da arquitetura moderna brasileira e de expansão da estrutura voltada para o ensino superior no Brasil e no mundo. Nesse período, surgem no cenário internacional propostas inovadoras de campi que dialogam com a ideia de megaestrutura. Stefan Muthesius, autor do livro *"The postwar university: Utopianist campus and college"*, publicado no ano 2000, reconhece esses campi como *"single structure campus"*, em uma tradução livre "campus de estrutura única". Essa classificação remete à campi em que o complexo programa universitário se concentra majoritariamente em um único edifício. Nesses casos, campus e edifício se confundem em uma única estrutura, impossibilitando dissociarmos um do outro.

Palavras-chave

Campus Francisco Negrão de Lima; Pavilhão João Lyra Filho; Campi universitários Anos 1960 e 1970; Micro universidade urbana; Megaestruturas.

Abstract

Piffer, Tadeu Martin Gonzalez; Favero, Marcos (Advisor). **UERJ - Pavilhão João Lyra Filho: Design and construction**. Rio de Janeiro, 2021. 118p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work is dedicated to an analysis of the design and construction order of the João Lyra Filho Pavilion, the main building on the Francisco Negrão de Lima Campus, headquarters of the Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). The campus, the object of a competition held by the University in 1968, in which the architects Flávio Marinho Rêgo and Luiz Paulo Conde were the winners, has its origins in a period of transition of modern Brazilian architecture and expansion of the structure aimed at higher education in Brazil. During this period, innovative proposals for campuses that dialogue with the idea of megastructure emerged on the international scene. Stefan Muthesius, author of the book "The postwar university: Utopianist campus and college", published in 2000, recognizes these campuses as "single structure campus". This classification refers to campuses such as UERJ, where the complex university program is concentrated in a single building, in the case of the University in the João Lyra Filho Pavilion. In these cases, campus and building are confused in a single structure, making it impossible for us to dissociate from each other.

Keywords

Francisco Negrão de Lima Campus; João Lyra Filho Pavilion; University campuses 1960 and 1970s; Urban micro university; Megastructures.

Sumário

1. Introdução	11
2. Trajetória de Formação da UERJ (1930-1976)	20
3. Campus Francisco Negrão de Lima	46
4. Pavilhão João Lyra Filho	66
5. Considerações Finais	86
6. Referências Bibliográficas	87

Anexo I - Caderno Técnico do Campus Francisco Negrão de Lima

Anexo II - Organograma da UERJ

Anexo III - Entrevista de Luiz Paulo Conde

Lista de figuras

FIGURA 1: CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UFRJ.....	24
FIGURA 2: FAVELA DO ESQUELETO.....	29
FIGURA 3: FAVELA DO ESQUELETO.....	29
FIGURA 4: FAVELA DO ESQUELETO.....	31
FIGURA 5: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	33
FIGURA 6: CAMPUS DARCY RIBEIRO, UNB.....	35
FIGURA 7: CAMPUS DARCY RIBEIRO, UNB.....	36
FIGURA 8: ORGANOGRAMA DOS CENTROS SETORIAIS DA UERJ.....	37
FIGURA 9: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	40
FIGURA 10: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	41
FIGURA 11: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	42
FIGURA 12: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	43
FIGURA 13: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	44
FIGURA 14: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	44
FIGURA 15: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	45
FIGURA 16: ESQUEMA DAS CONFIGURAÇÕES-TIPO DE CAMPI.....	48
FIGURA 17: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	51
FIGURA 18: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	52
FIGURA 19: PRADOS CARIOCAS NO SÉCULO XX.....	53
FIGURA 20: EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO DO MARACANÃ.....	54
FIGURA 21: PRADO DO DERBY CLUB, 1932.....	55
FIGURA 22: MARACANÃ E UERJ.....	56
FIGURA 23: MARACANÃ E UERJ.....	57
FIGURA 24: CAPA DE REPORTAGEM DA REVISTA MANCHETE, 1974.....	58
FIGURA 25: MARACANÃ E UERJ.....	59
FIGURA 26: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	62
FIGURA 27: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	63
FIGURA 28: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	63
FIGURA 29: NOVAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS, 1961-70.....	67
FIGURA 30: NORWICH CAMPUS, UNIVERSIDADE DE EAST ANGLIA.....	71
FIGURA 31: SCARBOROUGH CAMPUS, UNIVERSIDADE DE TORONTO.....	71

FIGURA 32: CAMPUS DARCY RIBEIRO, UNB	72
FIGURA 33: CAMPUS DARCY RIBEIRO, UNB	73
FIGURA 34: CAMPUS DARCY RIBEIRO, UNB	74
FIGURA 35: SCARBOROUGH CAMPUS, UNIVERSIDADE DE TORONTO	74
FIGURA 36: DAHLEM CAMPUS, UNIVERSIDADE LIVRE DE BERLIM	75
FIGURA 37: DAHLEM CAMPUS, UNIVERSIDADE LIVRE DE BERLIM	76
FIGURA 38: CAMPUS PAMPULHA, UFMG	76
FIGURA 39: CAMPUS PAMPULHA, UFMG	77
FIGURA 40: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	78
FIGURA 41: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	79
FIGURA 42: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	79
FIGURA 43: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	80
FIGURA 44: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	82
FIGURA 45: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	83
FIGURA 46: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	83
FIGURA 47: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	84
FIGURA 48: CAMPUS FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA, UERJ.....	85

Introdução

Esse trabalho¹ se dedica a uma análise do Pavilhão João Lyra Filho, edifício principal do Campus Francisco Negrão de Lima², mais conhecido como campus Maracanã, pela sua localização no bairro do Maracanã, Zona Norte do Rio de Janeiro. O campus, sede da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem origem em um período de transição da arquitetura moderna brasileira, sendo reconhecido por Roberto Segre, no texto de abertura do "Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro", intitulado "Os caminhos da modernidade carioca (1930-1980)", como um dos marcos desse processo de transição:

dois exemplos de escalas diferentes e temporalmente distantes resumem a mudança de linguagem e a transformação da sintaxe racionalista em códigos brutalistas [...] o primeiro é o Museu de Arte Moderna, no Aterro do Flamengo, obra-prima de Reidy [...] o segundo, a sede da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, de Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde, no Maracanã³.

O campus da UERJ, objeto de um concurso realizado pela Universidade em 1968, no qual os arquitetos Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde foram os vencedores, pertence a uma produção arquitetônica moderna de viés brutalista no Rio de Janeiro, da qual fazem parte o Centro de Artes Calouste Gulbenkian (1968 projeto | 1969-71 construção), de Rizza Conde e Cleia Braga, o Conjunto Habitacional do Cafundá (1978 projeto | 1980-82 construção), de Sérgio Magalhães, a Escola Veiga de Almeida (1979 projeto | 1979-80 construção), de Luiz Eduardo Índio da Costa, dentre muitas outras obras. Esse conjunto de obras revela uma produção arquitetônica moderna no Rio de Janeiro diferente daquela

¹ Esse trabalho está vinculado a pesquisa "Arquitetura carioca 60/70: razão tectônica e construção", em desenvolvimento no Laboratório de Arquitetura, Infraestrutura e Território (LAIT) da PUC-Rio, sob coordenação do professor Marcos Favero.

² Em homenagem a Francisco Negrão de Lima, governador do Estado da Guanabara entre 1965 e 1971. O reconhecimento foi aprovado pelo Conselho Universitário da UERJ, em 14 de fevereiro de 1970, durante a gestão do Reitor João Lyra Filho.

³ SEGRE, 2000. In CZAJKOWSKI, 2000, p. 12.

atribuída a primeira geração de arquitetos⁴ modernos cariocas, conhecida como "escola carioca". Estas obras foram pouco estudadas e, por vezes, desconsideradas por razões externas a arquitetura, salvo casos icônicos como o Museu de Arte Moderna (MAM), de Affonso Eduardo Reidy. A constatação de que estas obras e a geração de arquitetos⁵ envolvida com a sua produção constituem uma lacuna na história da arquitetura carioca foi a principal motivação da investigação da qual resulta esta pesquisa.

No plano nacional esta lacuna é atribuída a extemporânea crítica do movimento moderno no Brasil, a qual, segundo Ruth Verde Zein, organizou a história recente da arquitetura brasileira em “um esquema sequencial, linear e simples, limitado a três momentos sucessivos, mais ou menos estanques: a) Movimento Modernista (com foco nas realizações cariocas); b) Brasília; c) Pós-Brasília (com foco na multiplicidade de tendências do período após 1980)”⁶. Essa leitura faz um recorte excludente e seletivo da arquitetura brasileira, desconsiderando a produção arquitetônica dos anos 1960 e 1970.

A arquitetura brasileira desse período foi produzida em um contexto que tem como pano de fundo a revisão do movimento moderno no cenário internacional, influenciada, dentre outros fatores, pela mudança profunda na obra de Le Corbusier no segundo pós-guerra e pela atuação de uma nova geração de arquitetos que apresentam ideias e uma prática projetual crítica ao pensamento moderno. Essa nova geração integrava grupos como o Team X, nos anos 1950, e, mais tarde, o Archigram e o Superstudio, nos anos 1960. Apesar desses grupos se encontrarem na origem do processo de revisão do movimento moderno⁷, vale destacar que suas

⁴ Fazem parte dessa geração arquitetos como: Lucio Costa (1902-1998, diplomado ENBA-URJ 1924), Affonso Reidy (1909-1964, diplomado ENBA-URJ 1930), Carlos Leão (1906-1983, diplomado ENBA-URJ 1930), Marcelo Roberto (1908-1964, diplomado ENBA-URJ 1930), Jorge Moreira (1904-1992, diplomado ENBA-URJ 1932), Ernani Vasconcelos (1912-1987, diplomado ENBA-URJ 1933), Milton Roberto (1914-1953, diplomado ENBA-URJ 1934) e Oscar Niemeyer (1907-2012, diplomado ENBA-URJ 1934).

⁵ Fazem parte dessa geração arquitetos como: Severiano Mario Porto (1928-2020, diplomado FNA-UB 1954) João Filgueiras Lima (1932-2014, diplomado FNA-UB 1955), Ítalo Campofiorito (1933-2020, diplomado FNA-UB 1956), Paulo Casé (1931-2018, diplomado FNA-UB 1958), Luiz Eduardo Índio da Costa (1938, diplomado FNA-UB 1959), Luiz Paulo Conde (1934-2015, diplomado FNA-UB 1959) e Rizza Conde (1937-2020, diplomada FNA-UB 1960).

⁶ ZEIN, 2006, p.1.

⁷ A dissolução dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), em 1956, é um caso emblemático da crise do movimento moderno. O X CIAM, organizado por um grupo de arquitetos que ficou conhecida como Team X, é marcado por críticas aos princípios universalistas e ao urbanismo funcional da Carta de Atenas, conduzindo a sua dissolução e a uma revisão do movimento moderno.

ideias e prática projetual estão intrinsecamente ligados ao pensamento moderno, o qual não está vinculado apenas aos dogmas defendidos no início do século XX, alvo das críticas desta nova geração de arquitetos.

Na leitura de Maria Alice Junqueira Bastos e Zein o embate geracional verificado no cenário internacional não ocorreu no Brasil. Segundo as autoras "a mesma liberdade de oposição não é dada, ou melhor, não é assumida, no panorama brasileiro"⁸. As autoras ainda afirmam que "a insatisfação geracional está presente, mas desloca-se muito mais no espaço do que no tempo; do Rio de Janeiro a São Paulo"⁹. A notoriedade conquistada pela arquitetura moderna brasileira, intrinsicamente vinculada à primeira geração de arquitetos modernos cariocas e o desejo de manter uma unidade, preservando o status de símbolo da identidade nacional conferido a essa arquitetura, pode ter sido um fator que de certo modo inibiu a revisão crítica desse modelo, sobretudo, no Rio de Janeiro. No entanto, havia uma consciência, por parte de uma nova geração de arquitetos cariocas, que se forma no período da construção da nova Capital Federal, de que essa arquitetura – que tem em Brasília uma de suas maiores realizações – demonstrava certo esgotamento, fato que pode ser observado a partir da descrição que Conde faz da época em que era estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ)¹⁰, na segunda metade dos anos 1950, afirmando o seguinte:

[...] discutia-se muito o formalismo da arquitetura brasileira, havia um embrião de discussão das tendências da arquitetura brasileira e também uma

⁸ BASTOS; ZEIN, 2015, p. 36.

⁹ Id., *ibid.*

¹⁰ O curso de arquitetura da UFRJ tem origem na Escola de Belas Artes (EBA), incorporada à universidade em 1931. Desde a sua fundação a UFRJ recebeu diferentes denominações, sendo conhecida como: Universidade do Rio de Janeiro (URJ), no período de 1920 a 1937; Universidade do Brasil (UB), de 1937 a 1965; e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de 1965 até os dias atuais. Ao ser incorporada à UFRJ, a EBA era conhecida como Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), denominação a ela atribuída até 1965, quando passou a ser conhecida pelo seu nome atual. O curso de arquitetura da UFRJ esteve vinculado a EBA até 1945, quando foi criada a Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA). Em 1965, a FNA passa a ser conhecida pelo seu nome atual, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). A alteração no nome da UFRJ, da EBA e da FAU, em 1965, tem origem na Lei 4.759*, que dispôs sobre a qualificação das universidades da União, vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura, sediadas nas capitais dos Estados, em federais e sobre a denominação das escolas e faculdades integrantes destas universidades de acordo com suas respectivas especialidades e do nome da universidade a elas vinculada. O autor da pesquisa optou por se referir à FAU e a UFRJ no decorrer do texto utilizando o nome atual de ambas.

* Lei n. 4.759/1965. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4759.html> Acesso em: 12 set. 2021.

certa intuição por parte dos estudantes de que não seria possível continuar naquele caminho. Nós achávamos aquele repertório esgotado. Então começou-se a discutir outros caminhos e outras possibilidades¹¹.

Em São Paulo uma geração de arquitetos, contemporânea a geração de Conde, também apresentava um posicionamento crítico em relação a arquitetura moderna brasileira de matriz carioca. Em uma conversa aberta na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), a convite de estudantes da universidade, em 2002, Sérgio Ferro relembra suas idas à Brasília enquanto estudante da universidade, entre os anos de 1958 e 1962:

era o período do desenvolvimentismo: nós havíamos de modificar o Brasil, construir um Brasil novo, industrializar esse troço aqui. E tudo com uma perspectiva social anunciada também muito bonita. Só que, ao chegar em Brasília, via aqueles desenhos lindos de Niemeyer, perfeitos, brancos, puríssimos, mas com uma massa de gente ultramiserável, ultra-explorada, construindo aquilo. Um horror as condições de trabalho [...]. Então, pra mim, desde o 2º, 3º ano de escola foi um grande, enorme, contraste ver como era produzida a arquitetura: o nosso desenho, teoricamente quase sempre carregado com as melhores intenções, intenções sociais abertas e muito bonitas, chegando do outro lado, era realizado nas piores condições que se possa imaginar¹².

Os relatos de Conde e Ferro revelam a existência, ainda que não houvesse um embate direto, de um conflito entre uma nova geração de arquitetos em formação e aquela dos percussores da arquitetura moderna no Rio de Janeiro. Fica evidente no relato de ambos as principais críticas dirigidas à arquitetura moderna brasileira de matriz carioca, quanto ao formalismo e as condições de produção dessa arquitetura. Roberto Conduru avalia, assim como Ferro, embora em uma outra chave, as condições de produção dessa arquitetura, afirmando que:

o descompasso entre os princípios difundidos pelo Movimento Moderno e as condições de produção e recepção dos artefatos no Brasil era evidente desde as primeiras obras da arquitetura moderna no país, no final dos anos 20. Esse lapso fundamental entre um certo ideal de construção e a realidade efetiva dos edifícios permaneceria ao longo de todo o século XX, a despeito das insistentes tentativas de superação desse quadro mobilizadas pelos principais personagens envolvidos no processo de modernização da arquitetura no Brasil¹³.

¹¹ CONDE, 1977. In MAGALHÃES, 1978, p. 13.

¹² FERRO, 2002, p. 2-3.

¹³ CONDURU, 2004. In ANDREOLI; FORTY, 2004, p. 58.

É possível reconhecer em Brasília o referido lapso entre um certo ideal de construção e a realidade das condições de produção da arquitetura moderna no Brasil¹⁴. Segundo Guilherme Wisnik, "Brasília repõe as dimensões arcaicas e violentas da modernização brasileira. Sua aparição parece evocar não a passagem do arcaico ao moderno, mas a persistência de um no outro"¹⁵. A despeito das críticas e do simbolismo de sua construção, Brasília é um marco do processo de modernização do Brasil. A sua construção está inserida em um processo de industrialização do país¹⁶, que em certa medida contribuiu com o subsequente desenvolvimento da indústria da construção civil e com a profissionalização das construtoras, promovendo uma melhora gradativa nas condições de produção no canteiro de obras no Brasil. Conduru reconhece na construção da Capital Federal o surgimento de novas práticas, que se aproximam de uma efetiva industrialização da arquitetura:

a tentativa mais relevante de industrializar a arquitetura para resolver impasses sociais germinou em Brasília e vem sendo desenvolvida por Lelé, que, tendo vivenciado no canteiro de obras da futura capital a experiência caótica de erguer uma cidade inteira a partir do nada, começou a preocupar-se com a racionalização do projeto, a produção seriada de elementos construtivos, a planificação da construção e sua adaptação às condições locais¹⁷.

Brasília certamente influenciou a geração de arquitetos que vivenciou a sua construção, se constituindo como o ponto de partida para novas práticas. No entanto, não foi o único lugar de onde partiram práticas alternativas à arquitetura moderna de matriz carioca. No Rio de Janeiro, já nos anos 1950, a atuação de Reidy, autor de projetos como o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, popularmente conhecido como "Pedregulho" (1946 projeto | 1947-58 construção), o Conjunto Residencial Marquês de São Vicente (1952 projeto | 1952-54

¹⁴ Pedro Arantes analisa o anacronismo e violência das condições de produção no canteiro de obras de Brasília. Ver: ARANTES, P. F. Reinventando o canteiro de obras. In ANDREOLI, E.; FORTY, A. **Arquitetura moderna brasileira**. Londres: Phaidon, 2004, p. 170-201.

¹⁵ WISNIK, 2004. In ANDREOLI; FORTY, 2004, p. 37.

¹⁶ Ver: LACROIX, I. **Brasília e a industrialização brasileira. Circulação, comunicação e indústria: representações no Plano Piloto**. Brasília. 2013. 130p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília.

¹⁷ CONDURU, 2004. In ANDREOLI; FORTY, op. cit., p. 101.

construção) e o MAM (1954 projeto | 1954-67 construção), sinaliza o início de um processo de diversificação da matriz arquitetônica moderna brasileira.

Atento a esse processo, Jorge Czakowski identificou cinco tendências¹⁸ assumidas pela arquitetura brasileira em meados dos anos de 1950, em especial, após a inauguração de Brasília, no texto "Perspectiva Histórica da Arte e da Arquitetura no Modernismo", publicado em julho de 1983 na revista *Módulo*¹⁹. Segundo Conduru, duas dessas tendências têm Reidy²⁰ como referência, a primeira é o "brutalismo analítico", associado a arquitetura carioca, e a segunda é o "brutalismo sintético", associado a arquitetura paulista²¹.

A análise e documentação da arquitetura produzida no Rio de Janeiro, nos anos 1960 e 1970, consiste em um passo importante para reconhecermos a matriz e as tendências assumidas por essa arquitetura. O autor dessa pesquisa considera o campus da UERJ, projeto de Marinho Rêgo e Conde, como uma das obras que mais podem contribuir com essa investigação. Dessa forma, o objetivo principal desse trabalho consiste em verificar o valor do campus da UERJ. No entanto, não se pretende construir uma narrativa a respeito da arquitetura desse período e então "encaixar" a UERJ, muito pelo contrário, essa pesquisa se propõe a operar com as singularidades do seu objeto de estudo. Para atingir esse propósito, o primeiro passo é ir a obra, e isso significa ir as fontes documentais, ao projeto arquitetônico e, sobretudo, ao edifício construído. O movimento de ir a obra evidenciou, em um primeiro momento, a falta de estudos a respeito do campus da Universidade, assim como a sua complexidade enquanto objeto de pesquisa e, conseqüentemente, as inúmeras vias de investigação pelas quais o trabalho poderia seguir.

¹⁸ São elas: brutalismo analítico; tendência ecológica, uma ramificação artesanal do brutalismo analítico; brutalismo sintético; expressionismo brutalista; e, por fim, uma tendência que, nas palavras de Czakowski "segue o rumo da obra recente de Oscar Niemeyer e opta por uma monumentalidade plástica".

¹⁹ Esse texto tem origem no seminário promovido pela Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), através do Projeto Arte Brasileira Contemporânea do Instituto Nacional de Artes Plásticas (Projeto ABC/INAP) e pela revista *Módulo*, em maio de 1983, no qual arquitetos, artistas plásticos, críticos de arte e professores reuniram-se no auditório do Centro Cultural Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, para debater assuntos pertinentes as relações entre arte e arquitetura.

²⁰ A contribuição mais evidente do trabalho desenvolvido por Reidy são os projetos concebidos pelo arquiteto. No entanto, menos evidente, embora igualmente relevante, é a influência exercida sob aqueles que trabalharam diretamente com o arquiteto, como Francisco Bolonha (1923-2006, diplomado FNA-UB 1945) e Marinho Rêgo (1925-2001, diplomado FNA-UB 1950), que trabalharam com Reidy no Departamento de Urbanismo da Prefeitura do Distrito Federal – na época Reidy ocupava o cargo de diretor do departamento –, e Conde e Flávio Ferreira (1945, diplomado FAU-UFRJ 1966), que trabalharam com o arquiteto no projeto do MAM.

²¹ CONDURU, 2004. In ANDREOLI; FORTY, op. cit., p. 82.

Tendo em vista a ausência na historiografia da arquitetura carioca e a complexidade e amplitude do campo de pesquisa que se abre a partir do campus da UERJ, é importante que o trabalho proceda, inicialmente, por um viés histórico e documental, com o objetivo de instrumentalizar a pesquisa. Dessa forma, na sequência deste capítulo, dedicado a introdução, o trabalho conta com um capítulo voltado para a análise da trajetória de formação da UERJ, no período entre 1930 e 1976. Para a realização dessa investigação a pesquisa vai adotar um primeiro recorte que compreende a criação das escolas fundadoras da universidade, nos anos 1930, até a sua fundação, em 1950, passando pela política educacional da Era Vargas (1930-45), que tem como modelo a Universidade do Brasil (UB), atual UFRJ, e seus desdobramentos na organização das instituições de ensino superior do país. O segundo recorte compreende a fundação da UERJ até a inauguração do Campus Francisco Negrão de Lima, em 1976, partindo de um olhar retrospectivo dos dez primeiros anos de sua fundação, demonstra o movimento em direção a centralização institucional da universidade, no qual a construção do campus viria a exercer um papel central; em seguida examina os reflexos da transferência da Capital Federal e da criação do Estado da Guanabara para a UERJ; posteriormente introduz as primeiras questões relacionadas a construção do seu campus, como aquelas que envolveram a escolha do local para a sua implantação; mais adiante apresenta a formação de um novo paradigma para a configuração espacial das instituições de ensino superior no país, estimulado pelas inovadoras propostas que têm origem na criação da Universidade de Brasília (UnB), em 1961, e implementadas pela Lei da Reforma Universitária, em 1968, ano em que a UERJ realizou o concurso para a escolha do projeto do seu campus; e, por fim, dedica-se a ao período entre o início das obras do campus, em 1969, e a sua inauguração, em 1976²².

O terceiro capítulo dedicado ao Campus Francisco Negrão de Lima tem origem na configuração singular apresentada pelo campus na época em que foi construído, os autores do projeto o reconheciam como uma "micro universidade urbana", classificação que aparece em livros e periódicos em referência ao projeto, no entanto, sem que fique claro o seu significado. Dessa forma, esse capítulo se

²² O processo de formação da universidade não se resume ao período compreendido por esse estudo e nem tão pouco aos eventos que serão apresentados neste capítulo. No entanto, o recorte adotado procura compreender o contexto desse período e, sobretudo, a UERJ e as suas particularidades nos anos que antecedem o concurso e a construção do seu campus.

dedica a analisar o significado dessa classificação e o que faz o campus da UERJ ser uma "micro universidade urbana". Para a realização dessa investigação a pesquisa vai adotar como fundamentação a ideia de campus e cidade universitária e as tipologias de campi apresentadas por Ari Vicente Fernandes no artigo "Campus e meio urbano universitário", publicado na revista *Arquitetura, Planejamento e Construção*, em 1974. Em seu artigo Fernandes estuda a acepção das palavras campus e cidade universitária e as suas implicações espaciais, para em seguida identificar quatro configurações tipo de campi, a partir de casos representativos no Brasil. Realizada essa fundamentação, seguimos para um exame comparativo entre os casos apresentados pelo autor, em especial os campi da UFRJ e da UnB, e o objeto de estudo deste capítulo, com o objetivo de verificar aproximações e distanciamentos e, sobretudo, a sua condição de singularidade. Essa análise deve proceder por dois aspectos que a pesquisa acredita caracterizar o conceito de "micro universidade urbana", no que diz respeito a relação do campus com o meio urbano onde ele está inserido e a sua configuração espacial, sobretudo, no que diz respeito a organização do programa. Concluída essa análise, é possível desenvolver este conceito e verificar a sua pertinência ao Campus Francisco Negrão de Lima.

O quarto capítulo se volta para o Pavilhão João Lyra Filho. Nos anos 1960 há um crescimento expressivo da estrutura voltada para o ensino superior no Brasil, também verificado no cenário internacional. Jill Pellew e Miles Taylor, editores do livro *"Utopian universities: A global history of the new campuses of the 1960s"*, publicado em 2020, afirmam que esse foi um período notável de investimento público no ensino superior, segundo os autores foram construídos cerca de 200 novos campi universitários em todo o mundo nos anos 1960. Nesse período, ideias alternativas ao pensamento moderno reverberam na concepção destes novos campi, dando origem a propostas inovadoras campi em que o complexo programa universitário se concentra virtualmente em um único edifício. Reyner Banham, autor de *"Megastructure: Urban futures of the recent past"*, publicado em 1976, dedica um capítulo do seu livro a essas propostas. Por sua vez, Stefan Muthesius, autor do livro *"The postwar university: Utopianist campus and college"*, publicado no ano 2000, as reconhece como *"single structure campus"*, em uma tradução livre "campus de estrutura única". O "edifício-campus", nomenclatura adotada por essa pesquisa em referência aos edifícios dos campi reconhecidos por Muthesius como "campus de estrutura única", revela a predominância de duas configurações, a

primeira delas apresenta uma disposição linear, e a segunda, em malha. Esse capítulo se dedica a analisar a aderência do Pavilhão João Lyra Filho ao conceito de "edifício-campus" fundamentado na ideia de "campus de estrutura única" apresentada por Muthesius e das megaestruturas no âmbito universitário apresentada por Banham.

Por fim, o quinto e o sexto capítulo se dedicam, respectivamente, as considerações finais e as referências bibliográficas dessa pesquisa.

2

Trajetória de Formação da UERJ (1930-1976)

O processo de formação das universidades brasileiras foi tardio²³ e, assim como a UERJ, à época Universidade do Distrito Federal²⁴ (UDF), algumas das principais universidades do país foram criadas na primeira metade do século XX²⁵. Esse processo seguiu um mesmo rito desde a formação das primeiras universidades no Brasil, fundadas a partir da aglutinação de instituições de ensino já existentes²⁶. A história da UERJ²⁷ não foi diferente: sua fundação, por meio da Lei Municipal n.º 547²⁸, de 4 de dezembro de 1950, unificou quatro faculdades no Rio de Janeiro, contando em sua composição inicial com as seguintes instituições: Faculdade de

²³ Restrições impostas por Portugal durante o período colonial, como a proibição de instituições de ensino superior, da imprensa e a cobrança de altos impostos sobre a importação de livros, representaram um entrave ao desenvolvimento do ensino superior no Brasil. Por outro lado, em países colonizados pela Espanha, onde não haviam tais restrições, foram criadas as primeiras universidades do continente sul-americano, como a *Universidad Nacional Mayor de San Marcos* (1551), no Peru; *Universidad Nacional Autónoma de México* (1551), no México; *Universidad Nacional de Córdoba* (1613), na Argentina; *Universidad Central del Ecuador* (1620), no Equador; *Universidad de San Carlos de Guatemala* (1676), na Guatemala; e *Universidad Central de Venezuela* (1721), na Venezuela (CONTIER, 2015, p. 167-168). A vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil, em 1808, representou um ponto de inflexão na história do país, importantes instituições tiveram origem nesse período, como o Banco do Brasil e a Biblioteca Nacional, assim como o sistema de cátedras, que posteriormente possibilitou a criação de academias, escolas, e faculdades, contribuindo para a formação das primeiras universidades brasileiras no século XX (RAMOS, 2011, p. 5).

²⁴ Anterior a criação da UDF, que daria origem a UERJ, havia sido criada, em 1935, uma Universidade do Distrito Federal, idealizada por Anísio Teixeira, por meio do Decreto n. 5.513/1935, sancionado pelo então prefeito Pedro Ernesto. No entanto, esta foi extinta em 1939 por questões político-ideológicas no período do Estado Novo e as faculdades a ela vinculadas foram incorporadas à UFRJ. O objeto de estudo dessa pesquisa é a UDF criada em 1950 por meio do Decreto n. 547/1950, que daria origem a UERJ, a qual não tem relação com a instituição homônima criada em 1935.

²⁵ Podemos citar a UFRJ, fundada em 07 de setembro de 1920; a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 07 de setembro de 1927; a Universidade de São Paulo (USP), em 25 de janeiro de 1934; entre outras.

²⁶ A UFRJ, por exemplo, "foi constituída a partir da reunião de três escolas criadas no início do século XIX, após a vinda da Família Real e da Corte Portuguesa para o Brasil: a Escola de Engenharia (criada a partir da Academia Real Militar, em 1810), a Faculdade de Medicina (criada em 1832 nas dependências do Real Hospital Militar, antigo Colégio dos Jesuítas) e a Faculdade de Direito (criada, em 1891, pela fusão das já existentes Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais e Faculdade Livre de Direito da Capital Federal)" (OLIVEIRA, s.d.).

²⁷ A UERJ recebeu diferentes denominações no curso de sua história, sendo conhecida como: Universidade do Distrito Federal (UDF), no período de 1950 a 1958; Universidade do Rio de Janeiro (URJ), no período de 1958 a 1961; Universidade do Estado da Guanabara (UEG), no período de 1961 a 1975; e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no período de 1975 até os dias atuais. O autor optou por se referir à universidade no decorrer do texto utilizando o seu nome atual para evitar ambiguidades com instituições homônimas do passado, como é o caso da UDF, citada anteriormente, e da URJ, primeira denominação da UFRJ, no período de 1920 a 1937.

²⁸ Lei Municipal n. 547/1950. Disponível em:

<http://www.boluerj.uerj.br/pdf/re_05471950_04121950.pdf> Acesso em: 04 abr. 2020.

Ciências Econômicas (FCE), Faculdade de Ciências Jurídicas (FCJ), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) e Faculdade de Ciências Médicas (FCM).

As escolas fundadoras da UERJ, criadas nos anos 1930, têm origens acadêmicas distintas: a FCE foi fundada por professores dissidentes da Academia de Comércio do Rio de Janeiro, em 1930; a FCJ, por magistrados, em 1935²⁹; a FFCL, por professores secundários, em parte oriundos do Colégio Pedro II, em 1939; e a FCM, por médicos membros da Academia Nacional de Medicina, em 1936³⁰. Apesar das diferenças, essas escolas compartilhavam de dificuldades semelhantes, no período em que funcionaram como instituições autônomas até a fundação da UERJ, em 1950, quanto à situação financeira, à infraestrutura das instalações acadêmicas³¹ e, sobretudo, à adequação ao arcabouço jurídico que orientava o funcionamento das instituições de ensino superior no país³².

Os anos 1930 foram marcados por grandes transformações, podendo-se destacar no campo da política a Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República, que governou o país ininterruptamente até 1945, período que ficou conhecido como Era Vargas (1930-1945), caracterizado por um governo central forte e por mudanças estruturais em diversas áreas, dentre elas a educação. A política educacional do governo Vargas é reconhecida por seu caráter autoritário, centralizador e intervencionista, implementada através de um arcabouço jurídico, do qual faz parte o Decreto n. 19.402³³, de 14 de novembro de 1930, que criou o Ministério da Educação e Saúde Pública; o Decreto n. 19.851³⁴, de 11 de abril de 1931, que promulgou o Estatuto das Universidades Brasileiras; a Lei n.

²⁹ Histórico da FCJ. Disponível em: <<http://www.direito.uerj.br/historia/>> Acesso em: 10 mai. 2021.

³⁰ Histórico da FCM. Disponível em: <http://novofcm.lampada.uerj.br/?page_id=593> Acesso em: 10 mai. 2021.

³¹ As escolas fundadoras da UERJ ocuparam diversos endereços durante o período em que funcionaram como instituições autônomas. Após a fundação da Universidade, em 1950, elas mantiveram-se instaladas em edifícios independentes, até a inauguração do Campus Francisco Negrão de Lima, em 1976. No entanto, vale destacar que nem todas as unidades acadêmicas da Universidade foram transferidas para o campus após a sua inauguração, como é o caso dos institutos e faculdades então vinculados à FCM, instalados no Campus Biomédico da UERJ.

³² Para mais informações sobre o processo de formação das escolas fundadoras da UERJ e as dificuldades por ela enfrentadas, ver: MANCEBO, op. cit., p. 27-65.

³³ Decreto n. 19.402/1930. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19402-14-novembro-1930-515729-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 18 fev. 2021.

³⁴ Decreto n. 19.851/1931. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 10 fev. 2021.

20.179³⁵, de 6 de julho de 1931, que dispôs sobre a organização dos institutos de ensino superior; a Lei n. 452³⁶, de 5 de julho de 1937, que reorganizou a URJ transformando-a em Universidade do Brasil, atual UFRJ³⁷, além de ter ratificado e modificado pressupostos do Decreto n. 19.851/1931 e da Lei n. 20.179/1931, mencionados anteriormente, e o Decreto-Lei n. 421³⁸, de 11 de maio de 1938, que tratou da regulamentação quanto ao funcionamento de estabelecimentos de ensino superior, presente no Estatuto das Universidades Brasileiras.

Se esse arcabouço jurídico fomentou um projeto universitário para o país, proporcionando a estruturação e a expansão da educação superior, também concedeu instrumentos para o controle estatal dessas instituições, definindo o direcionamento pedagógico e ideológico a ser seguido³⁹. Quanto a isso, essa legislação evidencia a concepção do governo de um ensino superior voltado para a formação profissional, alinhada com as necessidades de desenvolvimento econômico do país.

As escolas fundadoras da UERJ atravessaram esse cenário de grandes transformações no campo da política e, conseqüentemente, da educação, até a fundação dessa Universidade em 1950. A essa altura havia uma "tendência profissionalizante predominante no ensino superior brasileiro", a ausência de incentivos à pesquisa científica, por parte do governo, e de iniciativas à produção de conhecimento no interior das instituições de ensino superior. Esse foi caso da UERJ, cuja gênese é marcada pelo pragmatismo da formação profissional⁴⁰.

É evidente a influência da política educacional do governo Vargas na organização institucional e pedagógica das universidades no início dos anos 1950. Apesar de não haver um alinhamento absoluto entre elas, nenhuma das instituições

³⁵ Lei n. 20.179/1931. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20179-6-julho-1931-515671-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 15 fev. 2021.

³⁶ Lei n. 452/1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0452.htm> Acesso em: 16 fev. 2021.

³⁷ O autor optou por se referir à UFRJ no decorrer do texto utilizando o seu nome atual para evitar ambigüidades com a denominação homônima utilizada pela UERJ, no período de 1958 a 1961.

³⁸ Decreto-Lei n. 421/1938. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1930-1939/decreto-lei-421-11-maio-1938-350759-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 18 fev. 2021.

³⁹ Apesar do caráter autoritário dessa política educacional, o governo não tinha como objetivo coibir a criação de novas escolas, mas sim impedir iniciativas indesejáveis, como foi o caso da UDF, idealizada por Anísio Teixeira, em 1935. Nesse sentido, vale lembrar que até 1930 foram criadas 86 escolas de ensino superior no Brasil, e ao final da Era Vargas, em 1945, esse número saltou para 181 escolas (MANCEBO, op. cit., p. 62-63).

⁴⁰ MANCEBO, op. cit., p. 64-65.

de ensino superior do país passou incólume por essa política. A UFRJ, à época Universidade do Brasil, foi eleita como universidade modelo, núcleo do projeto educacional do Estado Novo.

A Universidade do Brasil foi criada com a missão de ser modelar às instituições universitárias existentes e até mesmo às que futuramente fossem criadas. Além disso, nenhum curso superior poderia existir no país se não tivesse, na UB, o seu modelo de correspondência. [...] a Universidade do Brasil nasceu marcada pelo gigantismo e por pretensões de unanimidade e profundamente elitista. Todas as suas unidades constituintes tinham, antecedendo o nome, o adjetivo “nacional”, para marcar sua vinculação ao governo federal e às suas políticas de centralização, no contexto do Estado Novo⁴¹.

A UFRJ deveria ter instalações condignas com o título de instituição de ensino superior modelo, núcleo da política educacional do Estado Novo. A Lei n. 452/1937, que reorganizou a URJ⁴², transformando-a em Universidade do Brasil, em seu artigo 14º dispôs sobre a organização da universidade segundo a tipologia “cidade universitária”. Apesar das obras não terem sido realizadas na gestão de seus idealizadores⁴³, Gustavo Capanema, à frente do Ministério da Educação, e Getúlio Vargas, na Presidência da República, a concepção da cidade universitária refletiu os ideais de um Brasil grande e moderno, e de uma educação superior centralizada e elitista.

Em 1948, foi definido o local para a instalação da cidade universitária da UFRJ, uma ilha artificial, formada por nove ilhas na Baía de Guanabara, compreendendo uma área de 4.690.700 m² ⁴⁴. O plano diretor do campus⁴⁵,

⁴¹ OLIVEIRA, [s.d.]

⁴² Novamente, é importante destacar que a UFRJ, no período de 1920 a 1937, e a UERJ, no período de 1958 a 1961, receberam o nome de Universidade do Rio de Janeiro (URJ), não existindo, no entanto, qualquer relação entre essas duas instituições.

⁴³ As obras de construção da cidade universitária foram iniciadas, em 1949, no Governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) e atravessaram a administração de sucessivos chefes do executivo federal até a inauguração do campus no dia 7 de setembro de 1972, no Governo do Presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Todavia, Getúlio Vargas, exercendo um novo mandato presidencial (1951-1954), inaugurou o edifício do Instituto de Puericultura e Pediatria, no dia 1º de outubro de 1953, data conhecida como a inauguração simbólica do campus.

⁴⁴ DATA.RIO, 2020.

⁴⁵ Até a escolha da proposta elaborada pelo EUTB, sob comando de Jorge Moreira, para a Ilha do Fundão, diversos outros projetos e locais foram considerados para a construção da cidade universitária da UFRJ, dentre os quais as propostas de Le Corbusier, Lucio Costa e do arquiteto italiano Marcelo Piacentini, para um terreno próximo à Quinta da Boa Vista. Ver: ALBERTO, K. C. **Três projetos para uma Universidade do Brasil**. Rio de Janeiro. 2003. 275p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

elaborado pelo Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB)⁴⁶, coordenado por Jorge Machado Moreira, alinhava-se aos princípios do urbanismo moderno e da Carta de Atenas. "A localização isolada segue o princípio do zoneamento funcional da cidade, que determina também a organização do campus por setores: administração, unidades acadêmicas, residências e serviços auxiliares"⁴⁷ (Figura 1). A escala da cidade universitária favoreceu a horizontalidade e a implantação espalhada dos edifícios no campus, que têm em Le Corbusier a sua matriz formal.

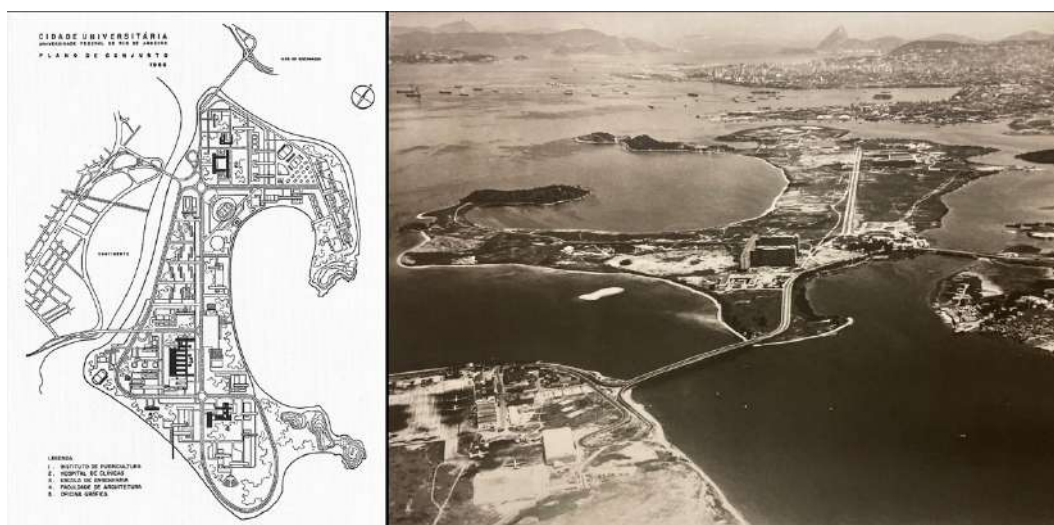


Figura 1: Plano diretor da Cidade Universitária da UFRJ, à esquerda, e vista aérea do campus, à direita. Em primeiro plano os edifícios do Instituto de Puericultura e Pediatria e do Hospital Universitário e, em segundo plano, a Escola Nacional de Engenharia e a Faculdade Nacional de Arquitetura.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: CZAJKOWSKI, J. (Org.). **Jorge Machado Moreira**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo da PCRJ, 1999, p. 130-131.

A tipologia "cidade universitária", empregada na concepção do campus da UFRJ, foi adotada por outras universidades brasileiras, como a USP⁴⁸ (1944) e a

⁴⁶ O ETUB, atual Escritório Técnico da Universidade (ETU), foi criado em 30 de dezembro de 1944, para o planejamento e a execução das obras da cidade universitária, conforme o Decreto-Lei n. 7.217/1944. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7217-30-dezembro-1944-452264-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 09 ago. 2020.

⁴⁷ CZAJKOWSKI, 1999, p. 130.

⁴⁸ O campus da USP, localizado no bairro do Butantã, na capital de São Paulo, em uma área de 3.700.000 m², foi objeto de diversas propostas elaboradas nos anos 1940, prevalecendo aquela desenvolvida no âmbito do Escritório Técnico da Cidade Universitária, em 1949, por uma comissão de arquitetos e engenheiros, nomeada Comissão da Cidade Universitária, constituída para este fim. As obras do campus foram iniciadas em 1944, oficialmente celebrada pela cerimônia em que o então governador Fernando Costa lança a pedra fundamental da cidade universitária.

Ver: CONTIER, F. **O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Cidade Universitária**: projeto e construção da Escola e de Vilanova Artigas. São Paulo, 2015, 441p. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

UFMG⁴⁹ (1947), e, segundo Contier, por diversas universidades latino-americanas, como a *Universidad Central de Venezuela* (1943) e a *Universidad Nacional Autónoma de México* (1948)⁵⁰.

A cidade universitária da UFRJ é um caso paradigmático, podendo-se reconhecer pontos de convergência entre as propostas de cidades universitárias implementadas no Brasil e o projeto de Jorge Moreira para a UFRJ. Vale ressaltar a contemporaneidade dessas propostas, relacionadas tanto ao campus da UFRJ quanto aos campi da USP e da UFMG que iniciaram suas obras nos anos 1940. Além disso, cabe destacar que a escala grandiosa desses campi e, consequentemente, os custos envolvidos em sua implementação, fizeram com que fossem construídos em etapas e, ainda, parcialmente executados de acordo com a concepção original de seus idealizadores. A configuração atual desses campi são o resultado do projeto original, somado a sucessivos projetos concebidos em épocas e sob políticas educacionais, projetos pedagógicos e concepções arquitetônicas distintas. Quanto ao projeto original, é importante salientar a orientação modernista das propostas, no que diz respeito ao traçado viário, ao zoneamento funcional e à implantação espalhada dos edifícios que compõem os referidos campi.

No caso da UERJ, existem aproximações e distanciamentos em relação ao modelo "cidade universitária", como veremos no capítulo 3. Nos anos 1960, período em que começa a ser fomentada a ideia de construção do Campus Francisco Negrão de Lima, surgem novas propostas no campo da educação superior no Brasil, responsáveis pela reorganização institucional e pedagógica das universidades e, consequentemente, por uma nova concepção do espaço universitário, como se verá a seguir.

A política educacional e o modelo universitário consolidado no Estado Novo entram em crise ao final dos anos 1950, assim como os princípios da

⁴⁹ O projeto que deu origem ao campus da universidade, localizado no bairro da Pampulha, em Belo Horizonte, em uma área de 3.340.000 m², foi elaborado em 1957, no âmbito do Escritório Técnico da Cidade Universitária, coordenado pelo arquiteto Eduardo Guimarães Júnior. Até a escolha da proposta de Guimarães Júnior para o bairro da Pampulha, diversos outros projetos e locais foram considerados para a construção do campus da UFMG. As obras do campus foram iniciadas em 1947, ano em que o Governo do Estado de Minas Gerais doou à universidade o terreno destinado a construção do seu campus. Ver: SOARES, E. F. **Cidade Universitária da UFMG: um território urbano em um campus**. Minas Gerais, 2016. 280p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais.

⁵⁰ CONTIER, 2015, p. 204-206.

arquitetura e do urbanismo moderno, sobretudo no cenário internacional⁵¹. No entanto, paradoxalmente, entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1960, os ideais da arquitetura e do urbanismo moderno estão em plena evidência no Brasil, em função do início da ocupação do campus da UFRJ e de seus principais edifícios, como os da Faculdade Nacional de Arquitetura, em 1961, da Faculdade Nacional de Engenharia, em 1964, e, principalmente, da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960.

Assim, no início dos anos 1960, quando Brasília estava sendo inaugurada e o campus da UFRJ recebia os seus primeiros estudantes, a UERJ completava uma década de sua fundação. Nesse intervalo de dez anos, o principal desafio dessa Universidade foi construir uma unidade institucional, até então existente apenas na Lei Municipal n. 547/1950, que a instaurou, visto que as suas quatro escolas fundadoras mantinham uma autonomia patrimonial, financeira e jurídica. A unidade institucional foi-se construindo ao longo da década de 1950, na direção do fortalecimento da reitoria, através de um conjunto de medidas legais aprovadas no Parlamento Municipal, como a Lei Municipal n. 783, de 13 de outubro de 1953, a Lei Municipal n. 909, de 16 de junho de 1958, e a Lei Municipal n. 930, de 29 de julho de 1959.

Essa legislação é central na institucionalização da UERJ, vindo a Lei Municipal n. 909/1958 torná-la uma instituição pública municipal, renomeando-a, à época, Universidade do Rio de Janeiro⁵² (URJ). Dessa forma, a Universidade passou a contar com a destinação de não menos que 0,5% da receita ordinária da Prefeitura do Rio de Janeiro para o custeio de suas atividades. A sua manutenção foi transferida à Prefeitura, instituída a gratuidade do ensino e o regime jurídico dos funcionários, professores e da própria Universidade foi alterado em acordo com o processo de municipalização. Por sua vez, a Lei Municipal n. 930/1959 vem determinar que o patrimônio das unidades aglutinadas pela UERJ, bem como o de unidades futuramente a ela vinculadas, lhe fossem incorporados. Além disso, essa

⁵¹ A dissolução dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), em 1956, é um caso emblemático da crise do movimento moderno. O X CIAM, organizado por uma nova geração de arquitetos, que ficou conhecida como Team X, é marcado por críticas aos princípios universalistas e ao urbanismo funcional da Carta de Atenas, conduzindo a sua dissolução e a uma revisão do pensamento moderno.

⁵² Vale, uma vez mais enfatizar que no período entre 1920 a 1937 a UFRJ, assim como, no período entre 1958 a 1961 a UERJ, receberam a denominação de Universidade do Rio de Janeiro (URJ), não existindo, no entanto, qualquer relação entre essas duas instituições.

legislação modificou o processo de escolha dos diretores das unidades, transferida da alçada da congregação universitária para o reitor⁵³.

Dessa forma, a UERJ chega aos anos 1960 certamente mais coesa e centralizada administrativamente. No entanto, a diretriz adotada para alcançar certa unidade institucional, até aquele momento, não era um consenso. Mancebo reconhece que a unidade alcançada não seguiu critérios acadêmicos que contemplassem, além da formação profissionalizante, a produção de conhecimento científico e tecnológico, o que poderia ter conferido à instituição uma feição universitária. O caminho escolhido para a construção da unidade foi a centralização, via administração central. Essa foi a dinâmica dominante nos anos seguintes, sendo a construção do campus um instrumento importante nesse processo de centralização⁵⁴.

Em 21 de abril de 1960, com a transferência da Capital Federal para Brasília, é criado o Estado da Guanabara. Com essa situação *sui generis* de cidade-estado fez-se necessário se criar um regime jurídico especial, a começar pela promulgação da Constituição do Estado da Guanabara⁵⁵, em 27 de março de 1961. Esta implicou, à época, a mudança do nome da Universidade do Rio de Janeiro para Universidade do Estado da Guanabara (UEG), além da alteração do regime jurídico da própria Universidade, organizando-a sob a forma de fundação, garantindo-lhe autonomia didática, administrativa e financeira. Para assegurar essa autonomia financeira, a referida Constituição determina que sejam destinados não menos que 2,5% da arrecadação tributária do Estado à então UEG, atual UERJ.

Essas mudanças favoreceram sobremaneira a Universidade, que pôde se estruturar e planejar o seu futuro. No ano de 1962, instalou-se uma comissão para elaborar o Plano Decenal de Desenvolvimento da UEG, no qual foram definidas como diretrizes para o seu desenvolvimento "o crescimento patrimonial, através da construção do campus, e um projeto educacional que visava vincular a Universidade diretamente ao mercado de trabalho"⁵⁶.

⁵³ MANCEBO, op. cit., p. 123-144.

⁵⁴ Id., p. 143-144.

⁵⁵ Constituição do Estado da Guanabara. Disponível em:

<http://www2.alerj.rj.gov.br/biblioteca/assets/documentos/pdf/constituicoes/guanabara/constituicao_GB_1961/CONSTITUICAO_GUANABARA_1961.pdf> Acesso em: 08 jun. 2020.

⁵⁶ MANCEBO op. cit., p. 169.

A construção do campus era uma prioridade da administração central, que considerava a centralização geográfica um passo importante na integração institucional da Universidade, bem como significava o cumprimento de expectativa do então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda (1960-1965) – para quem a educação era um imperativo em seu governo. Lacerda de fato contribuiu com a viabilização da construção do campus, como veremos a seguir. A escolha do local para as futuras instalações da Universidade se deu por meio de estudos elaborados por comissões interdisciplinares que se dedicaram a esse trabalho, o mesmo ocorreu com a instalação de outras universidades no Brasil, como os campi da UFRJ, USP e UFMG, já citados.

Assim, diversas comissões foram formadas com o objetivo de analisar a instalação do campus e desenvolver estudos preliminares sobre sua localização. A primeira delas constituiu-se em 1954, embora o trabalho só fosse concluído em 1964, presidido pelo então vice-governador do estado do Rio de Janeiro, Rafael de Almeida Magalhães⁵⁷ que, em julho de 1965, indicou um terreno situado entre as Zonas Norte e Sul da cidade, próximo a outras instalações da Universidade como o Hospital Universitário Pedro Ernesto, e adjacente ao Estádio do Maracanã. A região escolhida, considerada o centro geométrico da cidade do Rio de Janeiro, foi um dos motivos que determinaram a instalação do Maracanã naquela região. O único empecilho, no entanto, era que o local estava sendo ocupado pela Favela do Esqueleto (Figura 2 e Figura 3).

⁵⁷ Id., p. 171.



Figura 2: Avenida Radial Oeste, ao centro, e a estrutura do antigo hospital-escola da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o Estádio do Maracanã, ao fundo.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Revista Manchete, ed. 545, set. 1962, p. 96-97. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=%22Avenida%20radial%20oeste%22&pagfis=46757>> Acesso em: 15 mai. 2020.



Figura 3: Imagem de um mesmo ângulo registra a conclusão do trecho da Avenida Radial Oeste que liga a Praça da Bandeira ao bairro São Francisco Xavier.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Agência O Globo. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/da-ueg-uerj-16347254>> Acesso em: 15 mai. 2020.

O nome, Favela do Esqueleto, fazia alusão à estrutura em concreto armado erguida para a construção do hospital-escola da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Figura 4), instituição vinculada atualmente à UFRJ. A construção do hospital, iniciada em 1929, foi interrompida em 1930 para a apuração de eventuais irregularidades em sua obra. Desde então, a estrutura do edifício inacabado, bem como o seu entorno, foram ocupados, dando origem à favela⁵⁸. Seria necessário a remoção dos moradores para a construção do campus, compromisso então assumido com a UERJ pelo governador Carlos Lacerda. Os moradores resistiram à remoção, mas não tiveram como evitá-la⁵⁹. Em aproximadamente dois meses, as 2.100 famílias que residiam na Favela do Esqueleto foram removidas para a Vila Kennedy⁶⁰. Em 29 de setembro de 1965, data em que a remoção das famílias foi concluída, o terreno foi entregue pelo governador à Universidade.

⁵⁸ CUNHA, 1988 apud MANCEBO, op. cit., p. 172.

⁵⁹ Os moradores resistiam e exigiam obras de melhorias na Favela do Esqueleto. A insatisfação se dava pela distância entre o local de trabalho dos moradores e a Vila Kennedy, para onde eles seriam removidos, assim como pela falta de infraestrutura e serviços públicos, como escolas e hospitais próximos ao novo local de moradia. O desmonte da Favela do Esqueleto está registrado em reportagens do Jornal Correio da Manhã e Jornal do Brasil. Ver: Povo do Esqueleto não quer a mudança. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 nov. 1964. 1º Caderno, p.2; Iniciada transferência de favelados do Esqueleto. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 jan. 1965. 1º Caderno, p.2; Favela do Esqueleto começa a sua mudança hoje para Vila Kennedy. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1965. 1º Caderno, p.5. Estas e outras reportagens que relatam o desmonte da Favela do Esqueleto estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

⁶⁰ O conjunto habitacional que deu origem à Vila Kennedy foi construído em 1964, para abrigar moradores desalojados das favelas removidas de áreas de interesse do Estado, no governo Carlos Lacerda (1960-1965), como a Favela do Morro do Pasmado, em Botafogo e a Favela do Esqueleto, na região da Grande Tijuca. Ver: ALMEIDA, G. A. de. **Bairro, conjunto, favela**: as fronteiras simbólicas e a produção do espaço em Vila Kennedy. Rio de Janeiro, 2008. 174p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

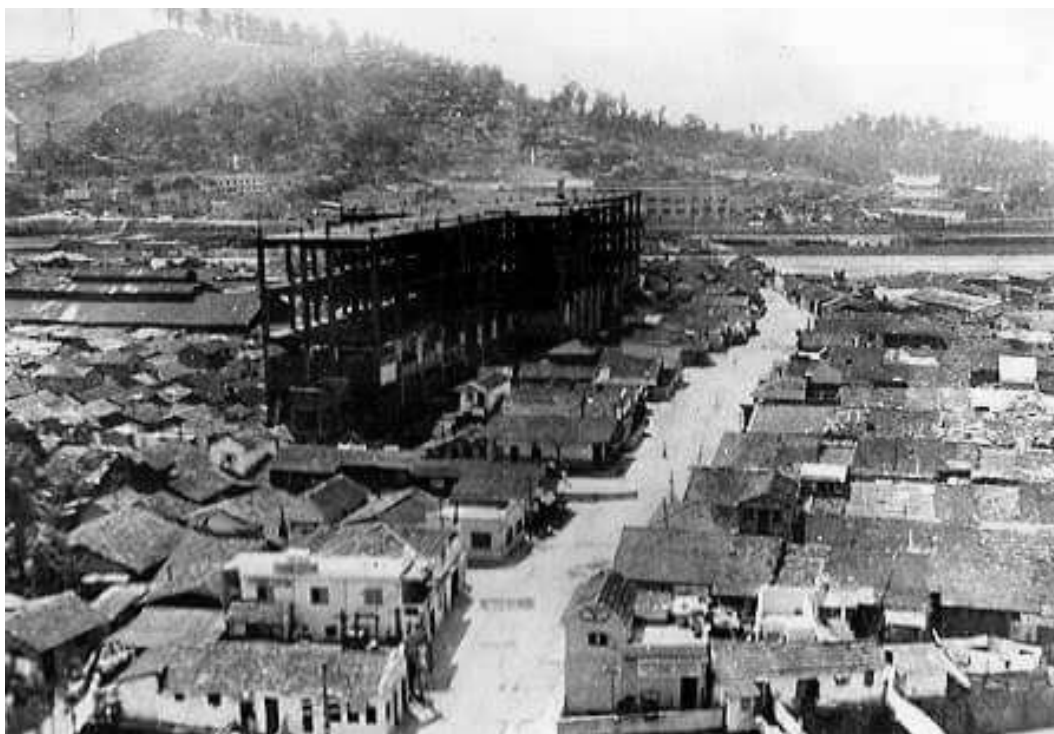


Figura 4: Estrutura do edifício do hospital-escola da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, conhecida como “esqueleto”.

Crédito: [s/autor] - MID/Rede Sirius, [s/data].

Fonte: REZNIK, L. et al. **70 anos UERJ: 1950-2019**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019, p. 180.

Mesmo tendo conseguido a concessão do terreno, a UERJ não pôde assumi-lo de imediato, tendo em vista que aquela área era propriedade da União. Dessa forma, coube ao então reitor Haroldo Lisboa da Cunha solicitar ao Governo Federal a concessão do terreno, o qual foi cedido à Universidade por meio da Lei n. 5.178⁶¹, de 1º de dezembro de 1966, pelo então presidente Castelo Branco. "O termo de cessão do terreno obrigava a UERJ, no prazo de cinco anos, a construir o campus, sob pena de se reverter a área ao patrimônio da União"⁶². No entanto, antes de definir um projeto para as novas instalações da Universidade, era necessário decidir o que seria feito com o "esqueleto", primeira medida na direção de se cumprir com o prazo estipulado pelo Governo Federal para a construção do campus. Havia posições divergentes quanto à demolição ou ao aproveitamento da estrutura, tendo vencida a posição daqueles que defendiam o seu aproveitamento:

o parecer da Superintendência de Urbanização e Saneamento (Sursan) sobre as condições do esqueleto foi positivo – apesar dos quase quarenta anos passados do início daquela obra, embora submetida ao tempo, à erosão e ao

⁶¹ Lei n. 5.178/1966. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/15178.htm> Acesso em: 26 mar. 2020.

⁶² Revista Manchete, ed. especial, jan. 1974, p. 156.

uso dos favelados, a antiga estrutura podia ser aproveitada, e essa foi a posição vencedora⁶³.

Após a decisão de se aproveitar a antiga estrutura, foi elaborado um projeto para a sua recuperação e requalificação⁶⁴, concebido e executado separadamente do que se pensou para a construção dos demais edifícios do campus. Esse projeto ficou a cargo da Superintendência de Obras Universitárias⁶⁵ (SOU), criada com a finalidade de executar e administrar as obras e serviços relativos à construção do Campus Francisco Negrão de Lima. Dessa forma, as obras foram iniciadas em julho de 1968 e o edifício, com cinco pavimentos e uma área construída de 12.523 m², foi inaugurado em 11 de agosto de 1970, sendo o primeiro a ter as suas obras concluídas, recebendo o nome de Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha⁶⁶ (Figura 5).

⁶³ MANCEBO, op. cit., p. 174.

⁶⁴ Nota-se pelas datas do contrato firmado com os arquitetos Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde, em 02 de julho de 1968, responsáveis pelo projeto do campus, bem como do contrato firmado com a construtora Norberto Odebrecht, em 14 de novembro de 1969, responsável pela execução das obras, e do início, em julho de 1968, e conclusão das obras, em agosto de 1970, do Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, que tanto o projeto quanto as obras deste edifício foram conduzidos separadamente da concepção e execução do demais edifícios do campus. Dessa forma, Marinho Rêgo e Conde não tiveram qualquer participação na decisão de preservar a estrutura do antigo "esqueleto", assim como não participaram do projeto de recuperação e requalificação deste edifício.

⁶⁵ A SOU foi criada por meio do Ato Executivo nº 51, de 02 de janeiro de 1968. Disponível em: <http://catalogo-redesirius.uerj.br/sophia_web/index.html> Acesso em: 17 fev. 2021.

⁶⁶ Vale destacar que o substantivo "pavilhão" que antecede o nome dos edifícios em homenagem a Haroldo Lisboa da Cunha, reitor da Universidade entre 1960 e 1967, e João Lyra Filho, reitor da Universidade entre 1967 e 1972, é uma nomenclatura utilizada pela UERJ desde a inauguração destes edifícios até os dias atuais e, portanto, será adotada por essa pesquisa.



Figura 5: Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Blog The Old Reader. Disponível em: <<https://theoldreader.com/profile/51412132bd9279ff510002f4?page=5>> Acesso em: 19 mai. 2020.

O projeto do campus da UERJ deveria atender a uma instituição que se expandiu no período entre a sua fundação, em 1950, até o momento em que se decidiu pela centralização institucional e geográfica, com a construção do Campus Francisco Negrão de Lima, em 1968. Além do processo de expansão, a Universidade passou por profundas transformações previstas na Lei n. 5.540⁶⁷, de 28 de novembro de 1968, que aprovou a Reforma Universitária.

A Lei, sancionada em um contexto político adverso, de recrudescimento do regime militar⁶⁸, dispõe sobre a organização e o funcionamento das instituições de ensino superior, cujos pontos principais incluem: 1. extinção da "cátedra na organização do ensino superior", substituída pelo departamento, definido como "a menor fração da estrutura universitária para todos os efeitos de organização administrativa, didático-científica e de distribuição de pessoal"; 2. organização de unidades acadêmicas em função de afinidades quanto ao ensino e pesquisa; 3. criação de centros setoriais destinados a coordenar unidades acadêmicas afins; 4.

⁶⁷ Lei n. 5.540/1968. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 25 fev. 2021.

⁶⁸ Vale destacar que, assim como a Reforma Universitária, foi sancionado, no mês seguinte daquele mesmo ano, o Ato Institucional n. 5, levando ao aumento das medidas de censura e repressão impostas, sobretudo, no âmbito universitário.

divisão dos cursos de ensino superior em ciclos básico e profissional e a criação de cursos profissionais de curta duração, "destinados a proporcionar habilidades intermediárias de grau superior", em atendimento às demandas do mercado de trabalho; 5. implementação dos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado), especialização e extensão; 6. introdução dos docentes ao regime de dedicação exclusiva às atividades de ensino e pesquisa; 7. adoção do sistema de créditos e da matrícula por disciplina, em substituição à matrícula por série.

As novas diretrizes de organização e funcionamento das instituições de ensino superior resultaram em profundas transformações nas universidades existentes, as quais não foram criadas sob este paradigma, implicando a reorganização institucional e pedagógica e, sobretudo, a reconfiguração espacial dessas instituições. Segundo Lira, um dos resultados imediatos da reforma foi a expansão das matrículas no ensino superior, de 278.295 estudantes, em 1968, para 836.469, em 1973⁶⁹, número que impactou a expansão e a reconfiguração espacial dessas instituições.

A Reforma Universitária demonstrou a fragilidade de estruturas universitárias estanques que não estavam preparadas para se adequarem a transformações vinculadas a novas políticas públicas educacionais, assim como a atualizações pedagógicas e curriculares. Diante do panorama de reformas e da dinâmica de constante inovação e transformação do ambiente universitário, a expansão e flexibilização espacial tornaram-se uma premissa de projeto em casos representativos de espaços universitários no Brasil, nos anos 1960, como a UnB.

A UnB representava um paradigma moderno para as instituições de ensino superior no Brasil nos anos 1960, ao contrário de outras universidades brasileiras, não foi criada pela aglutinação de instituições de ensino existentes. A UnB se inseria em um movimento pela modernização do ensino superior no Brasil, que culminou na aprovação da Lei n. 4.024⁷⁰, de 20 de dezembro de 1961, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e, sobretudo, na sua fundação em 15 de dezembro de 1961.

⁶⁹ LIRA, 2012, p. 8.

⁷⁰ Lei n. 4.024/1961. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 25 fev. 2021.

A fundação da UnB foi um antecedente para a Reforma Universitária, visto que seu projeto educacional contemplava muitos dos pontos por ela apresentados, tal qual a implementação do departamento como unidade básica da estrutura universitária e a organização de unidades acadêmicas em função de afinidades quanto ao ensino e à pesquisa. Desse modo, o campus da UnB, que leva o nome de Darcy Ribeiro, inaugurado em 21 de abril de 1962, foi o primeiro a dar forma às propostas de modernização do ensino superior, sendo um precedente importante para as demais universidades do país.



Figura 6: Plano Piloto da UnB.
Crédito: Lúcio Costa, 1962.
Fonte: ALBERTO, 2008, p. 175.

No projeto apresentado ao "Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil", em 1957, Lúcio Costa previa a construção de uma cidade universitária na Asa Norte de Brasília, sendo o arquiteto posteriormente responsável por desenvolver naquela região o Plano Piloto da UnB (Figura 6). Costa propôs edifícios separados para atender aos institutos básicos da universidade, agrupados de acordo com afinidades programáticas, estimulando a integração universitária em resposta ao projeto educacional da universidade. No entanto, segundo reportagem publicada na revista *Acrópole*, em 1970, com o projeto do Instituto Central de Ciências – edifício que aglutinou os institutos de Matemática, Física, Química e Biologia – e a incorporação ao campus da UnB de uma área de 1.400.000 m², destinada inicialmente ao Centro Olímpico da Juventude de Brasília, o plano de Costa teve que ser revisto⁷¹ (Figura 7).

⁷¹ DIAS, C. B. A estrutura da Universidade de Brasília. *Revista Acrópole*, n. 369/370, jan./fev. 1970. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/369>> Acesso em: 10 jul. 2021.

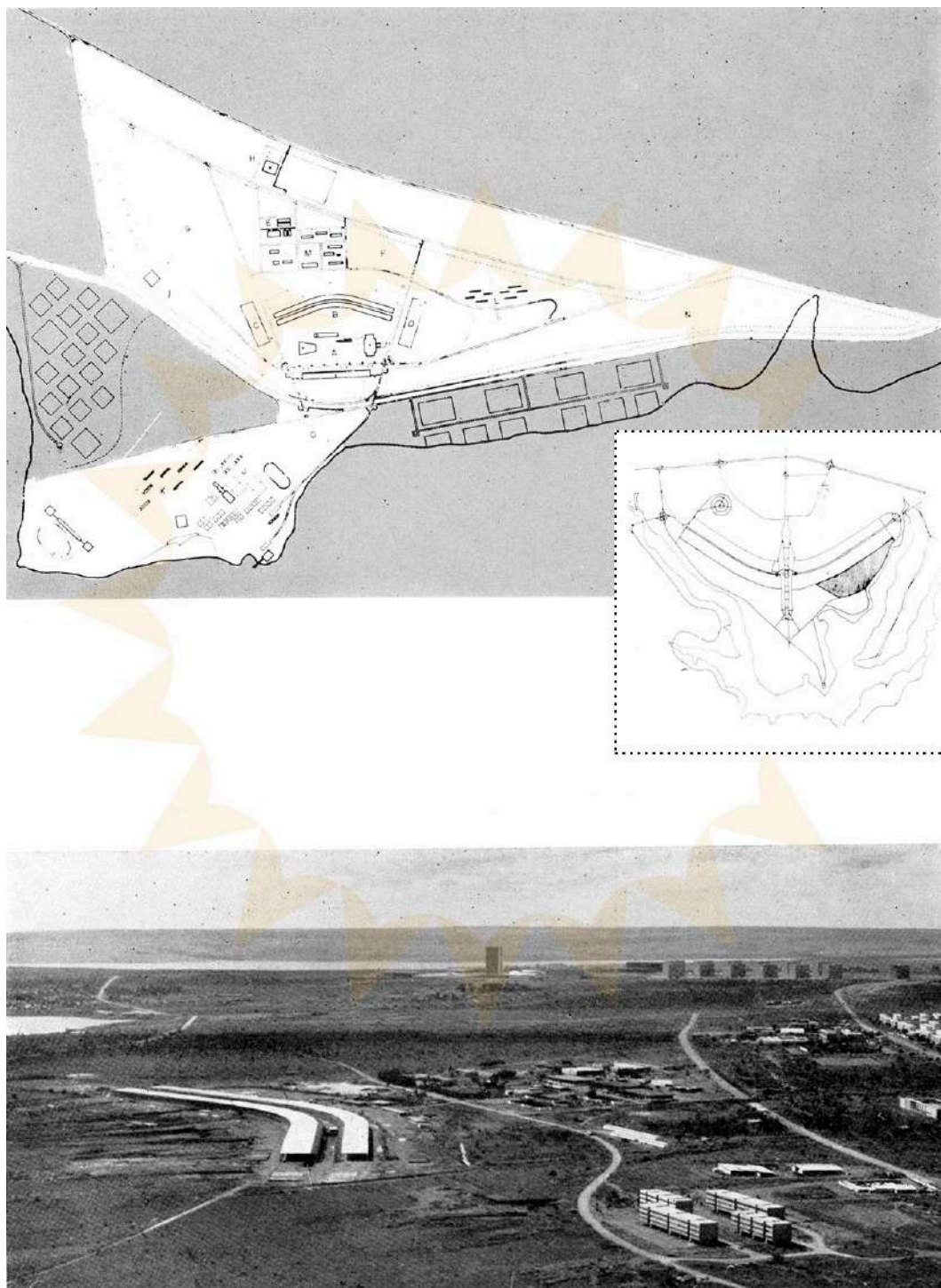


Figura 7: Plano Piloto da UnB, revisto pelo Ceplan, acima, e vista aérea do campus, em construção, com destaque para o edifício do Instituto Central de Ciências, abaixo.

Crédito: [s/autor], [s/data] (editado pelo autor).

Fonte: **Revista Acrópole**, n. 369/370, jan./fev. 1970, p. 17. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/369> Acesso em: 10 jul. 2021.

Oscar Niemeyer, responsável pela concepção de diversos edifícios do campus, que conta, atualmente, com uma área de 3.950.579 m², apresentou uma

"leitura radical da integração universitária"⁷², ao propor um edifício único para abrigar o Instituto Central de Ciências (ICC) (1962 projeto | 1963-71 construção), concentrando em uma única estrutura linear quatro dos nove institutos básicos da Universidade. Essa proposta extrapola o conceito tradicional de edifício universitário, ao concentrar em uma única estrutura o complexo programa dos quatro institutos já mencionados. A proposta de Marinho Rêgo e Conde para o Pavilhão João Lyra Filho do campus da UERJ demonstra certa afinidade com a proposta de Niemeyer para o ICC da UnB, como veremos no capítulo seguinte. A concepção do campus da UERJ ocorre em meio a esse contexto de grandes transformações implementadas pela criação da UnB e por um arcabouço legal, do qual faz parte a Reforma Universitária de 1968.

As novas normas de organização e funcionamento do ensino superior, aprovadas pela Lei da Reforma Universitária, implicaram uma reestruturação da UERJ. As unidades acadêmicas, até então vinculadas às suas escolas fundadoras, passaram a se organizar em quatro centros setoriais⁷³: Centro de Ciências Sociais (CCS), Centro de Tecnologia e Ciências (CTC), Centro de Educação e Humanidade (CEH) e Centro Biomédico (CBI) (Figura 8).

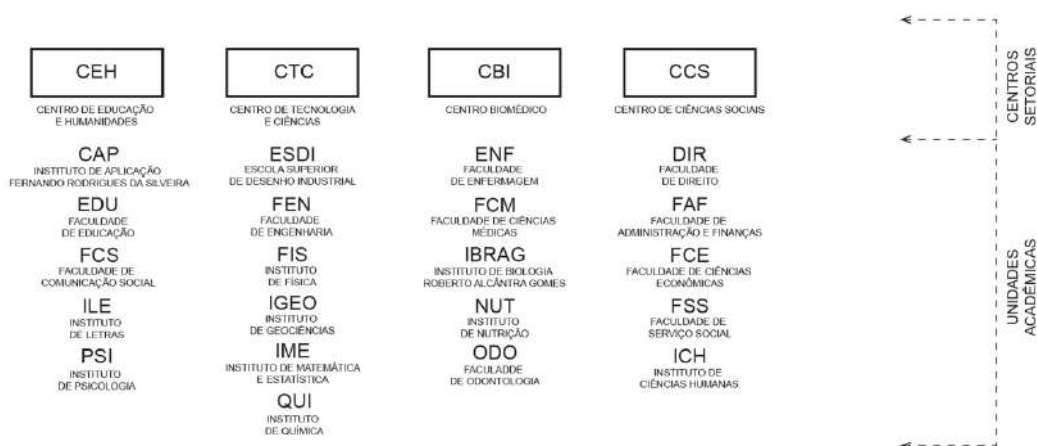


Figura 8: Organograma dos Centros Setoriais da UERJ, 1968.

Crédito: Produzido pelo autor.

Fonte: Acervo do autor.

O Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP), o Instituto de Letras (ILE), o Instituto de Psicologia (PSI), o Instituto de Física (FIS), o Instituto de Geociências (IGEO), o Instituto de Matemática e Estatística (IME), o

⁷² ALBERTO, op. cit., p. 6.

⁷³ A universidade mantém essa estrutura até os dias atuais. No entanto, novos institutos, faculdades e, consequentemente, cursos de graduação, extensão e pós-graduação foram criados nesse período (Ver Anexo II).

Instituto de Química (QUI), o Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG), o Instituto de Ciências Humanas (ICH), a Faculdade de Educação (EDU) e a Faculdade de Comunicação Social (FCS) tiveram origem na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, criada em 1939⁷⁴. Por sua vez, a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) tem origem na Faculdade de Ciências Médicas, criada em 1936, a Faculdade de Direito (DIR) tem origem na Faculdade de Ciências Jurídicas, criada em 1935, e a Faculdade de Ciências Econômicas (FCE) originou-se da Faculdade de Ciências Econômicas, criada em 1930.

Os centros setoriais também se constituíram por institutos e faculdades associados à Universidade no período entre a sua fundação, em 1950, e a Reforma Universitária de 1968, como o Instituto de Nutrição (NUT) e a Faculdade de Serviço Social (FSS), incorporados à UERJ em 1959, e a Faculdade de Enfermagem (ENF), em 1960. Assim também aconteceu com aqueles institutos que têm origem na UERJ, como a Faculdade de Engenharia (FEN), criada em 1961, a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), criada em 1962, a Faculdade de Administração e Finanças (FAF), criada em 1965, e a Faculdade de Odontologia (ODO), criada em 1967.

O projeto do campus da UERJ foi definido mediante a realização de um concurso, em 1968, do qual participaram quatro escritórios, a convite da Universidade: Paulo Casé e Luiz Acioli, Francisco Barbosa e Pedro Paulino Guimarães, J. A. Ortigão Tiedemann, e Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde⁷⁵. O concurso estabeleceu como diretriz de projeto a construção de edifícios separados para cada um dos quatro centros setoriais da Universidade e os seus respectivos institutos e faculdades. Apesar de terem vencido o certame, Marinho Rêgo e Conde não atenderam a essa determinação, conforme relato de Marinho Rêgo⁷⁶, uma vez que não concordavam com a organização em edifícios separados:

eu achei que aquele pedido estava fora de época. A universidade não podia ser mais os institutos simplesmente. Então, eu propus um conjunto escolar ondeoubessem todos os institutos, em altura [...] com diversas áreas separadas: área para alunos, área para professores, área de pesquisa, área para manutenção e para a reitoria⁷⁷.

⁷⁴ MANCEBO, op. cit., p. 220.

⁷⁵ Relatório da UEG, 1967 apud MANCEBO, op. cit., p. 175.

⁷⁶ Foram anexados ao livro "Da gênese aos compromissos: uma história da UERJ (1950-1978)." diversos trechos da entrevista concedida pelo arquiteto, em 1994, a autora Deise Mancebo.

⁷⁷ MANCEBO, op. cit., p. 175.

Compartilhavam da posição dos arquitetos o então reitor, João Lyra Filho, e o então secretário-geral da UERJ, Wilson Choeri. Para eles, o "campus universitário deveria, a um só tempo, centralizar as unidades geográfica e administrativamente e eliminar, de vez os feudos ainda existentes nas escolas"⁷⁸. No entanto, havia uma resistência à proposta apresentada⁷⁹. Segundo Marinho Rêgo a resistência ao projeto era grande, pois, de acordo com ele "o pessoal dos institutos sentia-se dono"⁸⁰. Para convencer a todos de que aquela seria a melhor opção de projeto, foram realizadas inúmeras palestras pelos arquitetos responsáveis pelo projeto. Marinho Rêgo assinala que

a parte administrativa precisava ser racionalizada, centralizada e profissionalizada. Não tinha sentido quem não entendesse de administração ter essa responsabilidade. Ficava uma bagunça. Daí termos projetado a centralização de todos os serviços de manutenção e administração da universidade [...]. A reitoria não podia ser mais uma peça decorativa. Isso se desenvolveu muito bem, e eles acabaram aceitando [...]. Tudo o que fosse construído pertencia à universidade, e não aos feudos, utilizado conforme uma programação prevista pela administração central⁸¹.

Após terem vencido o concurso realizado pela UERJ, Marinho Rêgo e Conde firmaram contrato com a Universidade para o desenvolvimento do projeto do campus, em julho de 1968⁸². Em setembro daquele ano os arquitetos apresentaram um anteprojeto (Figura 9 e Figura 10) que contava com três edifícios: o primeiro, identificado em planta como (1) "conjunto escolar e serviços gerais", é o principal edifício do campus, nomeado, posteriormente, como Pavilhão João Lyra Filho, destinava-se a abrigar as unidades acadêmicas e administrativas da universidade; o segundo, identificado como (2) "centro estudantil e restaurante central" e (3) "ginásio para esportes", nomeado, posteriormente, Centro Cultural Oscar Tenório⁸³, destinava-se a abrigar um centro estudantil, um restaurante universitário e um ginásio poliesportivo; e o terceiro, identificado como (5) "teatro

⁷⁸ Id., p. 175-176.

⁷⁹ É provável que a resistência a proposta apresentada era uma herança da forma com a qual a universidade se formou, a partir da aglutinação de instituições de ensino existentes, bem como do extinto sistema de cátedras.

⁸⁰ Id., p. 176.

⁸¹ MANCEBO, op. cit., p. 176.

⁸² O ato foi registrado em uma nota no Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 02 jul. 1968. 3º Caderno, p.3. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=João%20Lyra%20Filho&pagfis=93428> Acesso em: 10 jun. 2020.

⁸³ Em homenagem a Oscar Accioly Tenório, reitor da Universidade entre 1972 e 1976.

- auditório", nomeado, posteriormente, Teatro Odylo Costa Filho⁸⁴, destinava-se a abrigar um teatro com capacidade para acomodar por volta de 1.100 espectadores, uma concha acústica, nomeada, recentemente, Concha Acústica Marielle Franco⁸⁵, e um anfiteatro, ambos contíguos ao edifício do teatro, identificados em planta como (6) "concha acústica" e (7) "anfiteatro ao ar livre". O quarto edifício do conjunto arquitetônico, identificado em planta como (10) "edifício existente", é o pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, citado anteriormente. O anteprojeto ainda contava com cinco quadras poliesportivas, adjacentes ao Centro Cultural Oscar Tenório, e um campo de futebol identificados como (4) "campos de jogos"; uma subestação de energia, identificada como (9) "subestação transformadora de força"; áreas de estacionamento com capacidade para abrigar por volta de 1.100 automóveis, identificadas como (8) "estacionamento para automóveis"; e áreas de jardim, identificadas como (12) "jardins".

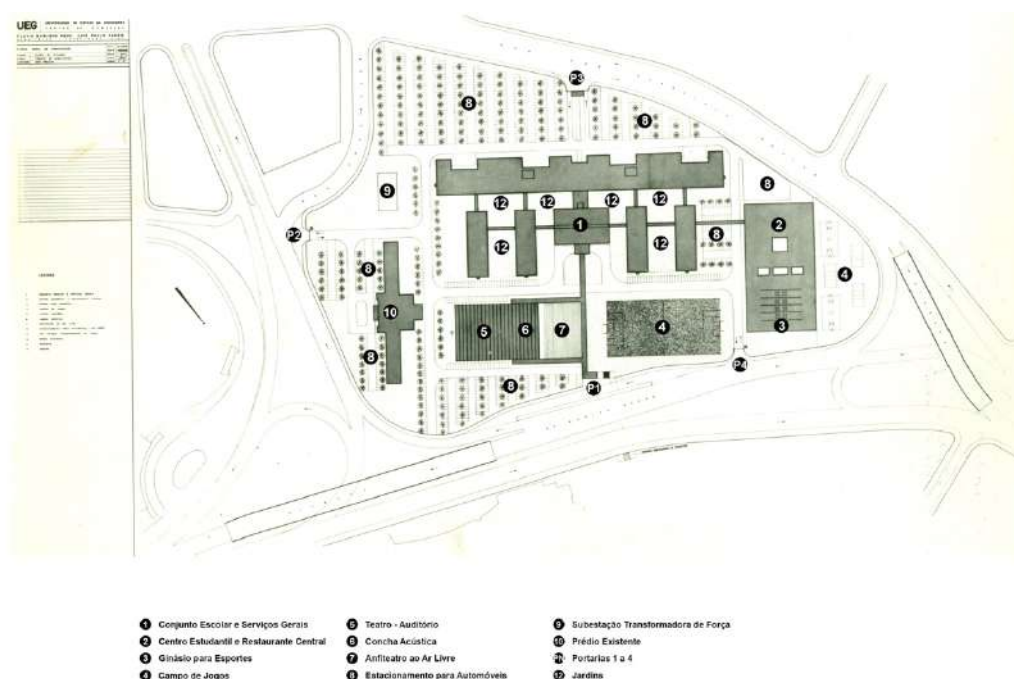


Figura 9: Campus Francisco Negrão de Lima - Planta de Situação - Anteprojeto, set. 1968.
Crédito: Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde Arquitetos Associados LTDA, 1968 (editada pelo autor).
Fonte: NPD FAU-UFRJ.

⁸⁴ Em homenagem a Odylo Costa Filho, jornalista, cronista, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras.

⁸⁵ Em homenagem a Marielle Francisco da Silva, socióloga e política, assassinada no exercício do seu primeiro mandato como vereadora, no dia 14 de março de 2018.

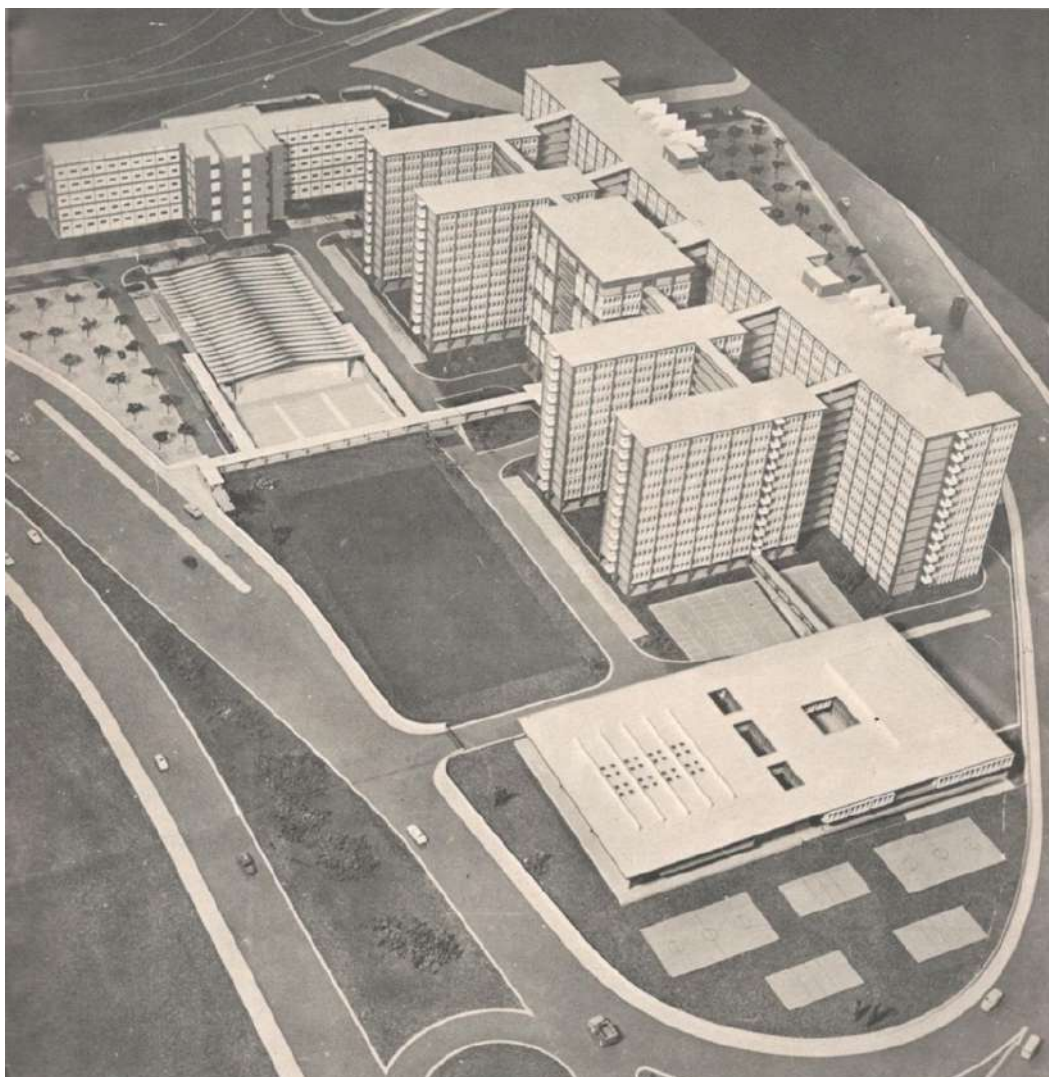


Figura 10: Campus Francisco Negrão de Lima - Imagem da maquete - Anteprojeto, set. 1968.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: AQUI UMA UNIVERSIDADE VERTICAL. **Revista Projeto e Construção**, n. 11, p. 23, jan. 1973.

As obras do campus, a cargo da construtora Norberto Odebrecht⁸⁶, tiveram início em dezembro de 1969⁸⁷, pouco mais de um ano após o início do desenvolvimento do anteprojeto, em 1968. Durante a sua construção, o projeto

⁸⁶ A Norberto Odebrecht foi escolhida através de concorrência aberta pela UERJ, da qual participaram as construtoras: Cavalcante e Junqueira, Montreal, e Rossi. O contrato relativo à execução das obras do campus foi firmado com a Odebrecht, no dia 14 de novembro de 1969. Ver: Campus da UEG vai custar 16 bilhões em 2 anos de obras. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 nov. 1969. 1º Caderno, p.20. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=&pagfis=105617> Acesso em: 17 mai. 2020.

⁸⁷ O início da obra foi marcado pelo evento em que o então reitor João Lyra Filho bateu a primeira estaca das obras do campus, em 1º de dezembro de 1969. O ato foi registrado em reportagem do Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 02 dez. 1969. 1º Caderno, p.10. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&Pesq=João%20Lyra%20Filho&pagfis=106351> Acesso em: 10 jun. 2020.

permaneceu sendo desenvolvido e revisto, implicando alterações na configuração do campus (Figura 11 e Figura 12), inaugurado em março de 1976⁸⁸.

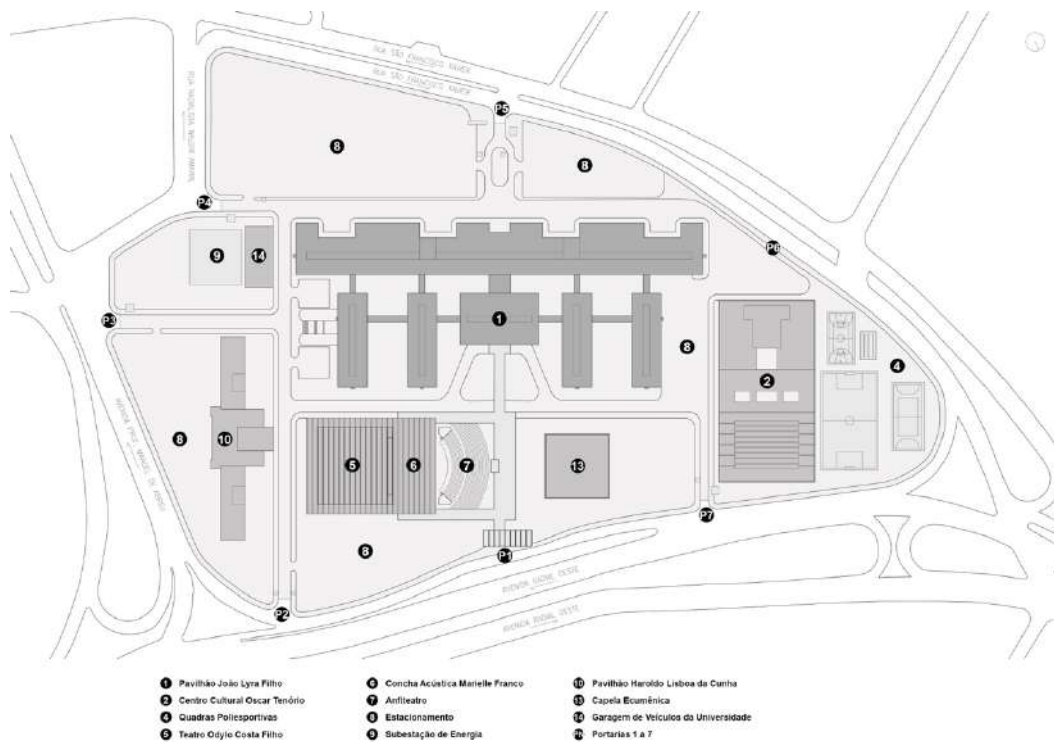


Figura 11: Campus Francisco Negrão de Lima - Planta de Situação - Atual.

Crédito: Produzido pelo autor com base na planta de situação do anteprojeto de 1968, fornecida pelo NPD FAU-UFRJ e em ortofoto gerada pelo Google Earth.

Fonte: Acervo do autor.



⁸⁸ A inauguração do campus ocorreu no dia em que se celebrava um ano da fusão dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro, sendo a cerimônia de inauguração marcada pela aula inaugural do então vice-reitor Wilson Choeri. O ato foi registrado em reportagem do Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 14 mar. 1976. 1º Caderno, p.20. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019760314>> Acesso em: 17 jun. 2020.

Figura 12: Essa é uma fotografia importante, registrada dois dias antes da inauguração do Campus Francisco Negrão de Lima.

Crédito: Agência O Globo, 12 mar. 1976.

Fonte: Acervo O Globo. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/da-ueg-uerj-16347254>> Acesso em: 15 mai. 2020.

A princípio vale ressaltar que o (1) Pavilhão João Lyra Filho e o (2) Centro Cultural Oscar Tenório não apresentaram modificações em relação ao anteprojeto apresentado em 1968. A primeira modificação que podemos apontar foi a construção da (13) Capela Ecumênica⁸⁹ (Figura 13), destinada à celebração de cultos de diversas vertentes religiosas e a eventos institucionais da UERJ, como seminários e formaturas. A capela foi construída no local antes reservado a um campo de futebol, o qual foi deslocado para a área destinada às (4) quadras poliesportivas. Na configuração atual, ao invés de cinco quadras foram construídas apenas duas, acrescidas do campo de futebol e de uma piscina. A segunda modificação que podemos apontar foi a completa reconfiguração do (5) Teatro Odylo Costa Filho⁹⁰ (Figura 14) e, conseqüentemente, da Concha Acústica Marielle Franco e do Anfiteatro (Figura 15). A estrutura porticada do teatro, apresentada no anteprojeto, assume uma nova expressividade arquitetônica, acentuada pela caixa do palco que se eleva sobre a cobertura. Por fim, vale destacar que o edifício destinado à guarda e manutenção de veículos da Universidade, identificado em planta como (14) "garagem de veículos da universidade", foi construído após a inauguração do campus, não fazendo parte do projeto de Marinho Rêgo e Conde. E ainda se observa a construção de sete ao invés de quatro acessos ao campus como previa o anteprojeto. O campus possui três acessos pela avenida Radial Oeste (portões 1, 2 e 7), sendo um deles dedicado exclusivamente a pedestres, e outros quatro, um pela avenida professor Manoel de Abreu (portão 3), um pela rua Radialista Waldir Amaral (portão 4) e dois pela rua São Francisco Xavier (portão 5 e 6).

⁸⁹ Conde faz um comentário curioso a respeito do projeto da capela. Ao ser perguntado, em uma entrevista concedida ao Centro de Tecnologia Educacional (CTE-UERJ), no ano de 2004, se houve alguma influência ou pressão política do Regime Militar na concepção do projeto do campus, o arquiteto responde que não houve nenhuma influência ou pressão de caráter político, no entanto, em suas palavras, diz que "a única pressão foi fazer a Capela Ecumênica". Uma segunda curiosidade a respeito desse projeto são os painéis de 4 m de altura por 36 m de largura, do artista romeno Ion Muresanu, posicionados nas fachadas frontal e posterior da capela. Essa é a única manifestação artística que foge à austeridade das formas ortogonais dos edifícios do campus. Ver projeto da Capela Ecumênica, em anexo.

⁹⁰ Ver projeto do Teatro Odylo Costa Filho, em anexo.



Figura 13: Capela Ecumênica, em primeiro plano, e Pavilhão João Lyra Filho, ao fundo.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: NPD FAU-UFRJ.



Figura 14: Teatro Odylo Costa Filho, em primeiro plano, e Pavilhão João Lyra Filho, ao fundo.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: GUIMARAENS, C. (Org.). **Luiz Paulo Conde: Un arquitecto carioca.** Bogotá: Escala LTDA, 1994, p. 136.



Figura 15: Anfiteatro e a Concha Acústica Marielle Franco, em primeiro plano, e Pavilhão João Lyra Filho, ao fundo.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Página da Pró-Reitora de Pós-Graduação da UERJ no Facebook. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/SR2UERJ/photos/778563472715801>> Acesso em: 07 mai. 2021.

A configuração espacial do Campus Francisco Negrão de Lima se manteve a mesma desde a sua inauguração até os dias atuais. Podemos considerar essa como uma de suas primeiras singularidades, uma vez que são raros os casos de campi que mantêm a sua configuração espacial por um longo período, neste caso, 45 anos após a sua inauguração. Nesse período a UERJ se expandiu, novos institutos e faculdades e, conseqüentemente, cursos de graduação, pós-graduação e extensão foram criados. No entanto, o campus conseguiu acomodar o programa da Universidade⁹¹ e as diferentes demandas que se apresentaram nesse período sem que fosse necessária a construção de novos edifícios ou acréscimos ao conjunto arquitetônico existente. O fato de o campus da Universidade ter mantido a sua configuração espacial ao longo dos 45 anos que se sucederam à sua inauguração tem relação com a solução projetual apresentada por Marinho Rêgo e Conde, resultando em uma configuração única de campus, reconhecida como "micro universidade urbana".

⁹¹ Me refiro ao programa da Universidade no âmbito do Campus Francisco Negrão de Lima, ou seja, a estrutura que a UERJ deveria prover para atender aos novos institutos e faculdades e aos seus respectivos cursos de graduação, pós-graduação e extensão sediados em seu campus localizado no bairro do Maracanã. Vale destacar que a Universidade conta com instalações em outros 15 endereços no Estado do Rio de Janeiro, dentre os quais estão três campi voltados para a área de biomedicina, as instalações do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos e da Escola Superior de Desenho Industrial e a Casa de Cultura Dirce Côrtes Reidel e o Edifício Pedro Ernesto no Município do Rio de Janeiro. Além de outros sete campi nos municípios de Angra dos Reis, Duque de Caxias, Nova Friburgo, Petrópolis, Teresópolis, Resende e São Gonçalo.

3

Campus Francisco Negrão de Lima

O termo "micro universidade urbana", utilizado por Conde para classificar o campus UERJ em uma entrevista concedida ao Centro de Tecnologia Educacional (CTE-UERJ), em 2004, aparece nos artigos "Aqui uma universidade vertical", publicado na revista Projeto e Construção, em 1973, "UEG: uma universidade a serviço do desenvolvimento", na revista Manchete, em 1974, "Campus universitário UERJ, Rio de Janeiro", na revista Summa, em 1979, e no livro "Da gênese aos compromissos: uma história da UERJ (1950-1978)", lançado em 1996, de autoria de Deise Mancebo. Embora o termo seja facilmente compreendido, uma vez que o significado das palavras "micro", "universidade" e "urbana" permitem uma associação com as características gerais do campus da Universidade, em nenhuma das publicações, nem mesmo na entrevista concedida por Conde, se esclarecem quais são essas características e, ainda, quais são as especificidades inerentes ao campus da UERJ que permitem que o reconheçamos como uma "micro universidade urbana".

Com o objetivo de identificarmos essas características, bem como as referidas especificidades inerentes ao campus da UERJ e, ainda, a pertinência da utilização do termo "micro universidade urbana" em referência ao campus da Universidade, devemos compreender duas tipologias que estão na origem de casos representativos de campi universitários no Brasil e no mundo: o campus urbano e a cidade universitária. Recorremos, então, ao estudo realizado por Fernandes, citado no capítulo de introdução dessa dissertação, em artigo em que esse autor analisa as relações que se estabelecem entre campus e cidade, dedicando-se inicialmente a uma investigação do significado da palavra campus e as suas implicações espaciais, para em seguida definir a acepção da palavra cidade universitária e as conotações espaciais a ela inerentes. Segundo o autor, o campus compreende:

[...] o conjunto de edificações destinadas ao ensino superior, somado aos seus equipamentos e aos serviços que em função de sua presença lhe são agregados naturalmente. Esta definição confere ao campus um caráter de continente, ou seja, de conter todos os elementos que formam a universidade oficialmente, e, naturalmente, incluem-se aqui as edificações, ruas, praças e

equipamentos urbanos que, mesmo não vinculados à universidade, encontram-se dentro de seus entornos, ou seja em seu campus⁹².

Segundo esse entendimento, Fernandes afirma que "o campus, de que trata a cidade universitária, não é uma simples transposição das relações, de um ponto a outro da área urbana"⁹³. Neste caso "verifica-se uma deturpação do conceito de campus (no seu sentido mais amplo, estrutural) e não somente uma variação de escala"⁹⁴. O campus, no contexto da cidade universitária,

não conserva o esquema de relações anteriores com o meio urbano e com a população não universitária dos entornos. Estas relações são anuladas e substituídas por um novo elenco, geralmente artificial, das relações entre os 'contribuintes' do ensino superior, limitados inclusive geograficamente a um espaço exclusivo: a cidade universitária moderna. O novo campus, o da cidade universitária, perde seu aspecto de 'continente', passa a ser 'contido' – espacial e socialmente [...]. O novo campus está livre dos elementos 'estranhos à vida universitária'; a cidade, em seu crescimento desordenado, não invade mais o território da universidade. Nem esta invade o da cidade⁹⁵.

Após essa fundamentação, o autor identifica quatro configurações-tipo de campus encontradas no Brasil, tendo em vista a sua configuração e relação com o meio urbano. São assim designadas: campus e aglomerados tradicionais; campus e aglomerados em processo de transformação; cidade universitária isolada; e cidade universitária, cuja urbanização do entorno foi previamente planejada.

⁹² Id., p. 72.

⁹³ Id., p. 73.

⁹⁴ Id., *ibid.*

⁹⁵ Id., *ibid.*

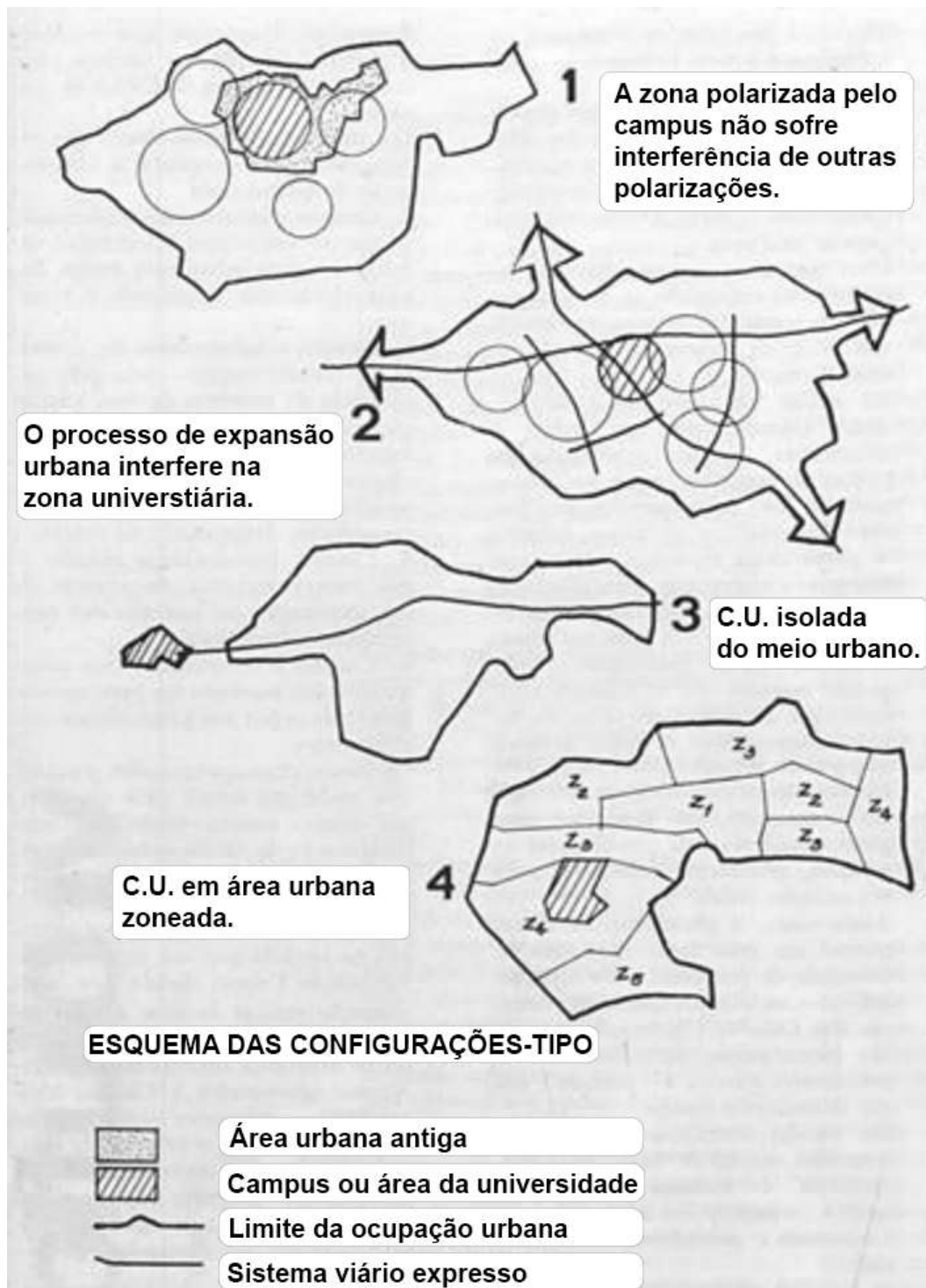


Figura 16: Esquema das configurações-tipo identificadas por Fernandes.

Crédito: FERNANDES, 1974 (editado pelo autor).

Fonte: FERNANDES, A. V. Campus e meio urbano universitário. *Revista Arquitetura, Planejamento e Construção*. Rio de Janeiro, 1974, ed. 04, p. 74.

No primeiro tipo identificado por Fernandes, "campus e aglomerados tradicionais", o campus não apresenta limites bem definidos e seus edifícios estão implantados de maneira dispersa em zona urbana consolidada. Dessa forma, a possibilidade de expansão de suas instalações é limitada e a probabilidade de

intervenções externas na zona polarizada pelo campus são reduzidas, caso típico de universidades situadas em bairro histórico. Nessas circunstâncias o campus é compreendido pela sua zona de influência ou pela "zona polarizada pelo campus"⁹⁶ que, segundo o autor, abrange os edifícios ocupados pela universidade, assim como aqueles que "em função de sua presença lhe são agregados naturalmente", mesmo que não sejam diretamente vinculados à universidade. O autor lembra que essa configuração ocorre raramente no Brasil e aponta como exemplo o campus da Universidade Federal de Ouro Preto⁹⁷ (UFOP), localizado no centro histórico de Ouro Preto.

No segundo tipo, "campus e aglomerados em processo de transformação", o campus pode ou não apresentar limites bem definidos, localizando-se em zona urbana em processo de transformação. Este processo compreende o crescimento da cidade, no qual fatores como novas políticas públicas de planejamento urbano, grandes obras de infraestrutura e a especulação imobiliária podem impactar a zona polarizada pelo campus, incluindo, conseqüentemente, o próprio campus. O autor afirma que essa configuração era recorrente no Brasil, devido ao acentuado desenvolvimento das cidades brasileiras nos anos 1960 e 1970, podemos citar como exemplo o campus da PUC-Rio, localizado no bairro da Gávea⁹⁸.

No terceiro tipo, "cidade universitária isolada", o campus apresenta limites bem definidos, localizando-se em área isolada do meio urbano. A localização isolada segue o princípio do zoneamento funcional da cidade e, dessa forma, a possibilidade de expansão de suas instalações é limitada pelo potencial construtivo

⁹⁶ Quando o autor utiliza o termo "zona polarizada pelo campus", ele está se referindo a uma determinada região impactada pela presença do campus, no que diz respeito a sua influência sobre o perfil do morador, do comércio e dos serviços, bem como o tipo de equipamento e a qualidade da infraestrutura urbana da região em questão, considerada parte integrante do campus universitário.

⁹⁷ Até a construção do campus Morro do Cruzeiro, em área periférica do centro histórico de Ouro Preto, nos anos 1970, todas as instalações da UFOP como as faculdades, os institutos e a reitoria, assim como as repúblicas, o comércio e todos os outros serviços e equipamentos que não são vinculadas diretamente à Universidade, mas que têm uma relação direta com a sua presença, ocupavam edifícios no centro histórico, fazendo dessa região o campus da Universidade. Apesar da construção do novo campus, a Universidade ainda mantém uma relação de polarização com o centro histórico da cidade.

⁹⁸ Nos anos 1970 havia um impasse a respeito das obras da autoestrada Lagoa-Barra, sobretudo, no ponto de ligação do Túnel Zuzu Angel, à época Túnel Dois Irmãos, com o bairro da Gávea. O Departamento de Estradas e Rodagens (DER) propunha um traçado que atravessava o campus da PUC. Em contrapartida, a Universidade propunha um traçado alternativo. Por fim, a ligação ocorreu em área adjacente à PUC, atravessando e descaracterizando o Conjunto Residencial Marquês de São Vicente, e a autoestrada foi inaugurada em 1982. Embora o campus tenha sido preservado, essa situação demonstra a tensão em que se encontravam campi universitários em áreas em processo de transformação, nos anos 1960 e 1970.

do terreno onde o campus está implantado, independentemente das limitações de uma zona urbana consolidada, como ocorre no tipo 1, e protegido de possíveis interferências na zona onde o campus está instalado, como ocorre no tipo 2. Nesses casos a universidade só poderá se expandir dentro dos limites do campus. O autor aponta como exemplo a Cidade Universitária da UFRJ⁹⁹, localizada na Ilha do Fundão.

Por fim, no quarto tipo, "cidade universitária cuja urbanização dos entornos foi previamente planejada", o campus apresenta limites bem definidos, localizando-se em zona previamente planejada, caso típico de cidades que foram construídas a partir de um plano diretor. Este caso é análogo ao tipo 3 quanto às possibilidades de expansão da estrutura universitária. No entanto, o crescimento de seu entorno é planejado, acompanhando a construção do campus e as demandas da universidade. O autor cita como exemplo os campi Zeferino Vaz¹⁰⁰, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Darcy Ribeiro¹⁰¹, da UnB¹⁰².

Os tipos identificados por Fernandes dizem respeito à configuração do campus e a sua relação com a cidade, havendo em cada um dos casos analisados uma relação dialógica entre campus e cidade. Vale lembrar que a investigação do autor se limita ao momento de implantação de cada um dos casos, sendo provável que se modifiquem ao longo do tempo, assumindo uma nova configuração no futuro.

O Campus Francisco Negrão de Lima não se encaixa nas tipologias apresentadas anteriormente, sendo reconhecido por Fernandes como um caso raro de campus instalado em zona urbana consolidada:

⁹⁹ Apesar das obras de infraestrutura que facilitaram o acesso à Ilha do Fundão e do crescimento do seu entorno, compreendido pelo bairro do Caju, Complexo da Maré e Ilha do Governador, a Cidade Universitária da UFRJ conservou a sua condição de isolamento, sobretudo por suas características geográficas.

¹⁰⁰ O Campus Zeferino Vaz foi construído em uma área de aproximadamente 726.000 m², localizada a doze quilômetros do centro de Campinas, doada por João Adhemar de Almeida Prado à UNICAMP. Prevendo o desenvolvimento e a valorização da região, Almeida Prado investiu na urbanização e no loteamento da área no entorno do campus. Por um lado, o doador se beneficiou com a venda dos lotes, e, por outro, a Universidade se favoreceu da infraestrutura instalada e de um entorno capaz de absorver as demandas da população universitária, no qual foram construídas moradias, pequenos comércios etc.

¹⁰¹ O Campus Darcy Ribeiro, citado anteriormente, é o caso mais representativo dessa tipologia. Em casos como esse, no qual a universidade é projetada concomitantemente com a cidade, as possibilidades de interferência externa na zona onde o campus está instalado são muito reduzidas.

¹⁰² Fernandes diz que apesar das diferenças entre os campi da UNICAMP e da UnB, a configuração espacial, em ambos os casos, é análoga: "um campus planejado, e, fora de seus limites, áreas contíguas, de uso predominantemente residencial, de bom nível, servidos em seu conjunto por redes de serviços e vias asfaltadas" (FERNANDES, op. cit., p. 75).

são raros os casos de campi universitários cujos terrenos localizam-se em área urbanizada já quando de sua implantação [...]. Exceção importante encontramos no caso da implantação recente do campus da UEG, construído em terreno urbano, próximo ao Maracanã, no Rio de Janeiro¹⁰³.

O terreno destinado à construção do campus (Figura 17 e Figura 18), localizado no bairro do Maracanã, é delimitado pelas avenidas Radial Oeste e professor Manoel de Abreu e pelas ruas Radialista Waldir Amaral (antiga Turf Club) e São Francisco Xavier. A configuração urbana e as implicações espaciais inerentes a essa condição fizeram com que o campus da UERJ fosse considerado como uma solução fora dos padrões da época:

Como solução mais recente, e fora dos padrões gerais, encontramos no Rio de Janeiro o campus da UEG. Construída em terreno preestabelecido, a UEG prescindiu de um plano de localização e também do planejamento de seus entornos. Estes constituem-se em meio urbano diversificado, com avenidas modernas e espaços abertos (para os lados do Maracanã) e áreas mistas de prédios novos e sobrados antigos, na porção Sul¹⁰⁴.



Figura 17: Imagem aérea do Campus Francisco Negrão de Lima, 2020.
Crédito: Ortofoto do Google Earth, 2020 (editada pelo autor).
Fonte: Acervo do autor.

¹⁰³ FERNANDES, 1974, p. 74.

¹⁰⁴ Id., p. 83.



Figura 18: Imagem aérea do Campus Francisco Negrão de Lima, 2020.

Crédito: Ortofoto do Google Earth, 2020 (editada pelo autor).

Fonte: Acervo do autor.

O campus da UERJ pode ser considerado como uma solução "fora dos padrões" por apresentar características das tipologias "campus urbano" e "cidade universitária". A sua localização em uma zona urbana consolidada, com a qual o campus estabelece uma relação de polarização, é uma das características que o aproxima, considerando a acepção de Fernandes, da tipologia "campus urbano". A sua instalação na região da Grande Tijuca respondeu, em parte, pelo processo de transformação da configuração urbana dessa região, em especial, da área compreendida pelo bairro do Maracanã¹⁰⁵. Essas transformações também se devem à instalação do Estádio do Maracanã na região, ambos são responsáveis pelas transformações no tecido urbano e social do bairro, que ainda hoje se ressentem dessas intervenções. Vale estabelecer um recorte histórico para compreendermos em que medida a instalação desses equipamentos, sobretudo do campus da UERJ, influenciaram essas transformações.

Ao voltarmos para o início do século XX, vemos que a área onde o Estádio do Maracanã e o campus da UERJ foram construídos era ocupada, respectivamente, pelos prados do Derby e do Turf Club (Figura 19). Ambos eram clubes de turfe, o

¹⁰⁵ O Maracanã só foi reconhecido como bairro em 1º julho de 1981, por meio da Lei n.º 443/1981.

Derby, fundado em 1885, promoveu corridas neste prado entre 1890 e 1932, até sua fusão com o Jockey Club da Gávea.



Figura 19: Planta da cidade do Rio de Janeiro e, em destaque, quatro prados cariocas: Jockey Club, em vermelho, Turf Club, em azul, Derby Club, em laranja, e Hipódromo Nacional, em verde. E ainda, a área provável do Prado Guarani, em roxo (Grifos de Melo e Chevitarese).

Crédito: [s/autor], [190?].

Fonte: MELO, V. A. de; CHEVITARESE, A. L. Uma arqueologia do esporte: a paisagem do Prado Guarany (1884-1890). Revista História São Paulo, v. 39, jan. 2020. Disponível em: <<http://historiasp.franca.unesp.br/uma-arqueologia-do-esporte-a-paisagem-do-prado-guarany-1884-1890/>> Acesso em: 16 jul. 2021.

O tecido urbano da área compreendida pelo bairro do Maracanã, no período em que os prados do Derby e do Turf Club estavam em atividade, mudou significativamente em comparação aos dias atuais. No entanto, alguns eixos estruturantes foram mantidos, como a malha ferroviária, e alguns dos eixos da

malha viária, a exemplo da Avenida Maracanã e da Rua São Francisco Xavier (Figura 20).

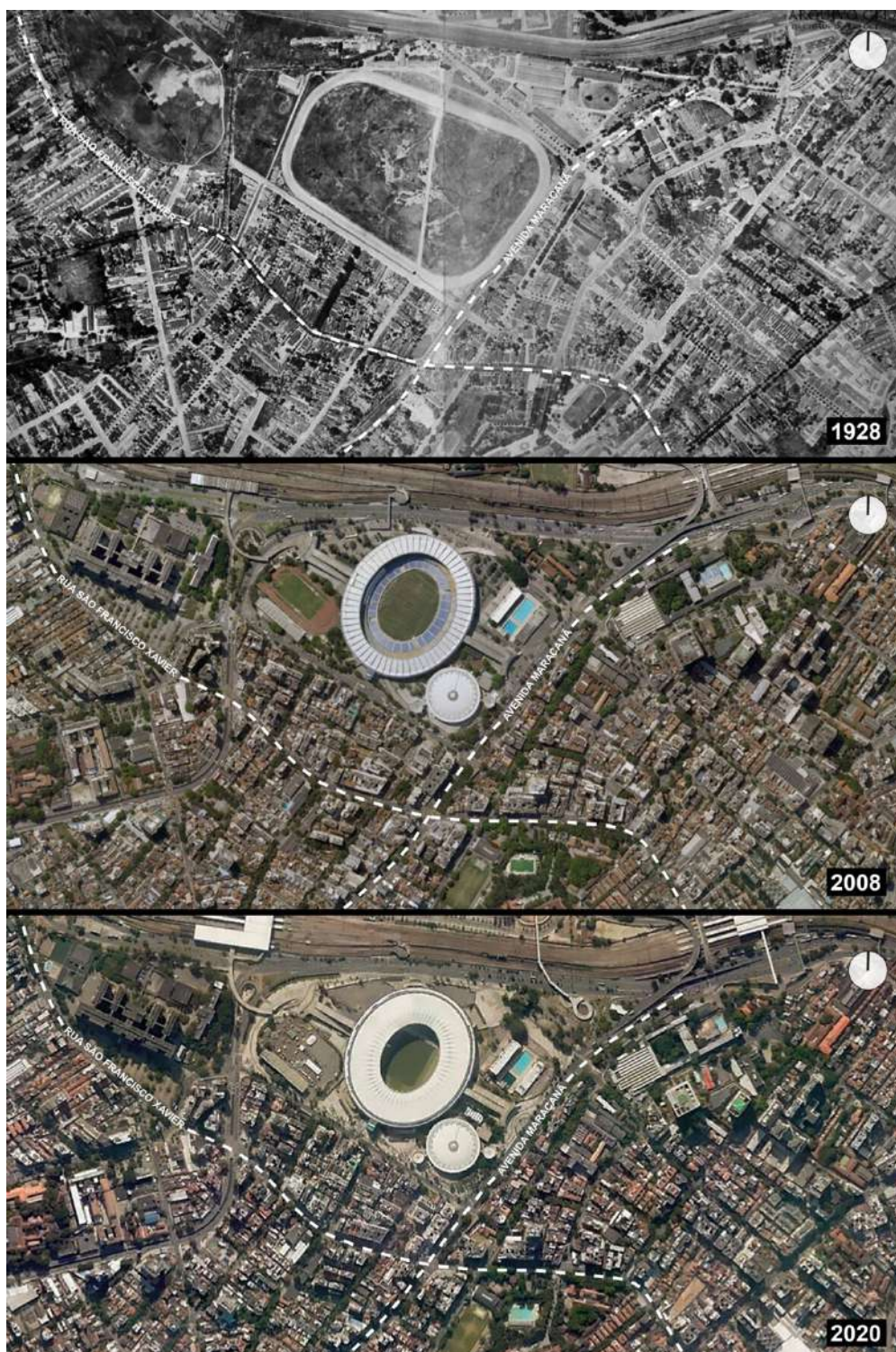


Figura 20: Área compreendida pelo bairro do Maracanã em 1928, durante o período em que o Derby Club estava em atividade; 2008, ano seguinte das obras de requalificação do Estádio do Maracanã para o Pan Americano de 2007; e 2020, ano em que o Estádio do Maracanã comemorou seu 70º aniversário, após as obras de requalificação para a Copa do Mundo de 2014.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Disponível em: <<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/especial/maracana-70-anos>> Acesso em: 16 jul. 2021.

Ainda em 1929, antes do fim das atividades do Derby Club, começa a ser construído, na área então ocupada pelo Turf Club, o edifício do hospital-escola da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Figura 21), apropriado pelos moradores da Favela do Esqueleto, como visto no capítulo anterior.



Figura 21: Prado do Derby Club e a estrutura inacabada do edifício do hospital-escola da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ao fundo.

Crédito: [s/autor], [1932].

Fonte: Página no Facebook "A Tijuca de Antigamente". Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/atijucadeantigamente/posts/863813383677443:0>> Acesso em: 16 set. 2021.

O edifício do hospital-escola, atual Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, presenciou significativas transformações no bairro do Maracanã, das corridas no Prado do Derby Club até a construção do Estádio do Maracanã e do campus da UERJ. Este edifício tem um grande valor histórico para o bairro e é um importante fio condutor da história do Estádio do Maracanã e do campus da UERJ. Ele está presente em diversos registros históricos, configurando-se como um referencial para compreendermos a evolução do bairro e a construção do Maracanã e da UERJ (Figura 22).



Figura 22.: Imagem anterior à instalação do Campus Francisco Negrão de Lima, registrada entre 1950 e 1965, à esquerda, e imagem atual gerada no Google Maps, demonstrando a verticalização da região no entorno do campus, à direita. Destaque para o "esqueleto", atual Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha em ambas as imagens.

Crédito: [s/autor], [s/data] (editado pelo autor).

Fonte: Pinterest. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/570620215287954638/>> Acesso em: 15 jul. 2021.

A construção do Estádio do Maracanã (1947 projeto | 1948-50 construção) para a Copa do Mundo de 1950, na área então ocupada pelo Derby Club, em um primeiro momento não implicou alterações significativas na configuração urbana do bairro do Maracanã. No entanto, a implantação do Estádio subverteu a estrutura do tecido urbano do bairro, organizado em quadras e lotes, bem como a escala dos edifícios, composta, predominantemente, por casas e sobrados (Figura 23). É possível relacionarmos a construção do Estádio com a formação e o crescimento das favelas em seu entorno, sobretudo a Favela do Esqueleto. Vale destacar a instalação dessa favela na região ocorreu entre o fim das atividades do Derby Club, em 1932, e a inauguração do Maracanã, em 1950¹⁰⁶.

¹⁰⁶ O processo de formação e expansão das favelas no entorno do Estádio do Maracanã demanda um estudo mais aprofundado, que foge ao escopo dessa pesquisa. No entanto, é possível estabelecer uma relação entre a construção do Estádio e o crescimento da população residente nas favelas em seu entorno.



Figura 23: Estádio do Maracanã recém-construído, ao centro, e a estrutura do edifício do hospital-escola da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em destaque, à direita.

Crédito: [s/autor], [195?].

Fonte: Agência O Globo. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/maracana-16384174>> Acesso em: 14 jul. 2021.

A construção do campus da UERJ (1968 projeto | 1969-76 construção) coincidiu e, em certa medida, influenciou obras importantes no bairro do Maracanã, como a abertura da Praça Presidente Emílio Garrastazu Médici¹⁰⁷ e a duplicação da Avenida Radial Oeste (Figura 24).

¹⁰⁷ A praça, que leva o nome do Presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), contava com um monumento erguido pelo Governo do Estado da Guanabara em homenagem à juventude, à cultura e ao esporte. Este foi retirado durante as obras de requalificação do Estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014, realizadas entre 2010 e 2013. Além da retirada do monumento, as obras de urbanização no entorno do estádio se apropriaram de uma área significativa da praça, descaracterizando-a. Anos depois, a construção de uma galeria fluvial para desviar o Rio Joana, em 2019, destruiu por completo a praça, uma vez que a galeria foi construída no eixo da praça, inviabilizando o seu uso enquanto espaço público.



Figura 24: Capa da reportagem sobre a UERJ, publicada na Revista Manchete, em 1974. Pode-se ver a Avenida Radial Oeste, duplicada pouco antes da inauguração do campus, à direita, e a Praça Presidente Emílio Garrastazu Médici, recém inaugurada, ao centro, na parte inferior da imagem. Crédito: [s/autor], [1974].

Fonte: UEG: UMA UNIVERSIDADE A SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO. **Revista Manchete**, ed. especial, p. 154-155, jan. 1974.

O campus da UERJ, assim como o Estádio do Maracanã, subverteu a estrutura do tecido urbano e a escala dos edifícios do bairro do Maracanã. O Pavilhão João Lyra Filho, principal edifício do campus, é um grande edifício cuja escala é comparável a do Estádio (Figura 25). Ambos se destacam do contexto em que foram implantados não apenas por suas dimensões, como também pelo programa que comportam: um campus universitário e de um estádio de futebol, voltados a atender um público que extrapola a escala do bairro onde foram construídos. É possível afirmar que a construção do campus da UERJ foi um processo ainda mais invasivo para o bairro do Maracanã que a do próprio Estádio, no que diz respeito ao deslocamento da população da área em que o campus foi construído, então ocupada pela Favela do Esqueleto¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Como visto no capítulo anterior, a população residente na Favela do Esqueleto, cerca de 2.100 famílias, foi removida para a Vila Kennedy devido a construção do campus da Universidade.

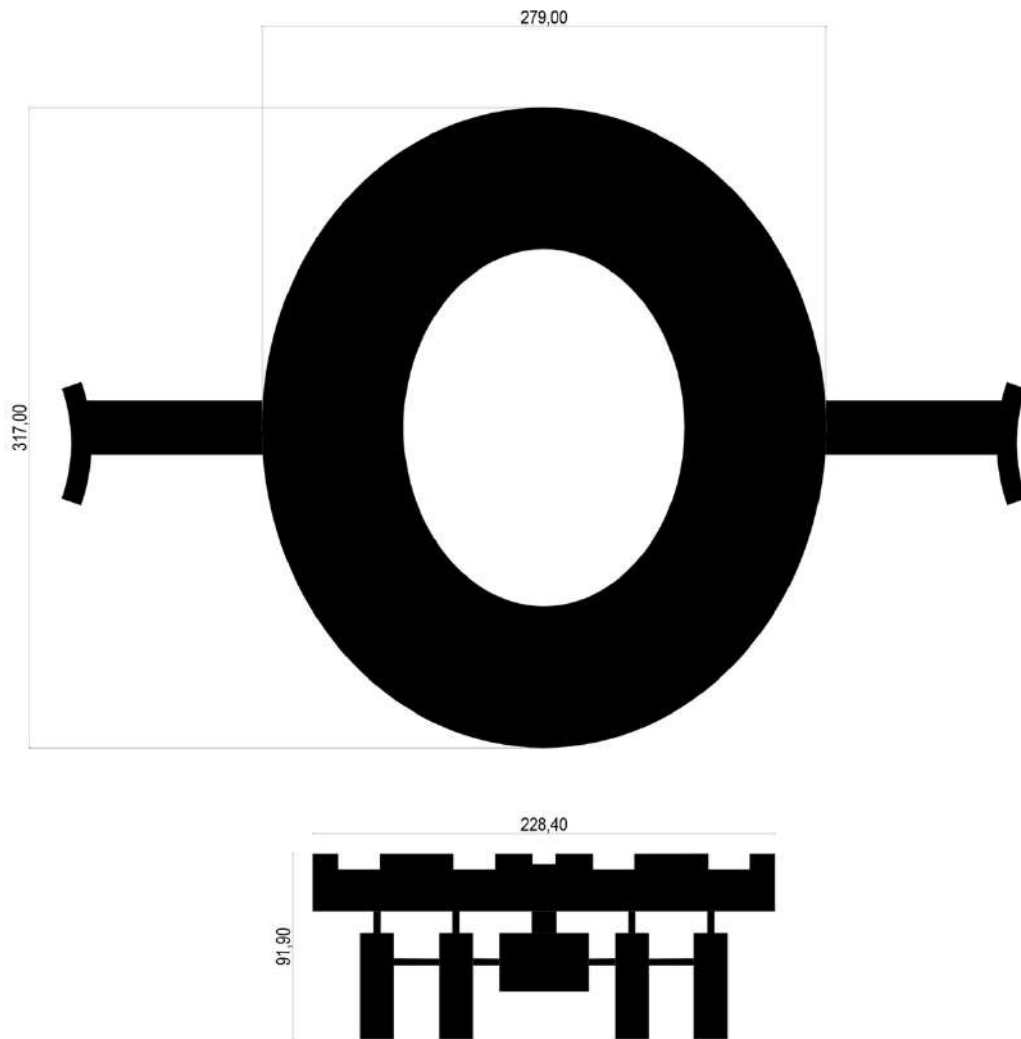


Figura 25: O eixo do menor diâmetro do Estádio do Maracanã, acima, é proporcional a largura do Pavilhão João Lyra Filho, abaixo.

Crédito: Produzido pelo autor.

Fonte: Acervo do autor.

O Estádio do Maracanã e o campus da UERJ são dois pontos de polarização no bairro do Maracanã, ambos influenciaram transformações importantes na configuração urbana do bairro. Como exemplo mais recente, podemos citar as intervenções realizadas no bairro para a Copa do Mundo de 2014 e para as Olimpíadas de 2016, em razão dos eventos esportivos realizados no Estádio.

Ainda que o campus da UERJ apresente características que o aproximam da tipologia "campus urbano", como a sua localização em uma zona urbana consolidada e a relação de polarização que mantém com o meio urbano e com a população não universitária de seu entorno, não podemos reconhecê-lo como um campus urbano nos termos apresentados por Fernandes, uma vez que o campus não apresenta um caráter de continente. Ao contrário, os seus limites bem definidos

fazem com que a Universidade esteja contida espacial e socialmente dentro desses limites, característica que o aproxima da tipologia "cidade universitária". Entretanto as dimensões reduzidas do terreno destinado à sua construção e a implantação compacta de seus edifícios se opõem à ideia de cidade universitária. Dessa forma, não podemos dizer que o campus da UERJ deriva de uma ou de outra tipologia, como aqueles apresentados por Fernandes; o correto a dizer é que o campus da Universidade é um híbrido entre ambas as tipologias.

A cidade universitária se caracteriza por estar contida espacial e socialmente dentro de limites bem definidos. Embora esses limites possam apresentar restrições as possibilidades de expansão de uma determinada universidade, a ideia de "cidade universitária" pressupõe campi de grandes dimensões, como é o caso da Cidade Universitária da UFRJ que dispõe de uma área de 4.690.700 m². Nesses casos é comum a opção pelo espraiamento e horizontalidade. Embora essa solução seja compatível com as dimensões de um terreno de grandes dimensões, demanda custos elevados na implementação da infraestrutura necessária para atender toda a área compreendida pelo campus e seus respectivos edifícios. Além disso, submete a população universitária a grandes deslocamentos no interior do campus.

O deslocamento do estudante no interior do campus, assim como o seu acesso à universidade eram questões que preocupavam Marinho Rêgo e Conde. Em entrevista concedida ao CTE-UERJ, em 2004, Conde, que assim como Marinho Rêgo foi aluno e professor da FAU-UFRJ, comenta sobre os inconvenientes da configuração da Cidade Universitária da UFRJ quanto à distância que os alunos precisavam percorrer entre os edifícios do campus e o deslocamento de seus locais de moradia e trabalho até a universidade, e menciona o quanto isso o frustrava ¹⁰⁹. Nesse sentido, a boa localização do terreno destinado à construção do campus da UERJ agradava aos arquitetos, uma vez que facilitava o acesso do estudante à Universidade. Já as dimensões reduzidas do terreno, que conta com uma área de 120.000 m², e o reconhecimento dos inconvenientes de uma implantação espraiada levaram os arquitetos a optarem pelo adensamento e verticalização do programa. Essa solução implicou a redução dos deslocamentos no interior do campus e dos custos com a sua construção, sobretudo com as obras de infraestrutura.

¹⁰⁹ Ver entrevista do arquiteto, em anexo.

As dimensões do terreno destinado à construção do campus da UERJ não foram o único fator responsável por uma abordagem compacta do programa. Quanto a essa questão, podemos estabelecer um paralelo com o Campus Darcy Ribeiro da UnB. Mesmo dispondo de uma área de 3.950.579 m², Niemeyer, responsável pela concepção de diversos edifícios do campus, optou por uma solução compacta ao projetar o edifício do Instituto Central de Ciências (ICC), concentrando em uma única estrutura linear quatro dos nove institutos básicos da Universidade, como visto no capítulo anterior. Em ambos os casos, a solução apresentada responde ao novo paradigma de organização das instituições de ensino superior, como mencionado no capítulo anterior, e a uma concepção racional do projeto.

O ponto central do projeto do campus da UERJ é a alocação dos centros setoriais. O concurso que precedeu a sua construção estabelecia como diretriz de projeto a construção de edifícios separados para cada um dos quatro centros setoriais da Universidade, conforme já mencionado. No entanto, nas palavras de Marinho Rêgo, essa diretriz estava "fora de época", levando os arquitetos a proporem a construção de um único edifício, o Pavilhão João Lyra Filho, para abrigar esses centros setoriais e seus respectivos institutos e faculdades. A concentração do programa em um único edifício, capaz de abrigar as mais variadas configurações do ambiente universitário, tem como precedente o ICC da UnB. No entanto, no caso da UERJ, verificou-se que o Pavilhão João Lyra Filho assume uma configuração e complexidade inéditas, uma vez que o edifício concentra em uma estrutura em malha vertical o programa da Universidade.

Por um lado, o programa do campus da UERJ apresenta uma simplificação em relação aos campi da UFRJ e da UnB, em razão das dimensões modestas do terreno destinado à sua construção e da sua localização em uma zona urbana consolidada, permitindo aos arquitetos que tirassem partido da oferta de moradias, equipamentos e serviços públicos da cidade, prescindindo de equipamentos como alojamento para estudantes e professores, indispensáveis a campi afastados de zonas urbanas. Por outro lado, o programa do Pavilhão João Lyra Filho apresenta um grau de complexidade maior que qualquer um dos edifícios de ambos os campi, uma vez que concentra, majoritariamente, o programa da Universidade, respondendo por 75% da área construída do campus (Figura 26).

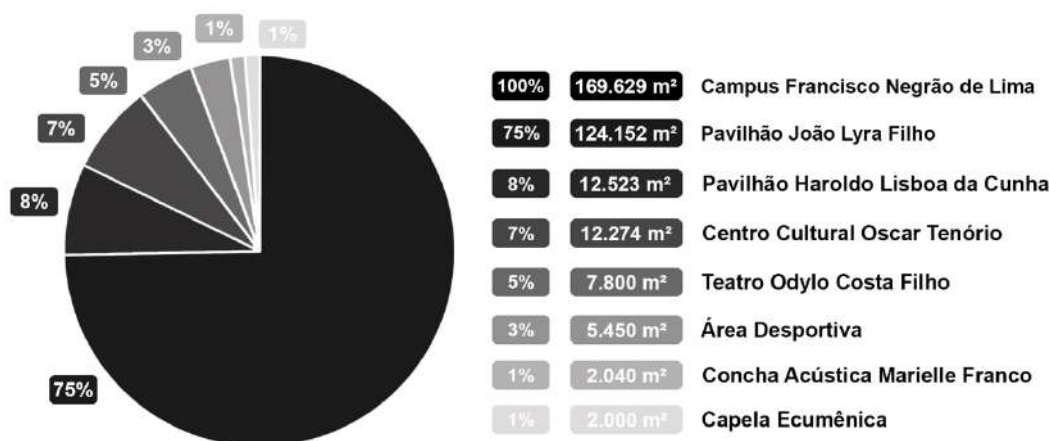


Figura 26: Campus Francisco Negrão de Lima - Área construída por edifício.
 Crédito: Produzido pelo autor, com base no DataUERJ, 2020.
 Fonte: Acervo do autor.

O conjunto arquitetônico da UERJ está organizado segundo dois eixos: o primeiro, orientado na direção nordeste - sudoeste, atravessa as duas entradas principais do campus, articulando o Pavilhão João Lyra Filho ao Teatro Odylo Costa Filho e à Capela Ecumênica; o segundo, orientado na direção noroeste - sudeste, atravessa umas das entradas laterais do campus, articulando o Pavilhão João Lyra Filho ao Centro Cultural Oscar Tenório. O ponto em que os eixos se cruzam demonstra a posição central ocupada pelo Pavilhão João Lyra Filho na implantação do campus (Figura 27).

Esses dois eixos coincidem com os eixos centrais de circulação do campus, que se cruzam no bloco C do Pavilhão João Lyra Filho, responsável por articular as circulações do edifício. O projeto original de Marinho Rêgo e Conde previa um sistema contínuo de circulações, através do qual o estudante poderia transitar entre os edifícios do campus abrigado de intempéries. No eixo nordeste - sudoeste, o estudante acessa o campus pela entrada principal de pedestres, situada na Avenida Radial Oeste, e atravessa até o Pavilhão João Lyra Filho abrigado por um sistema de circulações coberto; por sua vez, no eixo noroeste - sudeste, a passarela de ligação entre o Pavilhão João Lyra Filho e o Centro Cultural Oscar Tenório não foi executada, prejudicando a fluidez do sistema de circulação previsto pelos arquitetos (Figura 28).

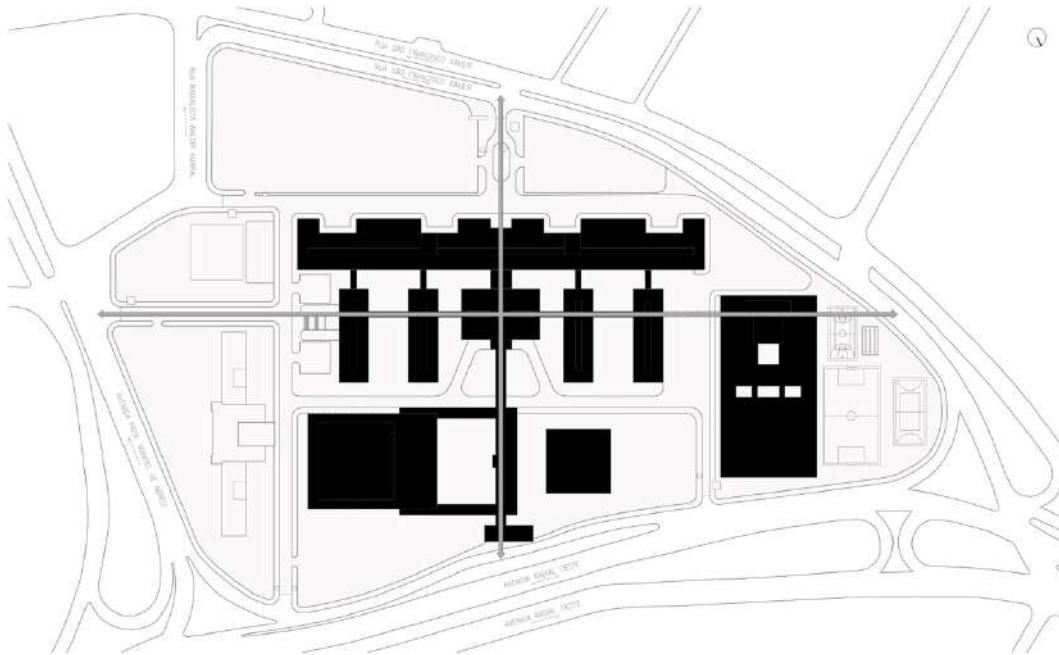


Figura 27: Campus Francisco Negrão de Lima - Planta de Situação Esquemática.

Crédito: Produzido pelo autor.

Fonte: Acervo do autor.



Figura 28: Perspectiva da passarela de ligação entre o Pavilhão João Lyra Filho e o Centro Cultural Oscar Tenório, não executada, à esquerda.

Crédito: Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde Arquitetos Associados LTDA, 1968.

Fonte: NPD FAU-UFRJ.

A coesão do conjunto arquitetônico, verificada na implantação e no sistema de circulações, também está presente na concepção do arcabouço estrutural, nos elementos construtivos e materiais empregados na construção dos edifícios do campus.

Este capítulo se propôs a identificar as características e as especificidades inerentes ao campus da UERJ e a verificar a pertinência da utilização do termo "micro universidade urbana," em referência à sua configuração espacial. Inicialmente apresentamos as características e as relações sócio-espaciais inerentes

às tipologias "campus urbano" e "cidade universitária", bem como as configurações tipo de campi no Brasil, reconhecidas por Fernandes nos anos 1970, e então constatamos que o campus da UERJ pode ser considerado como uma solução "fora dos padrões", por apresentar uma configuração híbrida, inédita entre os campi aqui estudados. Em seguida, identificamos que a opção de Marinho Rêgo e Conde pelo adensamento e verticalização do programa tem relação com as dimensões reduzidas do terreno destinado à construção do campus da Universidade e com a negação de um modelo de campus que os arquitetos acreditavam estar superado. Além disso, verificou-se que a abordagem compacta do programa responde ao novo paradigma de organização das instituições de ensino superior e a uma concepção racional do projeto. Por fim, verificamos a coesão do conjunto arquitetônico do campus, no que diz respeito à implantação e ao sistema de circulações. Demais aspectos responsáveis por promover a coesão do conjunto, relacionados ao arcabouço estrutural, aos elementos construtivos e aos materiais empregados na construção dos edifícios, serão abordados no capítulo seguinte ao estudarmos o Pavilhão João Lyra Filho.

Realizada essa pesquisa, podemos dizer que é pertinente a utilização do termo "micro universidade urbana" em relação ao campus da UERJ, uma vez que resume em poucas palavras aspectos gerais do campus da Universidade, como a sua localização em uma zona urbana consolidada e a configuração compacta do seu conjunto arquitetônico. No entanto, não revela características centrais que fazem com que a UERJ seja reconhecida como uma "micro universidade urbana", como a configuração híbrida do seu campus e as especificidades do seu conjunto arquitetônico, em especial do Pavilhão João Lyra Filho, tarefa que essa pesquisa se propôs a realizar.

Essa pesquisa também nos ajudou a compreender como o campus da UERJ conseguiu manter a sua configuração espacial ao longo dos 45 anos que sucederam a sua inauguração. Podemos relacionar esse fato à sua localização em uma zona urbana consolidada, aos seus limites bem definidos e às dimensões modestas do terreno destinado à sua construção, condicionantes que impuseram restrições ao seu crescimento. Contudo, este fato está especialmente vinculado à opção dos arquitetos pelo adensamento e verticalização do programa em uma única estrutural flexível, concentrando as unidades administrativas e acadêmicas da Universidade em um único edifício. Essa solução resultou no Pavilhão João Lyra Filho, que

conseguiu absorver o crescimento da UERJ durante os anos que sucederam a inauguração do seu campus. Nesse período, o crescimento da Universidade se deu no interior deste edifício, se acomodando horizontal e verticalmente dentro desta estrutura.

Não é possível dissociar o estudo do campus da UERJ do Pavilhão João Lyra Filho. A investigação proposta neste capítulo destacou características importantes deste edifício, dentre as quais estão a sua escala e a complexidade do programa por ele abrigado. O modo como o edifício respondeu ao crescimento da Universidade indica uma possível relação com a ideia de megaestrutura. O capítulo seguinte se dedica a investigar as conexões que constituem a rede na qual o campus da Universidade está inserido e, em especial, a relação com casos representativos de megaestruturas no âmbito universitário nos anos 1960 e 1970.

4

Pavilhão João Lyra Filho

Nos anos 1960, há um crescimento expressivo da estrutura voltada para o ensino superior no Brasil em razão da criação de novas universidades, como a UnB, citada anteriormente, e outras como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1960, a UNICAMP, em 1962, a Universidade Federal de São Carlos (UFScar), em 1968, e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 1969. Um segundo fator que contribuiu com a expansão da estrutura voltada para o ensino superior nesse período tem relação com o processo tardio de formação das instituições de ensino superior no Brasil, como visto no capítulo 2. Universidades criadas na primeira metade do século XX cresceram e se estruturaram, passando a demandar por instalações mais adequadas, como foi o caso da UERJ.

Nesse mesmo período, verifica-se um crescimento semelhante, quando se observa a estrutura voltada para o ensino superior no cenário internacional. Jill Pellew e Miles Taylor, editores do livro "*Utopian universities: A global history of the new campuses of the 1960s*"¹¹⁰, publicado em 2020, afirmam que os anos 1960 foram uma década notável de investimento público no ensino superior. Segundo os autores, foram construídos cerca de 200 novos campi universitários em todo o mundo, nesse período. Voltados para as universidades criadas no Reino Unido e nos países do *Commonwealth*¹¹¹, os autores destacam as universidades criadas na

¹¹⁰ O livro se propõe a apresentar um panorama global das universidades e dos novos campi construídos nos anos 1960, embora o seu foco esteja voltado para o Reino Unido e para os países do *Commonwealth*. Universidades e campi construídos fora desse bloco são citados, embora sem o aprofundamento necessário, como é o caso do Campus Darcy Ribeiro da UnB. O título do livro "Universidades Utópicas" se relaciona à característica disruptiva dessas propostas, seja no caso britânico, no qual os campi das novas universidades criadas nos anos 1960 quebram com a tipologia tradicional inglesa, associada aos campi das universidades de Oxford e Cambridge, seja no caso brasileiro, no qual a criação da UnB foi um antecedente para a modernização do ensino superior no país, culminando na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961, e na Lei da Reforma Universitária, de 1968.

¹¹¹ O *Commonwealth* é uma organização intergovernamental composta por 54 países, em sua maioria antigas colônias do Reino Unido, que tem como objetivo promover a cooperação entre os países membros. A influência sobre os países colonizados pelo Reino Unido, e mesmo sobre aqueles que haviam conquistado sua independência nos anos 1960, também se dava no âmbito da arquitetura, uma vez que arquitetos britânicos eram enviados para os países do *Commonwealth* para projetar seus campi universitários, exportando a cultura projetual europeia para nações do bloco. Anthony Chitty foi um dos arquitetos britânicos enviados para projetar edifícios universitários em países do *Commonwealth*, como no Quênia, Gana e Zâmbia; um de seus

Inglaterra nos anos 1960, como a Universidades de Sussex, East Anglia, York, Lancaster, Kent, Essex e Warwick.



Figura 29: Novas universidades públicas fundadas ao redor do mundo, 1961-70.

Crédito: [s/autor], [s/data] (editado pelo autor).

Fonte: PELLEW, J.; TAYLOR, M. (Org.). **Utopian universities**: A global history of the new campuses of the 1960s. Londres: Bloomsbury, 2020, p. 18.

No início do livro os autores apresentam um mapa no qual identificam as novas universidades públicas criadas ao redor do mundo, entre 1961 e 1970 (Figura 29). Neste mapa foram identificadas cinco universidades brasileiras, dentre as quais estão a UFSC, UnB, UNICAMP e UFScar, já mencionadas, e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMT), fundada em 1970. No Brasil, a criação de novas universidades, assim como o crescimento daquelas criadas na primeira metade do século XX, responde pela expansão da estrutura voltada para o ensino superior verificada nos anos 1960 e 1970. Nesse período foram inaugurados os campi da UnB, em 1962, da UNICAMP, em 1968, da UFRJ, em 1972¹¹², e da

trabalhos mais conhecidos é o campus da Universidade de Zâmbia, fundada em 1966 (PELLEW; TAYLOR, 2020, p. 241).

¹¹² Esse é o ano da inauguração oficial do campus. Vale destacar que a inauguração do edifício do Instituto de Puericultura e Pediatria, em 1953, marca a inauguração simbólica do campus da universidade.

UERJ, em 1976. Assim como edifícios importantes no âmbito universitário, como: a Reitoria da UFMG, em 1962, projeto de Eduardo Guimarães Júnior; a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em 1969, projeto de Vilanova Artigas; o Instituto Central de Ciências da UnB, em 1971, projeto de Oscar Niemeyer; a Faculdade Nacional de Arquitetura, em 1961, a Faculdade Nacional de Engenharia, em 1964, e o Hospital Universitário, em 1978, no campus da UFRJ, projetos do ETUB, coordenado por Jorge Moreira¹¹³.

A expansão da estrutura voltada para o ensino superior sucede o período de revisão do movimento moderno no segundo pós-guerra, no qual arquitetos que integraram originalmente grupos como o Team X, nos anos 1950, e, mais tarde, o Archigram e o Superstudio, nos anos 1960, apresentam ideias alternativas ao pensamento moderno. Apesar destes grupos se encontrarem na origem do processo de revisão do movimento moderno, vale destacar que suas ideias e prática projetual fazem parte do pensamento moderno, o qual não está vinculado apenas aos dogmas defendidos no início do século XX, alvo das críticas dessa nova geração de arquitetos.

Uma das ideias que tem origem nesse contexto é a de megaestrutura, tema do livro "*Megastructure: Urban futures of the recent past*"¹¹⁴, publicado em 1976, de Reyner Banham. As megaestruturas não são apenas uma proposta formal, mas, principalmente, uma ideia de arquitetura. Para compreendermos o seu significado devemos recorrer aos autores citados por Banham: o primeiro deles, Fumihiko Maki, as define como "uma grande estrutura envolvendo todas as funções de uma cidade ou parte dela"¹¹⁵. Em complemento à definição de Maki, o segundo autor citado por Banham, Ralph Wilcoxon, expande o conceito de megaestrutura, para além de questões ligadas à sua escala, ao programa e ao caráter urbano, apontadas por Maki, classificando-as como estruturas:

1. construídas em unidades modulares;
2. capazes de uma ampliação grande ou até mesmo 'ilimitada';

¹¹³ A expansão da estrutura voltada para o ensino superior no Brasil se beneficiou de um período de grande crescimento econômico, entre a segunda metade dos anos 1960 e a primeira metade dos anos 1970, conhecido como "milagre econômico brasileiro".

¹¹⁴ A pesquisa está trabalhando com a versão do livro em espanhol "Megaestructuras: Futuro Urbano del pasado reciente", publicada pela editora Gustavo Gili, em 2001.

¹¹⁵ MAKI, 1964 apud BANHAM, 2001, p. 8.

3. constituídas por unidades estruturais menores (por exemplo, quartos, casas ou pequenos edifícios ou outras tipologias) que podem ser construídas - ou mesmo 'plugadas' ou 'encaixadas' depois de terem sido pré-fabricadas em outro lugar;
4. caracterizadas por terem uma vida útil mais longa do que a das unidades menores que ela pode suportar¹¹⁶.

Nas primeiras páginas de seu livro, Banham reconhece que a ideia de megaestrutura não se limita à escala do edifício; segundo o autor "todas as megaestruturas foram grandes edifícios, mas nem todos os grandes edifícios foram megaestruturas"¹¹⁷. Na sequência das definições apresentadas por Maki e Wilcoxon, Banham conclui que as megaestruturas se caracterizam, principalmente, por serem "estruturas permanentes e dominantes que contêm unidades subordinadas e transitórias"¹¹⁸. Podemos concluir das definições apresentadas que a ideia de megaestrutura envolve questões de ordem programática, construtiva, tecnológica e um forte componente urbano.

Banham dedicou um capítulo de seu livro às megaestruturas no âmbito universitário¹¹⁹, analisando diversos projetos, dentre eles os campi das universidades criadas no Reino Unido, nos anos 1960, citados anteriormente, como o Norwich Campus da Universidade de East Anglia (1962 projeto | 1962-68 construção), dentre outros na Europa, como o Dahlem Campus da Universidade Livre de Berlim (1963 projeto | 1967-73 construção)¹²⁰, e na América, como o Scarborough Campus da Universidade de Toronto (1964 projeto | 1964-66 construção).

Stefan Muthesius, autor do livro *"The postwar university: Utopianist campus and college"*, publicado no ano 2000, reconhece esses campi como *"single structure campus"*, em uma tradução livre "campus de estrutura única". Essa classificação remete aos campi em que o complexo programa universitário se concentra, conceitualmente, em um único edifício. Nestes casos campus e edifício se confundem em uma única estrutura. Considerando que a nomenclatura adotada

¹¹⁶ WILCOXON, 1968 apud BANHAM, op. cit., p. 8-9.

¹¹⁷ BANHAM, op. cit., p. 7.

¹¹⁸ Id., p. 9.

¹¹⁹ BANHAM, R. *La megaestructura en el ámbito universitario*. In. _____.

Megaestructuras: Futuro Urbano del pasado reciente. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001, p. 130-163.

¹²⁰ Vale destacar que 1963 é o ano do concurso que resultou na escolha do projeto, enquanto o período entre 1967 e 1973 compreende a construção da primeira parte do edifício principal do Dahlem Campus. Este sofreu sucessivos acréscimos, o último deles em 2015.

por Muthesius remete aos campi, podemos adotar uma que remeta especificamente aos edifícios. Dessa forma, o autor dessa pesquisa decidiu adotar a nomenclatura "edifício-campus" em referência a estes edifícios.

O "edifício-campus" se caracteriza pela concentração do programa em uma única estrutura, a qual possibilita a flexibilização dos espaços e a expansão do edifício. O entendimento do edifício como uma "estrutura flexível", dentro da qual a universidade poderia se desenvolver, responde à indeterminação programática e à previsão de expansão das instituições de ensino superior. Klaus Chaves Alberto, autor do artigo "Interfaces brutalistas: megaestruturas universitárias"¹²¹, afirma que um dos elementos principais do processo projetual dos campi construídos nos anos 1960 foi o indeterminismo a respeito do programa das universidades¹²², e, especificamente, em referência à UnB, objeto de estudo da tese elaborada pelo autor, afirma que o projeto do ICC "parte de uma indeterminação programática que leva a uma resposta projetual na qual, virtualmente, tudo pode ser refeito em termos espaciais para se abrigar as mais inesperadas necessidades dos diversos núcleos que compõem a universidade"¹²³.

A garantia da flexibilidade e expansão desses edifícios depende da racionalização de sua estrutura e instalações, que permitem, conceitualmente, a expansão ilimitada do edifício, uma vez que são sistemas abertos, os quais podem ser replicados indefinidamente. Esse é um dos fundamentos da ideia de megaestrutura, por esse motivo a preferência pela pré-fabricação.

O "edifício-campus" revela a predominância de duas configurações: a primeira delas apresenta uma disposição linear, e a segunda, em malha. Os edifícios lineares se caracterizam por serem estruturas longilíneas, onde a hierarquia dos fluxos é um elemento preponderante na organização espacial e na garantia da flexibilidade funcional do edifício. Estão sob esse registro o Lasdun Teaching Wall (1962 projeto | 1962-68 construção), situado no Norwich Campus da Universidade de East Anglia, na Inglaterra, que leva o sobrenome autor do projeto, Denys Lasdun (Figura 30); o Andrews Building (1964 projeto | 1964-66 construção), situado no

¹²¹ Esse artigo, submetido ao 10º Seminário Docomomo Brasil, no ano de 2013, é um desdobramento da tese "Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico" defendida pelo autor, em 2008, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ.

¹²² ALBERTO, 2013, p. 10.

¹²³ Id., p. 17.

Scarborough Campus da Universidade de Toronto, no Canadá, que também leva o sobrenome do autor do projeto, John Andrews (Figura 31); e o Instituto Central de Ciências da UnB (Figura 32), citado anteriormente.

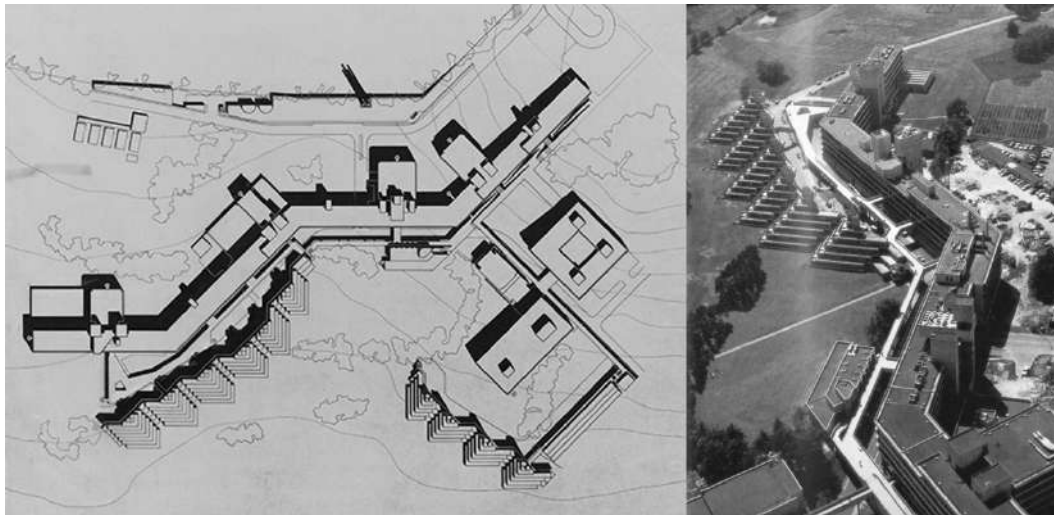


Figura 30: Lasdun Teaching Wall. Norwich Campus, Universidade de East Anglia.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Blog Post War Campus. Disponível em:

<<https://postwarcampus.wordpress.ncsu.edu/2018/05/09/university-of-east-anglia-denys-lasdun/>>

Acesso em: 15 jun. 2021.



Figura 31: Andrews Building. Scarborough Campus, Universidade de Toronto.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Flickr. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/iqbalaalam/2192428334/in/album-72157603763663802/>> Acesso em: 15 jun. 2021.

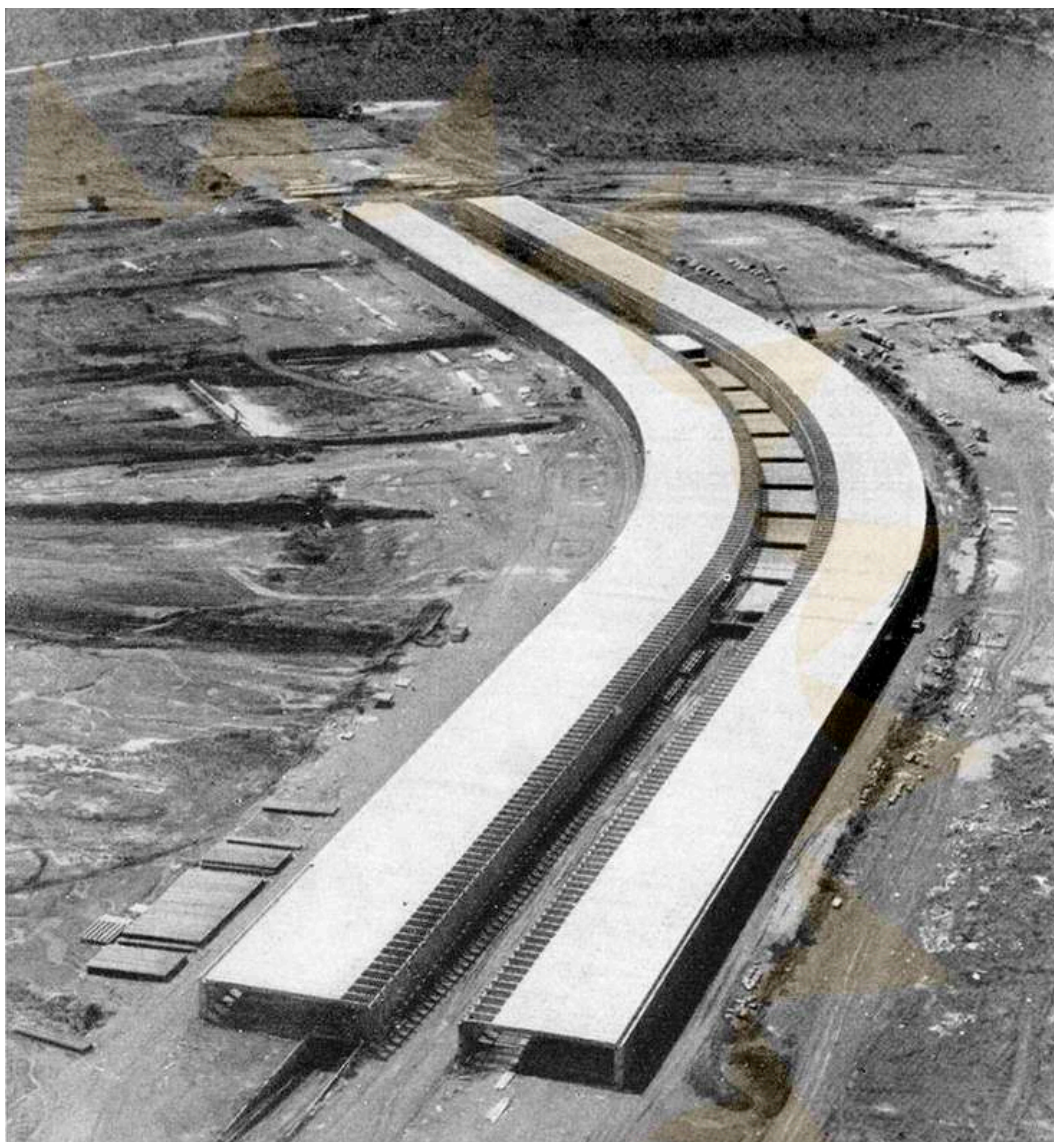


Figura 32: Edifício do ICC. Campus Darcy Ribeiro, UnB.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Revista Acrópole, n. 369/370, jan./fev. 1970, p. 23. Disponível em:

<<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/369>> Acesso em: 10 jul. 2021.

Os edifícios lineares apresentam um eixo de crescimento bidirecional, no edifício do ICC da UnB a marcação desse eixo é muito clara (Figura 33). Por sua vez, no Lasdun Teaching Wall da Universidade de East Anglia esse eixo se articula, pontualmente, com eixos transversais, permitindo que equipamentos secundários sejam acoplados à estrutura principal do edifício.

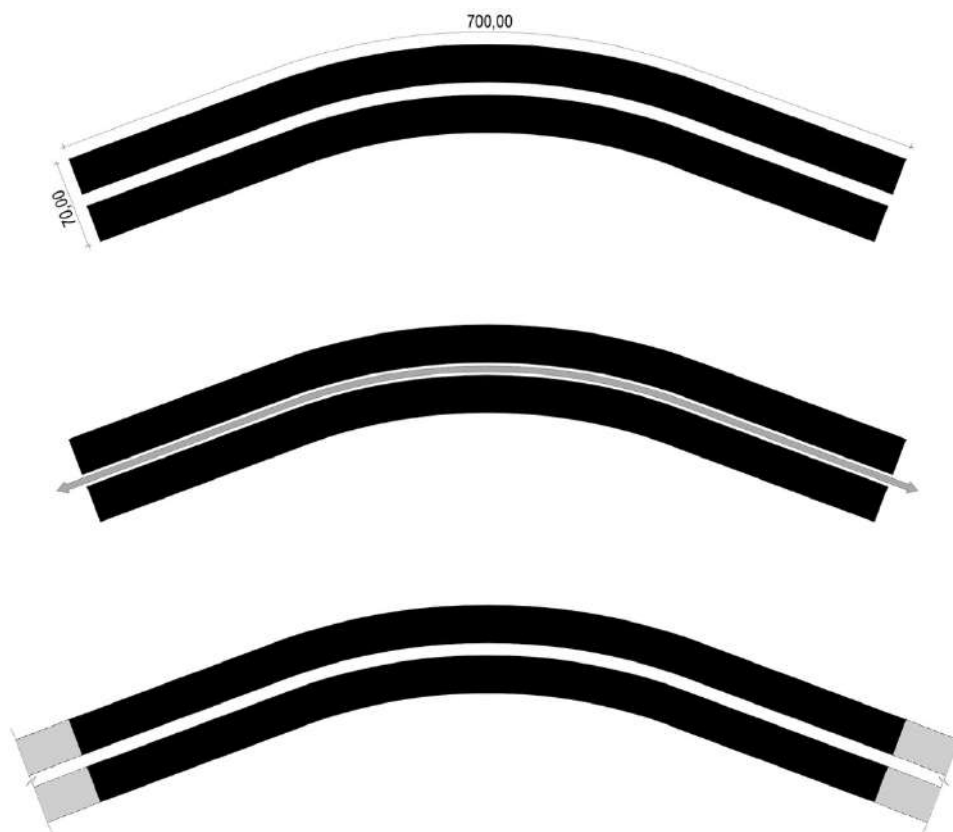


Figura 33: Edifício do Instituto Central de Ciências - Esquema de expansão linear.

Crédito: Produzido pelo autor.

Fonte: Acervo do autor.

Os edifícios em malha se caracterizam por serem estruturas modulares, concebidas a partir de uma malha ortogonal. Não há uma estrutura principal que acomode todo o programa, como no caso do ICC da UnB, ou que se articule com equipamentos secundários, como no caso do Lasdun Teaching Wall da Universidade de East Anglia. As ruas internas, espaços de circulação e, por vezes, de convívio, dos edifícios lineares, a exemplo do ICC (Figura 34) da UnB e do Andrews Building (Figura 35) da Universidade de Toronto, são substituídas por pátios internos nos edifícios em malha. Neles, as circulações se sobrepõem aos espaços livres, permeando os espaços construídos do edifício. Não há uma hierarquia clara dos fluxos, assim como dos acessos, relação que se contrapõe aos edifícios lineares onde existe uma definição objetiva das circulações, bem como dos acessos.



Figura 34: Edifício do ICC. Campus Darcy Ribeiro, UnB.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Website Wikimapia. Disponível em: <<http://wikimapia.org/147697/pt/ICC-Instituto-Central-de-Ciências-Minhocão#/photo/1037798>> Acesso em: 15 jun. 2021.



Figura 35: Andrews Building. Scarborough Campus, Universidade de Toronto.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: Flickr. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/iqbalaalam/2192428334/in/album-72157603763663802/>> Acesso em: 15 jun. 2021.

Estão sob o registro dos edifícios em malha o Main Building (1963 projeto | 1967-73 construção), edifício principal do Dahlem Campus da Universidade Livre de Berlim, projeto de Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods (Figura 36 e 37), e o edifício que abriga a Faculdade de Letras, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e a Escola de Ciência de Informação (1978 projeto | 1979-83 construção), conhecido como complexo FALE-FAFICH-ECI, situado no Campus Pampulha da UFMG (Figura 38).

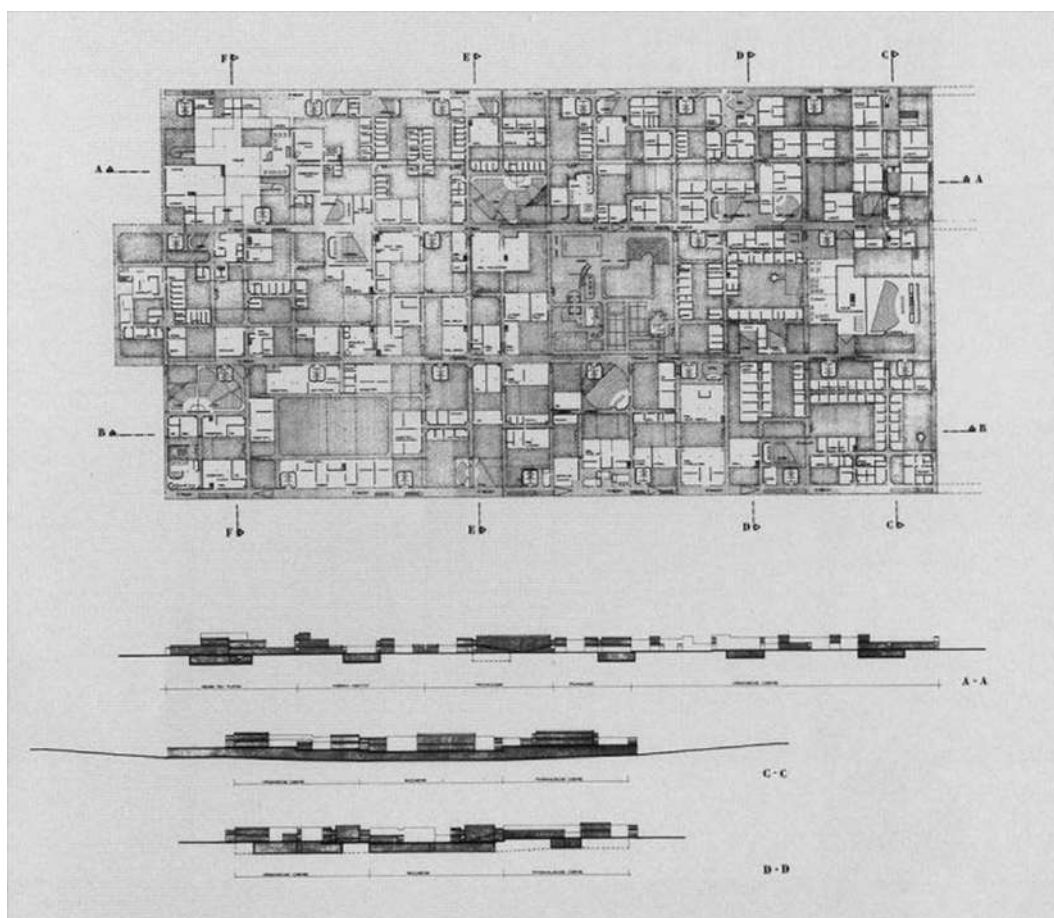


Figura 36: Main Building. Dahlem Campus, Universidade Livre de Berlim. Planta baixa e seções longitudinal A-A e transversais C-C e D-D.

Crédito: Candilis, Josic e Woods, set. 1965.

Fonte: Website Hic Arquitectura. Disponível em: <<http://hicarquitectura.com/2017/12/georges-candilis-free-university-berlin/>> Acesso em: 15 jun. 2021.



Figura 37: Main Building. Dahlem Campus, Universidade Livre de Berlim.

Crédito: [s/autor], [1973?].

Fonte: Website da revista Uncube. Disponível em:

<<https://www.uncubemagazine.com/blog/15799747>> Acesso em: 15 jun. 2020.



Figura 38: Complexo FALE-FAFICH-ECI. Campus Pampulha, UFMG.

Crédito: [s/autor], 2000.

Fonte: SOARES, 2016, p. 88.

Os edifícios em malha apresentam eixos de crescimento multidirecionais, no Main Building do Dahlem Campus e no complexo FALE-FAFICH-ECI da UFMG esses eixos são muito evidentes. Eles se cruzam e estão sempre orientados por uma malha ortogonal, dentro da qual o edifício pode se expandir indefinidamente (Figura 39).

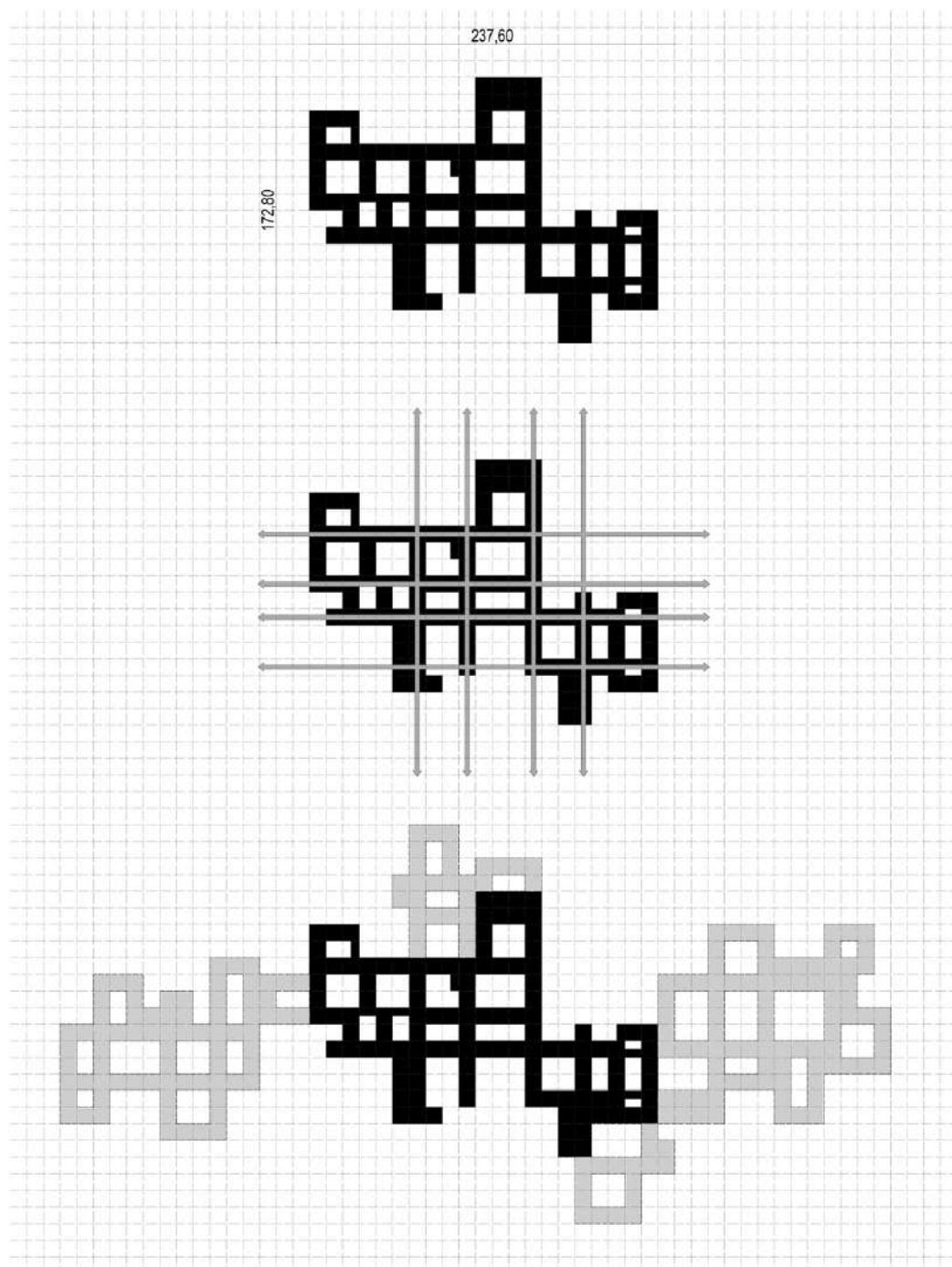


Figura 39: Complexo FALE-FAFICH-ECI - Esquema de expansão em malha.
Crédito: Produzido pelo autor.
Fonte: Acervo do autor.

Essas propostas reverberaram no projeto de edifícios e campi universitários no Brasil, nos anos 1960, como no caso do edifício do ICC da UnB e do complexo FALE-FAFICH-ECI da UFMG, ambos analisados por Alberto sob a ótica da influência no Brasil do debate internacional a respeito das megaestruturas no âmbito universitário. Nesse sentido, a reação de Marinho Rêgo ao dizer, em entrevista a Deise Mancebo, que a construção de edifícios separados estava "fora de época" é sintomática, revelando a possível inserção do projeto do campus da UERJ e, em especial, do Pavilhão João Lyra Filho, neste debate. Reconhecidas algumas das possíveis conexões que constituem a rede na qual o campus da Universidade está inserido, podemos verificar, através da análise projetual do Pavilhão João Lyra Filho, a sua conexão com a ideia de megaestrutura.

O Pavilhão João Lyra Filho certamente pode ser reconhecido como um grande edifício. Em primeiro lugar, podemos fazer essa afirmação pela sua escala, uma vez que o edifício conta com uma área construída de 124.152 m², distribuídos por seis blocos, com treze pavimentos cada, à exceção do bloco F que conta com um pavimento semienterrado, totalizando quatorze pavimentos. E, em segundo lugar, pelo programa contemplado pelo edifício, responsável por abrigar as unidades administrativas e acadêmicas da Universidade. Essas se organizam segundo uma macro-setorização, na qual as unidades administrativas ocupam o pavimento semienterrado (Figura 40) e o térreo (Figura 41), enquanto as unidades acadêmicas ocupam os pavimentos superiores do edifício (Figura 42).

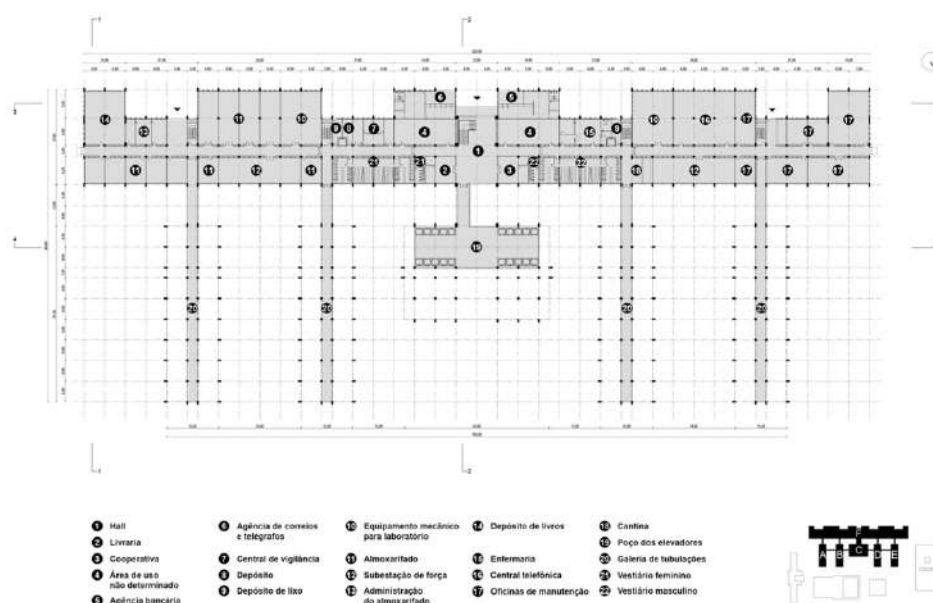


Figura 40: Pavilhão João Lyra Filho - Planta Baixa Pavimento Semienterrado.

Crédito: Produzido pelo autor com base no Anteprojeto de 1968, fornecida pelo NPD FAU-UFRJ.

Fonte: Acervo do autor.

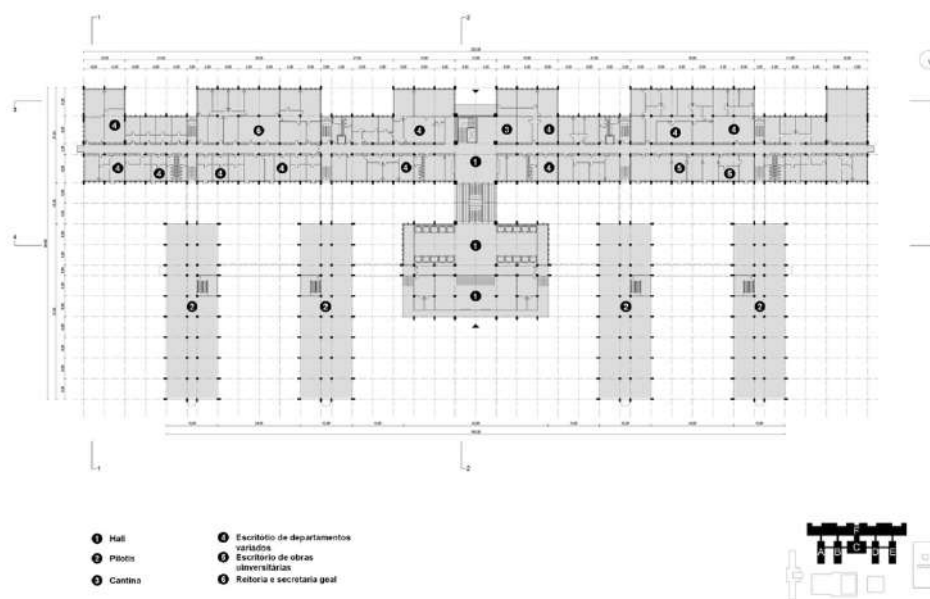


Figura 41: Pavilhão João Lyra Filho - Planta Baixa Térreo.

Crédito: Produzido pelo autor com base no Anteprojeto de 1968, publicado na revista Summa, ed. jan. 1979.

Fonte: Acervo do autor.

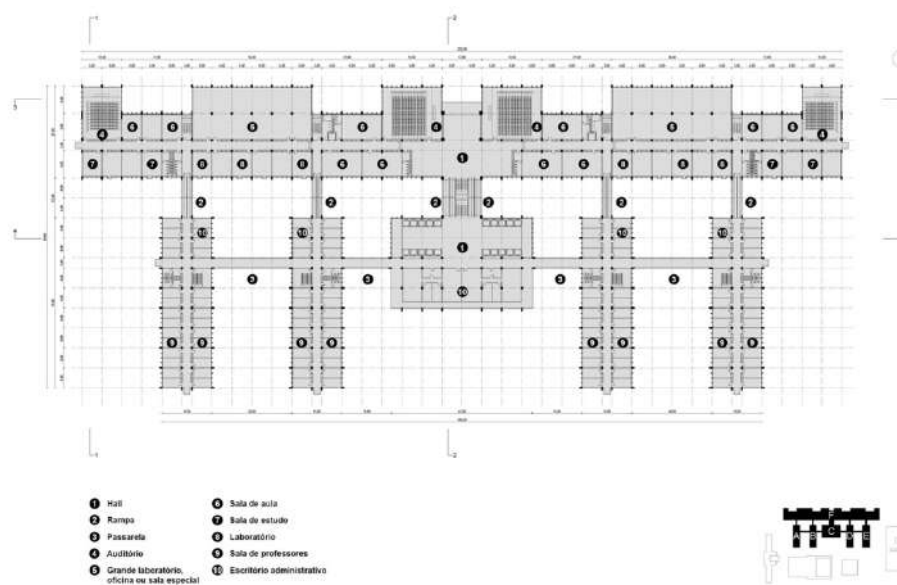


Figura 42: Pavilhão João Lyra Filho - Planta Baixa Pavimento Tipo.

Crédito: Produzido pelo autor com base no Anteprojeto de 1968, publicado na revista Summa, ed. jan. 1979.

Fonte: Acervo do autor.

Nos pavimentos superiores, destinados às unidades acadêmicas, existe uma separação bem definida das áreas destinadas ao corpo discente, compostas por auditórios, bibliotecas, laboratórios e salas de aula, no bloco F, daquelas reservadas ao corpo docente e técnico administrativo, compostas por salas de professores e escritórios administrativos dos departamentos, nos blocos A, B, C, D e E. Essa organização é facilmente apreendida no croqui elaborado sobre duas seções

transversais do anteprojeto de 1968 (Figura 43), cuja autoria podemos atribuir aos autores do projeto.

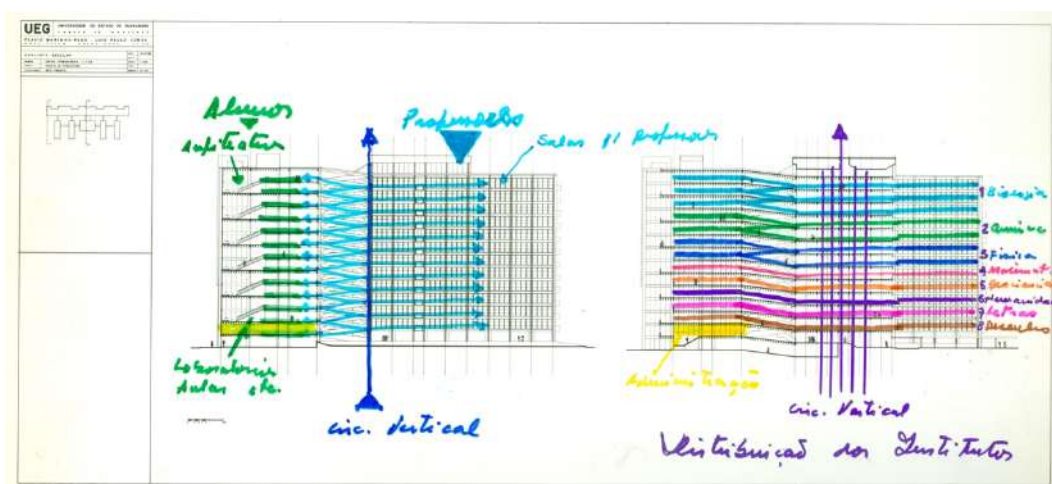


Figura 43: Pavilhão João Lyra Filho - Seção 1.1 e 2.2.

Crédito: Podemos atribuir a sua autoria a Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde [s/data].

Fonte: NPD FAU-UFRJ.

Essas duas seções ilustram bem a fala de Marinho Rêgo quanto à concepção de áreas separadas para o corpo discente daquelas destinadas ao corpo docente e técnico administrativo. Na seção 1.1¹²⁴, o croqui destaca a separação das áreas destinadas aos auditórios, laboratórios e salas de aula, no bloco F, em corte, daquelas reservadas às salas de professores, no bloco A, em vista. Já na seção 2.2, o croqui destaca a posição das unidades administrativas da universidade no pavimento térreo, e a distribuição dos institutos e faculdades pelos pavimentos do bloco F, em corte, e do bloco D, em vista, e a concentração dos elevadores no bloco C, em corte.

As características que fazem com que o Pavilhão João Lyra Filho seja reconhecido como um grande edifício, no que diz respeito a sua escala e a complexidade do programa por ele abrigado, estão presentes na concepção de megaestrutura de Maki, citado por Banham, que as considera como "uma grande estrutura envolvendo todas as funções de uma cidade ou parte dela". Circunscrevendo a definição do arquiteto no âmbito do programa universitário, podemos considerar o Pavilhão João Lyra Filho como uma megaestrutura, uma vez

¹²⁴ As pranchas originais do projeto que o autor da pesquisa teve acesso utilizam uma nomenclatura numérica para identificar os desenhos em corte (1.1, 2.2, 3.3), portanto, o autor adotou essa nomenclatura para se referir a esses desenhos.

que este edifício se constitui como uma grande estrutura¹²⁵ que envolve parte importante das funções do Campus Francisco Negrão de Lima. Nesse sentido, poderíamos supor, em um cenário hipotético, que as atividades do campus da Universidade conseguiriam se manter considerando apenas a existência deste edifício.

Vale investigarmos a hipótese de que o Pavilhão João Lyra Filho seja uma megaestrutura segundo a acepção de Wilcoxon, também citado por Banham. A concepção de megaestrutura do autor se divide em quatro pontos, em acordo com os dois primeiros as megaestruturas devem ser "construídas em unidades modulares" e serem "capazes de uma ampliação grande ou até mesmo 'ilimitada'"¹²⁶. Edifícios com essas características pressupõe a adoção de um módulo dimensional para orientar a concepção e o funcionamento do edifício. O Pavilhão João Lyra Filho foi projetado segundo um módulo de 1,4 m. Este, seus múltiplos e submúltiplos, orientaram o espaçamento entre os pilares, o posicionamento das prumadas das instalações elétricas e hidrossanitárias e o dimensionamento dos ambientes e dos painéis de vedação interna e externa do edifício. A coordenação modular entre os ambientes e os elementos construtivos conferiu grande flexibilidade funcional ao edifício, uma vez que alterações de qualquer ordem podem ser realizadas, como a conversão de salas de aula em laboratórios e vice-versa. Ao observarmos um trecho da planta baixa do pavimento tipo do bloco F do Pavilhão João Lyra Filho (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), podemos notar que não há uma definição rígida da localização dos institutos e faculdades, bem como das funções dos espaços, os quais podem assumir diferentes configurações, abrigando salas de aula, laboratórios e bibliotecas¹²⁷. Por sua vez, equipamentos que não apresentam funções específicas, como os auditórios, podem ser utilizados por qualquer um dos institutos e faculdades, evitando a construção e a subutilização de equipamentos equivalentes.

¹²⁵ Vale destacar que a acepção de estrutura de Maki não está vinculada as propriedades mecânicas de determinado elemento ou sistema estrutural, como aquela apresentada por Eduard Sekler, que as considera como "um sistema ou princípio de arranjo destinado a lidar com as forças atuantes na edificação, como os pórticos, arcos, abóbadas, domos e lajes dobradas"*.

* SEKLER, 1965. In KEPES, op. cit., p. 89.

¹²⁶ WILCOXON, 1968 apud BANHAM, op. cit., p. 8-9.

¹²⁷ Vale destacar que a setorização indicada nas plantas apresentadas anteriormente são uma sugestão de Marinho Rêgo e Conde, conforme o anteprojeto concebido pelos arquitetos em setembro de 1968, publicado na revista Summa, utilizado como base para o desenho elaborado pelo autor dessa pesquisa.

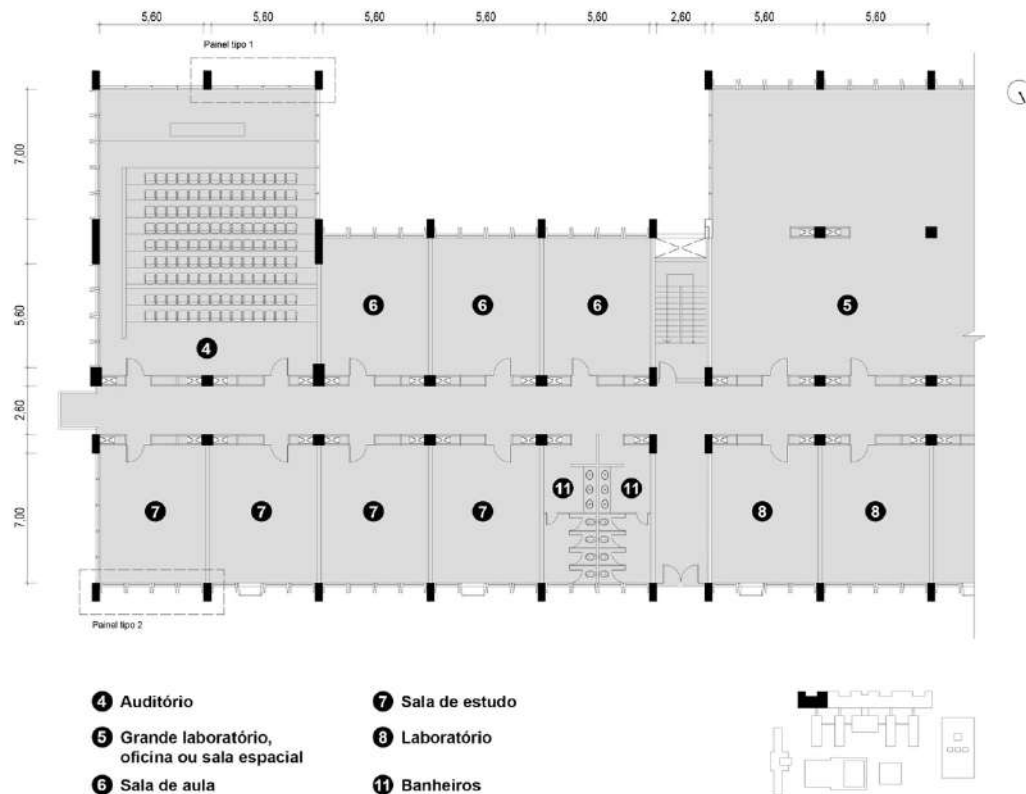


Figura 44: Trecho da Planta Baixa do Pavimento Tipo do bloco F do Pavilhão João Lyra Filho.
 Crédito: Produzido pelo autor.
 Fonte: Acervo do autor.

A modulação possibilitou a padronização e produção em série de alguns elementos construtivos, como os painéis de vedação externa do Pavilhão João Lyra Filho (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), otimizando o tempo e os custos de construção. O edifício conta com dois tipos de painéis (**Erro! Fonte de referência não encontrada.** e **Erro! Fonte de referência não encontrada.**), ambos em concreto pré-moldados no canteiro. As fôrmas utilizadas na concretagem dos painéis foram produzidas em uma central de fôrmas, montada fora do canteiro pela construtora Norberto Odebrecht. A central também era responsável pela produção das fôrmas utilizadas na concretagem do arcabouço estrutural do edifício, em concreto armado moldado no canteiro.



Figura 45: Vista dos painéis de vedação externa da fachada nordeste do bloco F do edifício.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: NPD FAU-UFRJ.

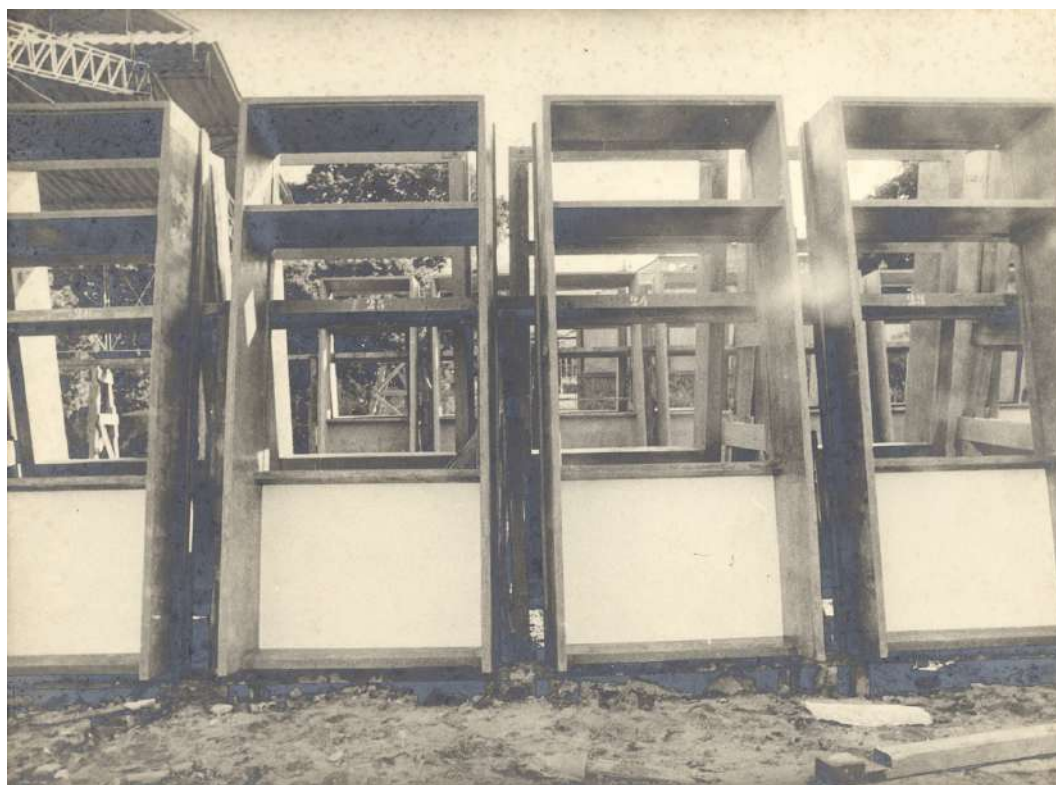


Figura 46: Painéis de vedação prontos para serem montados junto ao edifício no canteiro de obras.

Crédito: [s/autor], [s/data].

Fonte: NPD FAU-UFRJ

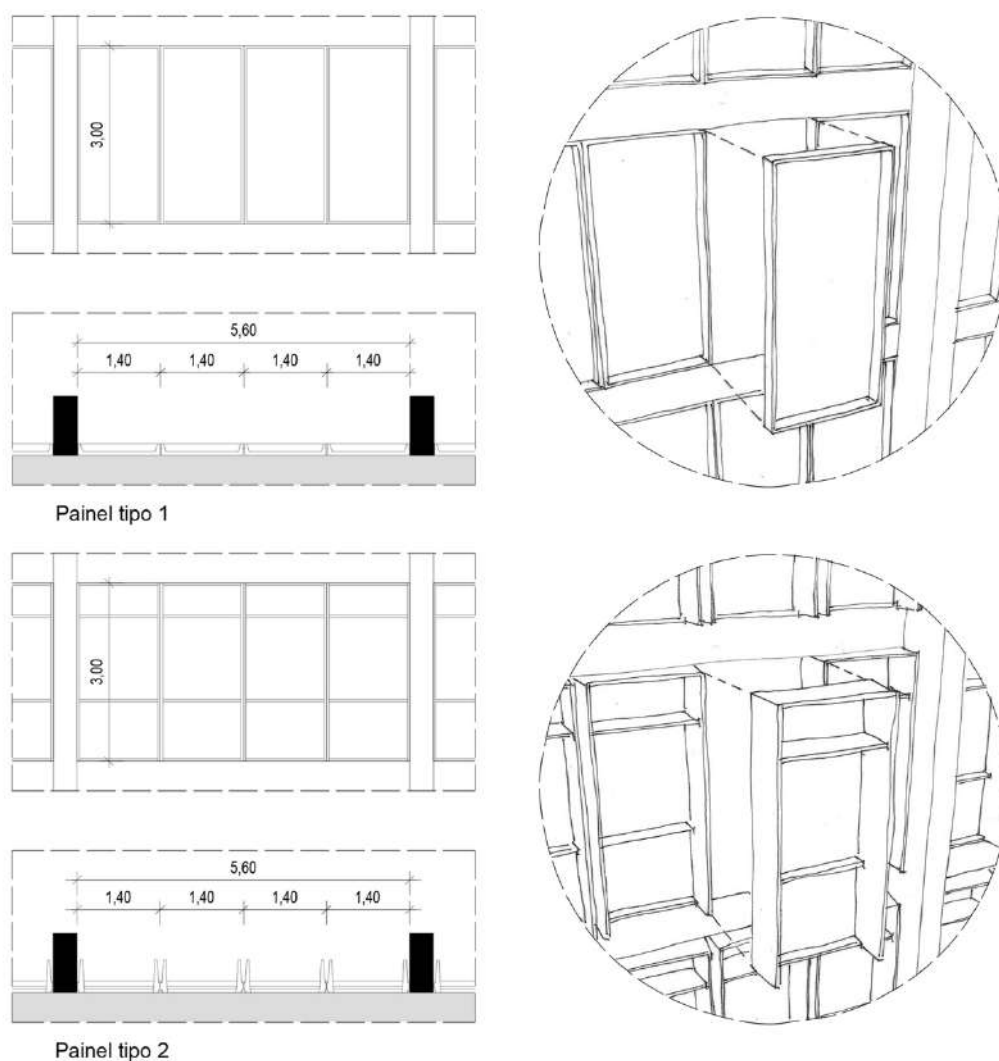


Figura 47: Detalhe dos painéis de vedação externa do Pavilhão João Lyra Filho.
Crédito: Produzido pelo autor.
Fonte: Acervo do autor.

O Pavilhão João Lyra Filho é formado por seis blocos autônomos, conectados por um sistema de circulação. Ao analisarmos esses blocos separadamente podemos notar que estes também se constituem por unidades menores. O bloco F, por exemplo, é formado pela associação de nove blocos dispostos segundo uma organização linear. Já os blocos A, B, C, D e E estão dispostos em paralelo e conectados ao bloco F transversalmente. Essa organização nos permite traçar possíveis eixos de crescimento, segundo os quais o edifício poderia se expandir indefinidamente (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

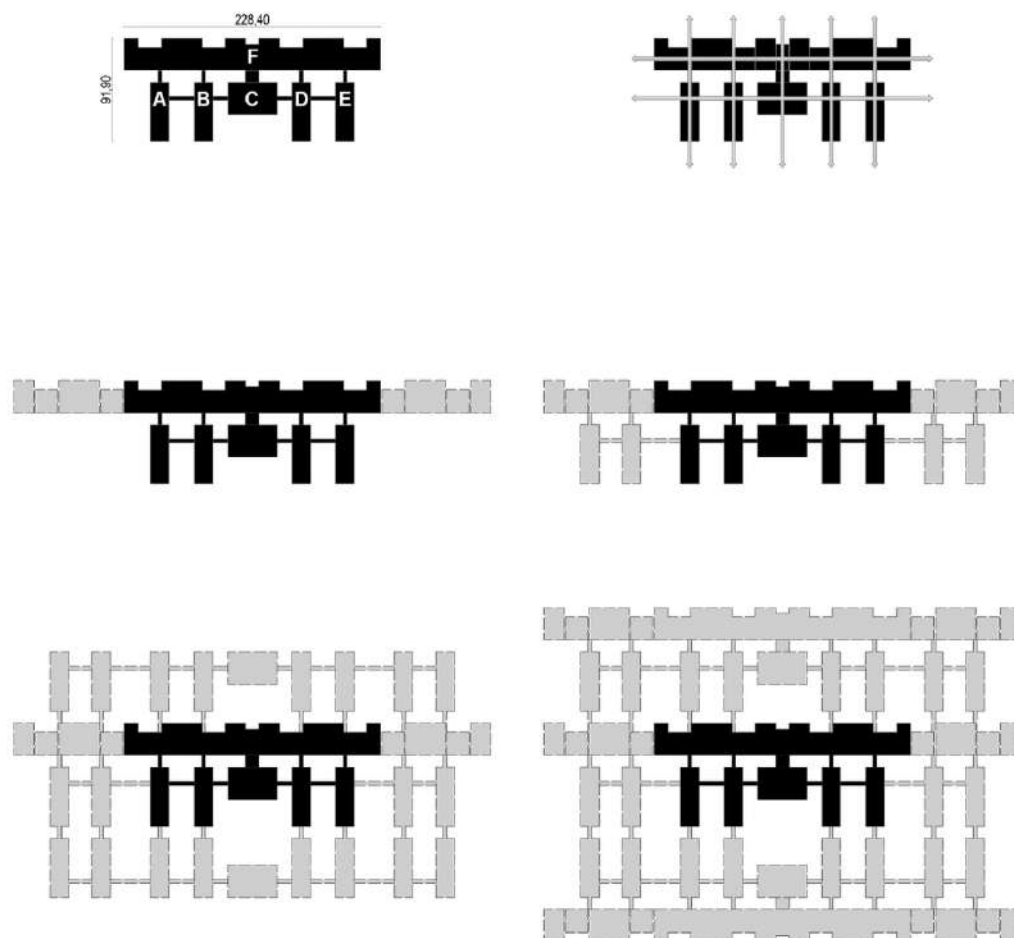


Figura 48: Pavilhão João Lyra Filho - Esquema de expansão.

Crédito: Produzido pelo autor.

Fonte: Acervo do autor.

A adoção de um módulo dimensional na concepção do Pavilhão João Lyra Filho conferiu flexibilidade funcional ao edifício e possibilitou a padronização e a produção em série dos elementos construtivos que o constituem, além de viabilizar a sua construção em unidades modulares, característica que confere ao edifício a possibilidade de uma ampliação, conceitualmente, ilimitada.

5

Considerações Finais

Na introdução desta dissertação declarei o interesse de investigar o valor do Campus Francisco Negrão de Lima operando pelas suas singularidades. Em seguida, assinalei que para atingir esse propósito o primeiro passo era ir à obra, e isso significava ir às fontes documentais e, sobretudo, ao objeto construído. Dessa forma, os primeiros movimentos adotados pela pesquisa foram no sentido de compilar e analisar as fontes documentais, das quais fazem parte os desenhos e croquis do projeto arquitetônico; fotos e vídeos da construção do campus; publicações em jornais, periódicos e livros; dentre outros materiais.

O movimento de ir à obra revelou, em um primeiro momento, a complexidade do objeto de estudo e as inúmeras vias de investigação pelas quais a pesquisa poderia seguir, e, em um segundo momento, a falta de estudos a respeito do objeto em questão, bem como da produção arquitetônica carioca dos anos 1960 e 1970. O material produzido a respeito do campus se limita a reportagens publicadas em jornais e periódicos nos anos 1970; a publicações que tratam da UERJ enquanto instituição de ensino; a publicações comemorativas da universidade; a um breve artigo publicado em um livro sobre a obra de Luiz Paulo Conde; e a guias da arquitetura moderna carioca. Tendo em vista a complexidade e a amplitude do campo de pesquisa que se abre a partir do campus da UERJ e a sua ausência na historiografia da arquitetura carioca, foi importante que o trabalho procedesse, inicialmente, por um viés histórico e documental, com o objetivo de instrumentalizar essa e outras pesquisas que venham a se dedicar a este objeto.

O contato com a obra revelou duas importantes vias de investigação, a primeira delas voltada para a análise do campus através do conceito de "micro universidade urbana" e a segunda do Pavilhão João Lyra Filho, através do conceito "edifício-campus".

6

Referências Bibliográficas

- ALBERTO, K. C. **Três projetos para uma Universidade do Brasil**. Rio de Janeiro. 2003. 275p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. **Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico**. Rio de Janeiro, 2008. 342p. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. A pré-fabricação e outros temas projetuais para campi universitários na década de 1960: o caso da UnB. **Revista Risco**, ed. 10, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44781>> Acesso em: 10 out. 2020.
- _____. Interfaces brutalistas: megaestruturas universitárias. In SEMINÁRIO DO COMOMO BRASIL, 10. 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2013.
- ANDREOLI, E.; FORTY, A. **Arquitetura moderna brasileira**. Londres: Phaidon, 2004.
- AQUI UMA UNIVERSIDADE VERTICAL. **Revista Projeto e Construção**, n. 11, p. 22-26, jan. 1973.
- BANHAM, R. **Megaestructuras: Futuro Urbano del pasado reciente**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.
- BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CAMPUS UNIVERSITÁRIO UERJ, RIO DE JANEIRO. **Revista Summa**, n. 18, p. 46-50, jan. 1979.
- CASTELLOTTI, F. **Arquitetura moderna no Rio de Janeiro: a dimensão brutalista**. Rio de Janeiro, 2006. 184 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CIAM. La Sarraz Declaration. In CONRADTS, U. (Org.). **Programs and Manifestoes on 20th-Century Architecture**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1970, p. 109-113.
- CONDE, L. P. Entrevista concedida ao Centro de Tecnologia Educacional da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. **Programa Campus**, ed. 01, série 3. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C5kWBpR8tOw>> Acesso em: 28 jun. 2020.
- CONTIER, F. **O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Cidade Universitária: projeto e construção da Escola e de Vilanova**

- Artigas. São Paulo, 2015, 441p. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- COSTA, L. Documentação necessária. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 00, p. 31-41, 1937. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat01_m.pdf Acesso em: 07 out. 2020. Originalmente publicado em 1937.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CZAJKOWSKI, J. Perspectiva Histórica da Arte e da Arquitetura no Modernismo. **Revista Módulo**, Caderno Especial Arte e Arquitetura, Rio de Janeiro, ed. 76, p. 2-3, jul. 1983.
- _____ (Org.). **Jorge Machado Moreira**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo da PCRJ, 1999.
- _____ (Org.). **Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.
- DATAUERJ 2020**: anuário estatístico base de dados 2019. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Núcleo de Informação e Estudos de Conjuntura. Rio de Janeiro: UERJ, 2019. Disponível em: <http://www2.datauerj.uerj.br> Acesso em: 15 fev. 2021.
- FERRO, S. Conversa com Sergio Ferro mais uma peça na construção de um debate. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP**, [S. l.], v. 12, p. 10-32, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/47672> Acesso em: 11 nov. 2020.
- FERNANDES, A. V. Campus e meio urbano universitário. **Revista Arquitetura, Planejamento e Construção**. Rio de Janeiro, 1974, ed. 04, p. 72 - 91.
- GUIMARAENS, C. (Org.). **Luiz Paulo Conde**: Un arquitecto carioca. Bogotá: Escala LTDA, 1994.
- LIRA, A. T. do N. As bases da reforma universitária da ditadura militar no Brasil. In ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 15. 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- MAGALHÃES, S. F. (Coord.). **Arquitetura brasileira após Brasília / Depoimentos**. Rio de Janeiro: IAB-RJ, 1978, 3 vols.
- MANCEBO, D. **Da gênese aos compromissos**: uma história da UERJ (1950-1978). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- MORAES, P. J.; ROHCA-PEIXOTO, G. Edifício Jorge Machado Moreira e o movimento moderno em chamas. Paulo Jardim Moraes: um estamento científico. **Cadernos ProArq**, n. 31, dez. 2018. p. 01-36. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq31%20ART%2001%20ancora.pdf> Acesso em: 10 jan. 2021.

MUTHESIUS, S. **The postwar university**: Utopianist campus and college. Londres: Yale University Press, 2000.

OLIVEIRA, A. J. B. Uma breve história da UFRJ. **Website da UFRJ**, [s.d.]. Disponível em: <<https://ufrj.br/aceso-a-informacao/institucional/historia/>> Acesso em: 08 fev. 2021.

PELLEW, J.; TAYLOR, M. (Org.). **Utopian universities**: A global history of the new campuses of the 1960s. Londres: Bloomsbury, 2020.

RAMOS, F. P. História e política do ensino superior no Brasil: algumas considerações sobre o fomento, normas e legislação.

Revista Para Entender a História, ano 2, vol. 3, mar. 2011, p. 1-17.

Disponível em: <<http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2011/03/historia-e-politica-do-ensino-superior.html>> Acesso em: 29 jan. 2021.

RÊGO, F. M. Arquitetura e desenho industrial. **Revista Arquitetura IAB-GB**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 18-19, out. 1963.

REZNIK, L. et al. **70 anos UERJ: 1950-2019**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEKLER, E. F. Estrutura, construção e tectônica. In KEPES, G. (Org.). **Structure in art and in science**. Tradução Monica Aguiar e Marcos Favero. New York: George Braziller, 1965, p. 89-95.

SOARES, E. F. **Cidade Universitária da UFMG**: um território urbano em um campus. Minas Gerais, 2016. 280p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais.

SUMMERSON, John. What is the history of construction. **Construction History**, vol. 1, 1985, p. 1-2. Disponível em: JSTOR

<www.jstor.org/stable/41613599> Acesso em: 05 fev. 2021.

UEG: UMA UNIVERSIDADE A SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO.

Revista Manchete, ed. especial, p. 154-155, jan. 1974. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=148627>> Acesso em: 15 mai. 2020.

WISNIK, G. Artigas e a dialética dos esforços. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 102, julho 2015, p. 149-165. Publicado originalmente na revista 2G, Barcelona: Gustavo Gili, n. 54, 2010.

XAVIER, A.; BRITTO, A.; NOBRE, A. L. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: RioArte, 1991.

XAVIER, A. (Org.). **Depoimento de uma geração**: arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ZEIN, R. V. **A arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953-1973**.

Porto Alegre, 2005. 358p. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. A década ausente. É preciso reconhecer a arquitetura brasileira dos anos 1960-70. **Vitruvius**. São Paulo, set. 2006. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.076/318>> Acesso em: 29 mar. 2020.

_____. **Brutalist Connections**: A refresh approach to debates e buildings. São Paulo: Altamira Editorial, 2014.

_____. **Leituras críticas**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2018.

Anexo I - Caderno técnico Campus Francisco Negrão de Lima, UERJ

Endereço	Rua São Francisco Xavier, 524 Maracanã, Rio de Janeiro - RJ
Área do Campus ¹ (m²)	120.000
Área Total Construída ² (m²)	169.629
Pavilhão João Lyra Filho	124.152
Centro Cultural Oscar Tenório	12.274
Teatro Odylo Costa Filho	7.800
Concha Acústica Marielle Franco	2.040
Capela Ecumênica	2.000
Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha	12.523
Área Desportiva (quadras, campo e piscina)	5.450
Taxa de Ocupação do Campus	23,32%
Ano do Concurso	1968
Ano do Projeto	1968-72
Ano da Construção	
Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha	1968-70
Demais edifícios	1969-76
Arquitetos	Flávio Marinho Rêgo e Luiz Paulo Conde Arquitetos Associados
Colaboradores ³	
Cálculo Estrutural	Luiz Bustamante, Oliveira Goes e Paulo Intratok
Construtora	Norberto Odebrecht S.A.
Controle tecnológico de materiais	Concremat
Controle do canteiro de obras	Sociedade Construtora e Incorporadora Mamede

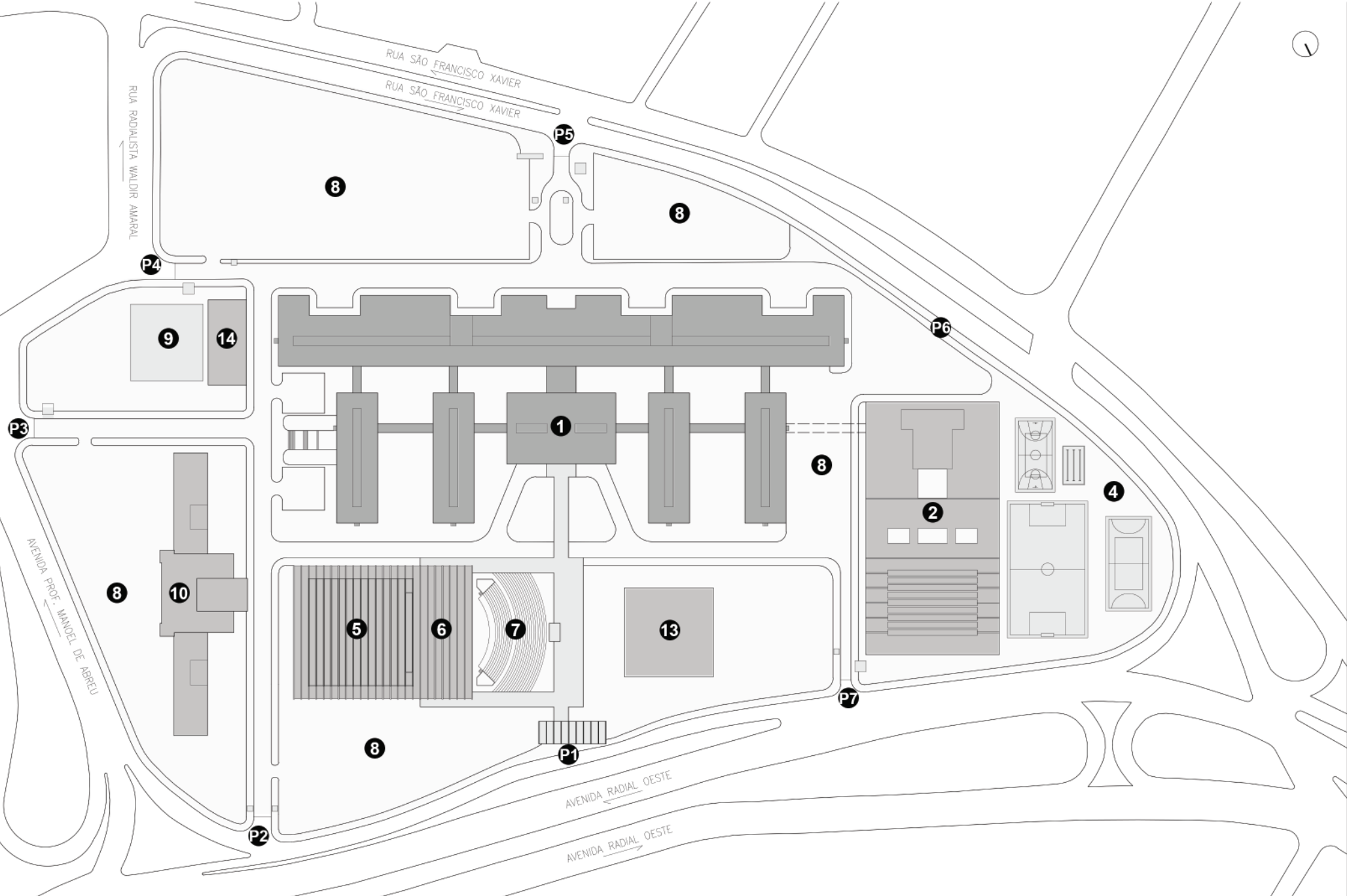
¹ DATAUERJ 2020, p. 83.

² Id., ibid.

³ A relação de colaboradores foi retirada da reportagem: Governo e Estado do Rio aniversariam amanhã e festa é inauguração na UERJ. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 14 mar. 1976, 1º Caderno, p. 20. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019760314>> Acesso em: 17 jun. 2020.

* O conteúdo deste caderno segue em construção.

Campus Francisco Negrão de Lima

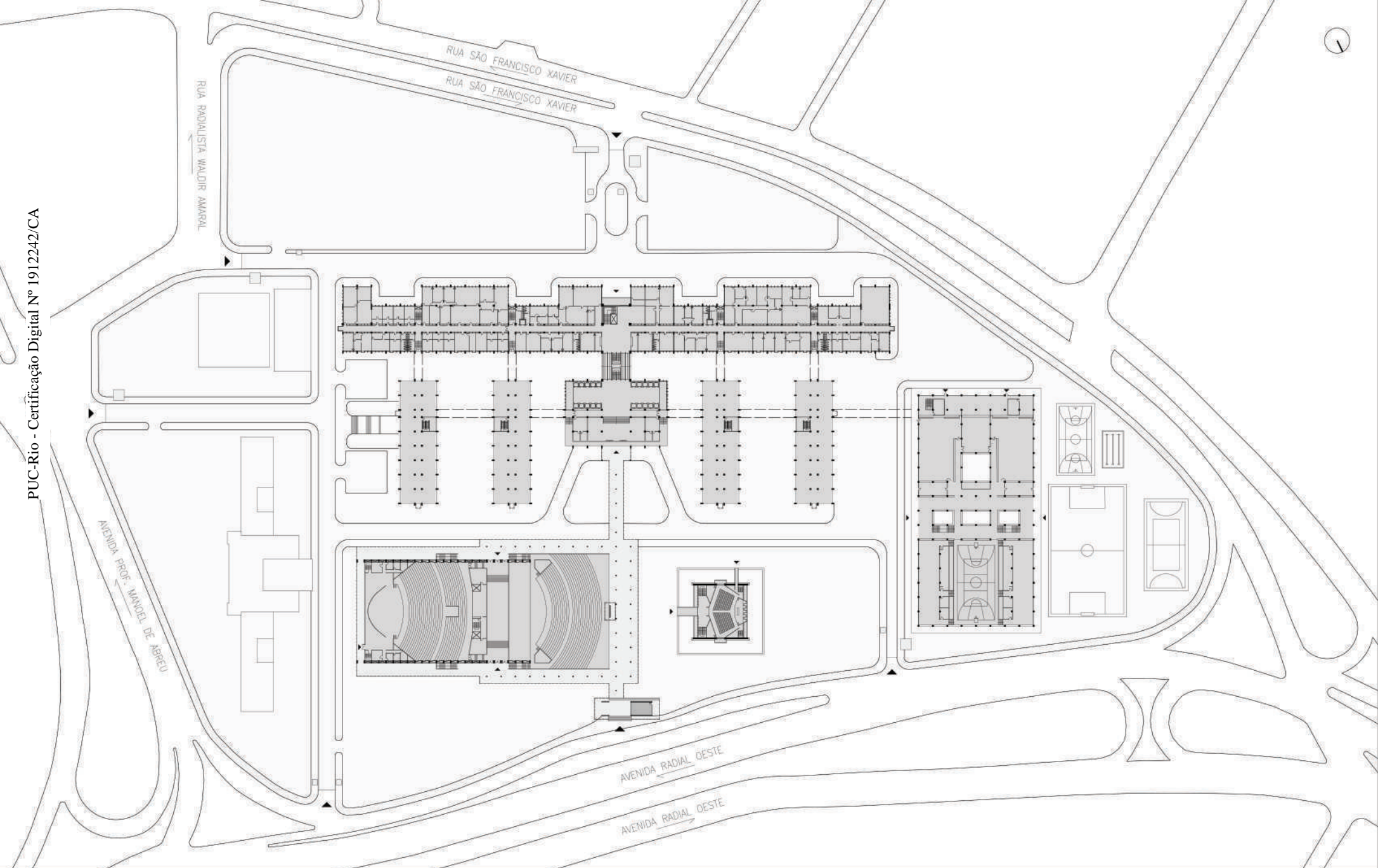


Planta de Situação

Escala 1:2000

Fonte: Produzido pelo autor com base no Anteprojeto de 1968, fornecido pelo NPD FAU-UFRJ e em Ortofoto gerada no Google Earth.

- | | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|--|
| 1 Pavilhão João Lyra Filho | 6 Concha Acústica Marielle Franco | 10 Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha |
| 2 Centro Cultural Oscar Tenório | 7 Anfiteatro | 13 Capela Ecumênica |
| 4 Quadras Poliesportivas | 8 Estacionamento | 14 Garagem de Veículos da Universidade |
| 5 Teatro Odylo Costa Filho | 9 Subestação de Energia | PN Portarias 1 a 7 |



Planta Baixa Térreo Geral

Escala 1:2000

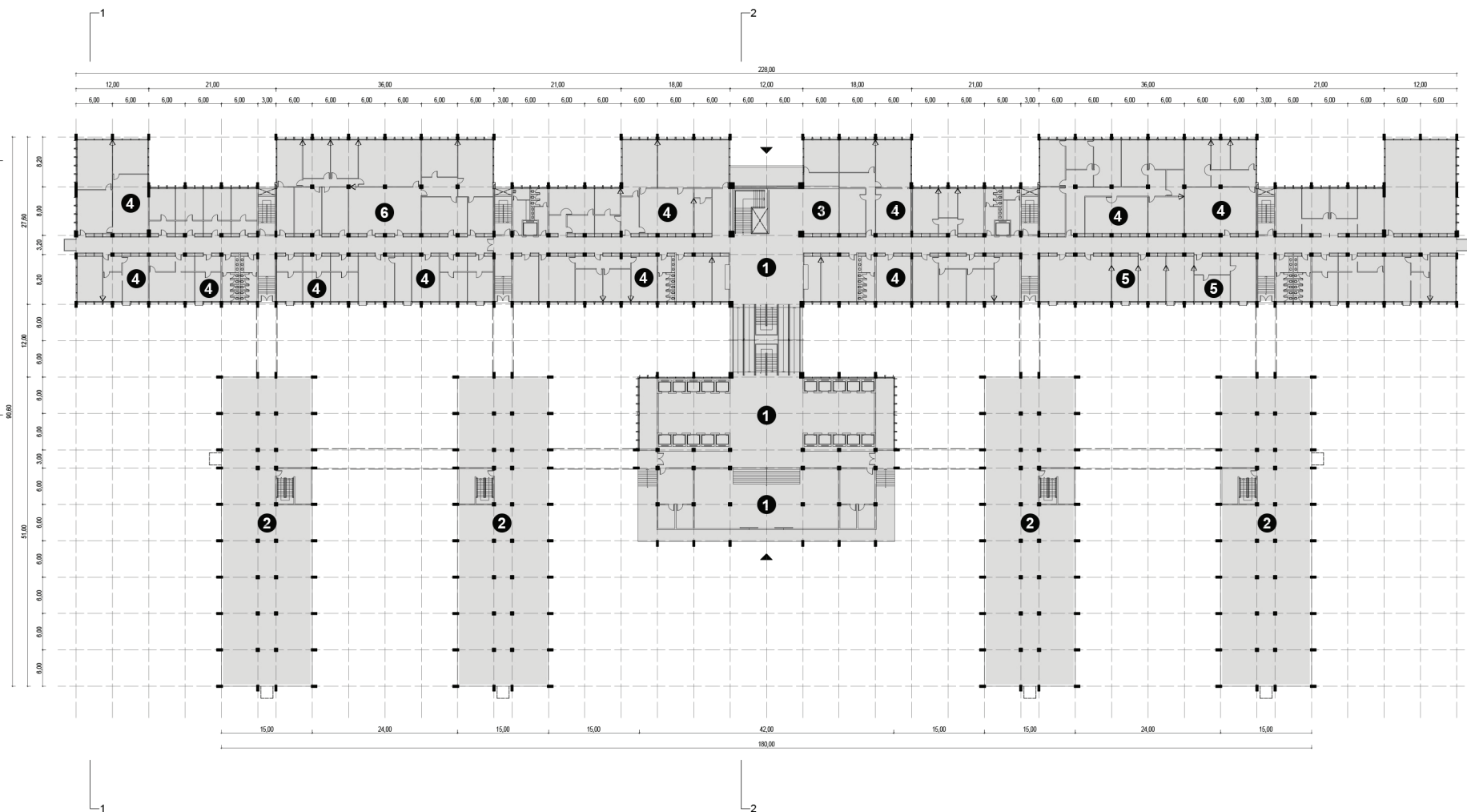
Fonte: Produzido pelo autor com
base no Anteprojeto de 1968,
fornecido pelo NPD FAU-UFRJ.

Pavilhão João Lyra Filho



Planta Baixa
Pavimento Semienterrado
Escala 1:1000
Fonte: Produzido pelo autor com
base no Anteprojeto de 1968,
fornecido pelo NPD FAU-UFRJ.

-



Planta Baixa **Pavimento Térreo**

Escala 1:1000

Fonte: Produzido pelo autor com base no Anteprojeto de 1968, publicado na revista Summa, ed. 1979.

Quadro de Áreas

Bloco A	9.153,65 m²
Bloco B	9.153,65 m²
Bloco C	13.385,80 m²
Bloco D	9.153,65 m²
Bloco E	9.153,65 m²
Bloco F	74.151,60 m²
Total	124.152,00 m²

1 Hall

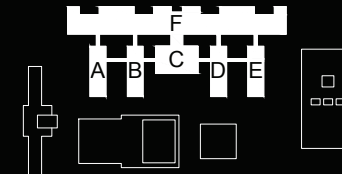
2 Pilotis

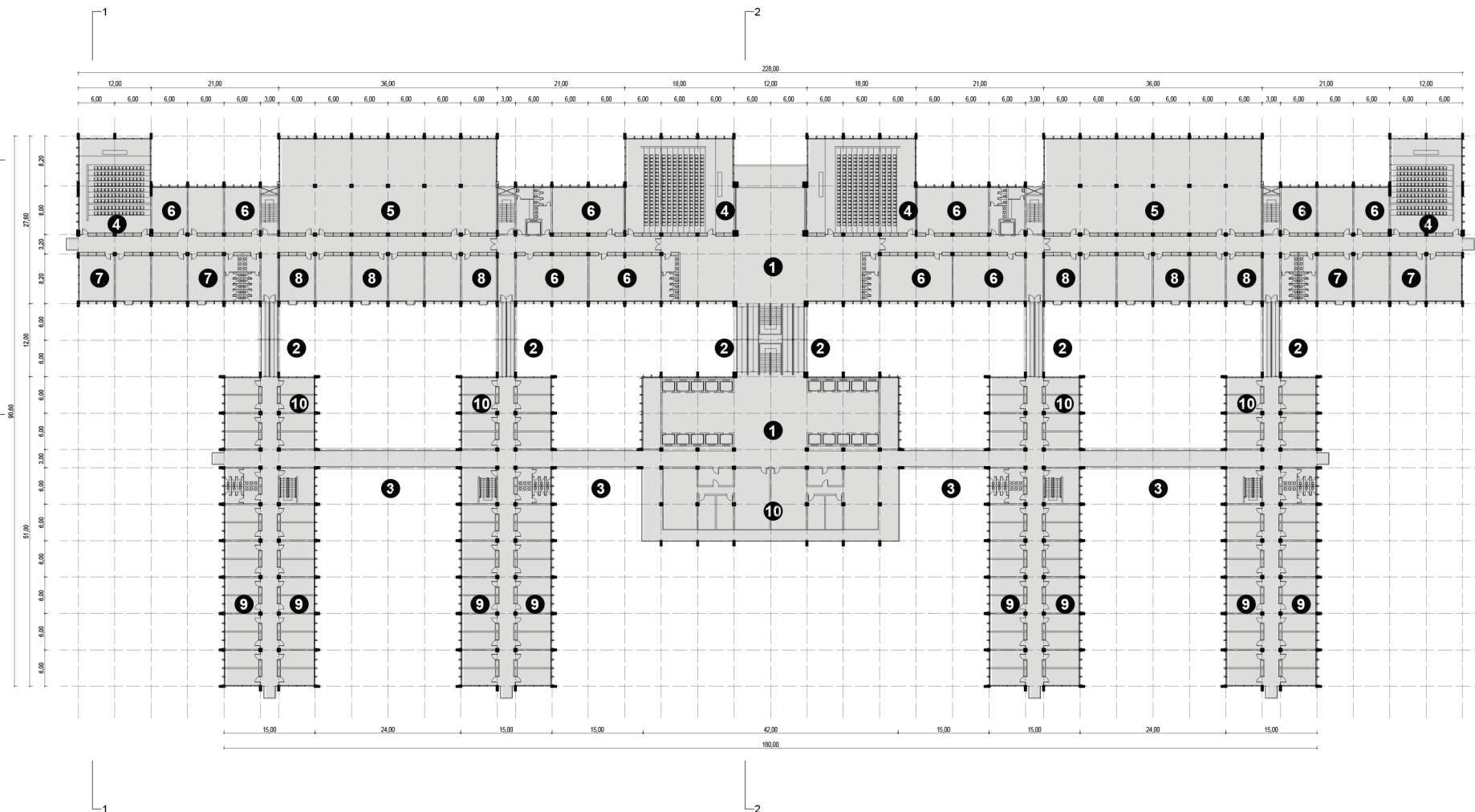
3 Cantina

4 Escritório de departamentos variados

5 Escritório de obras uinversitárias

6 Reitoria e secretaria geral





Planta Baixa **Pavimento Tipo**

Escala 1:1000

Fonte: Produzido pelo autor com base no Anteprojeto de 1968, publicado na revista Summa, ed. 1979.

Quadro de Áreas

Bloco A	9.153,65 m²
Bloco B	9.153,65 m²
Bloco C	13.385,80 m²
Bloco D	9.153,65 m²
Bloco E	9.153,65 m²
Bloco F	74.151,60 m²
Total	124.152,00 m²

1 Hall

2 Rampa

3 Passarela

4 Auditório

5 Grande laboratório, oficina ou sala especial

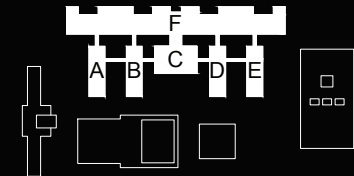
6 Sala de aula

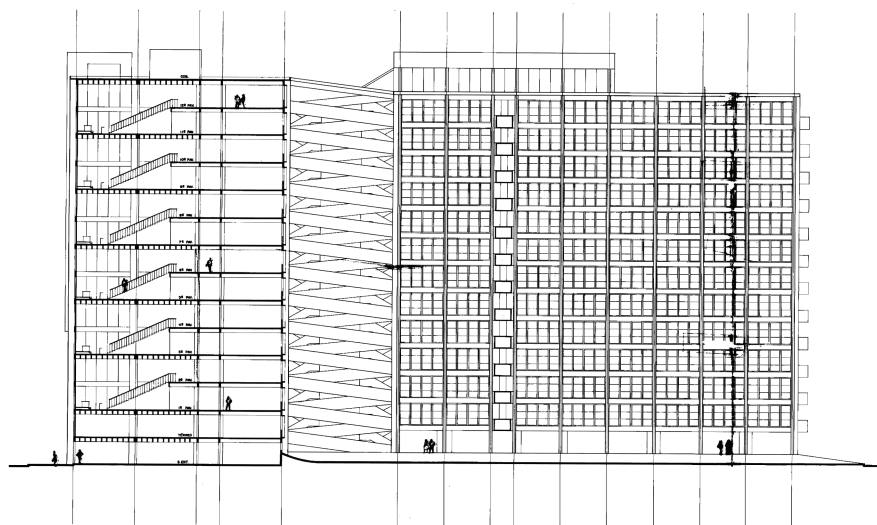
7 Sala de estudo

8 Laboratório

9 Sala de professores

10 Escritório administrativo

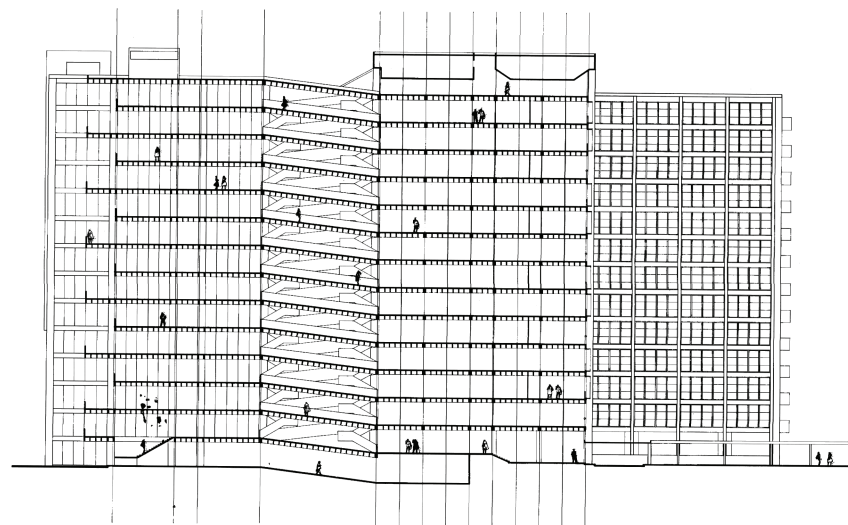




Corte 1.1

Escala 1:1000

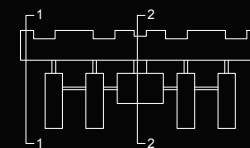
Fonte: Desenho original
disponibilizado em formato
digital pelo DAENG-UERJ,
editado pelo autor.

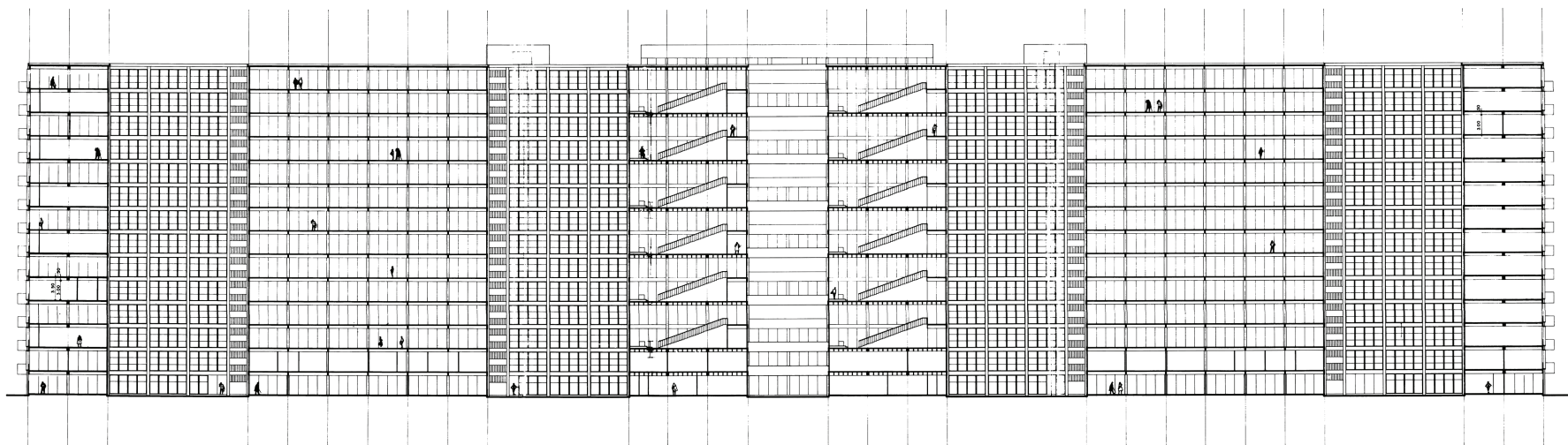


Corte 2.2

Escala 1:1000

Fonte: Desenho original
disponibilizado em formato
digital pelo DAENG-UERJ,
editado pelo autor.

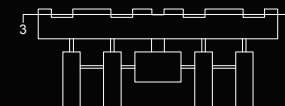


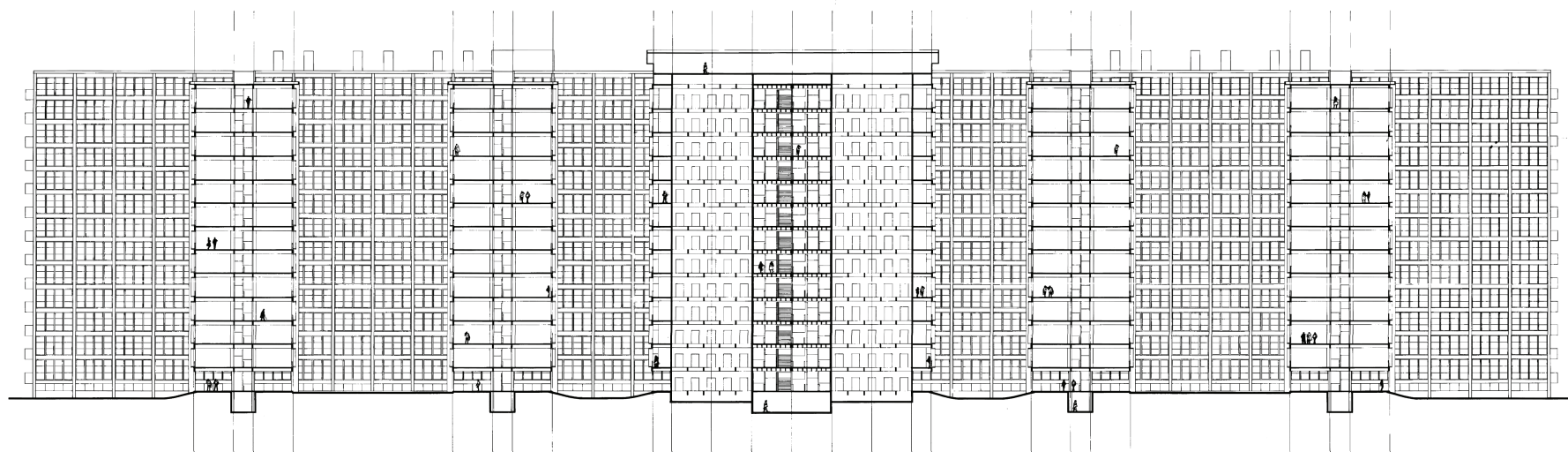


Corte 3.3

Escala 1:1000

Fonte: Desenho original
disponibilizado em formato
digital pelo DAENG-UERJ,
editado pelo autor.

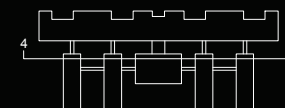


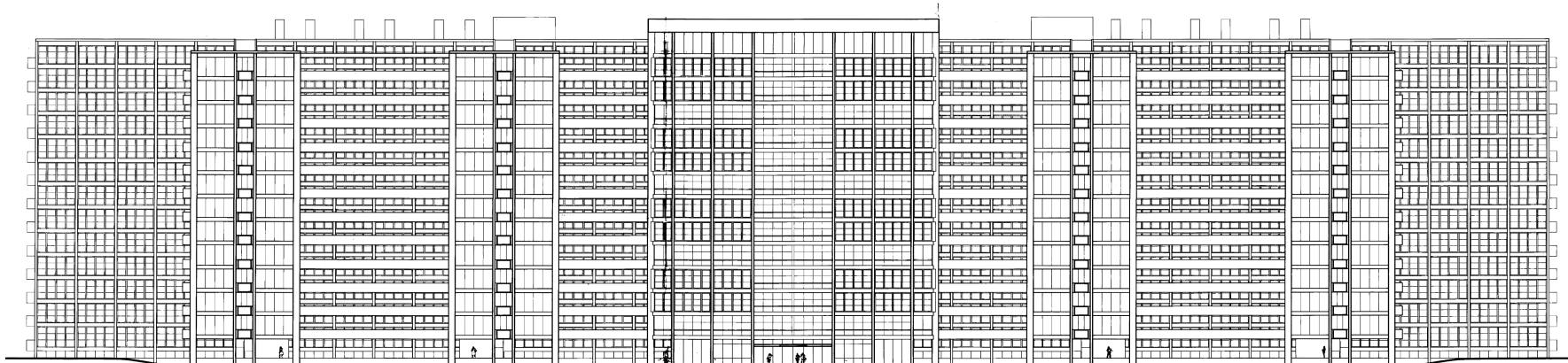


Corte 4.4

Escala 1:1000

Fonte: Desenho original
disponibilizado em formato
digital pelo DAENG-UERJ,
editado pelo autor.



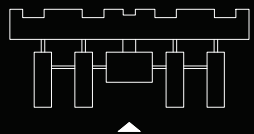


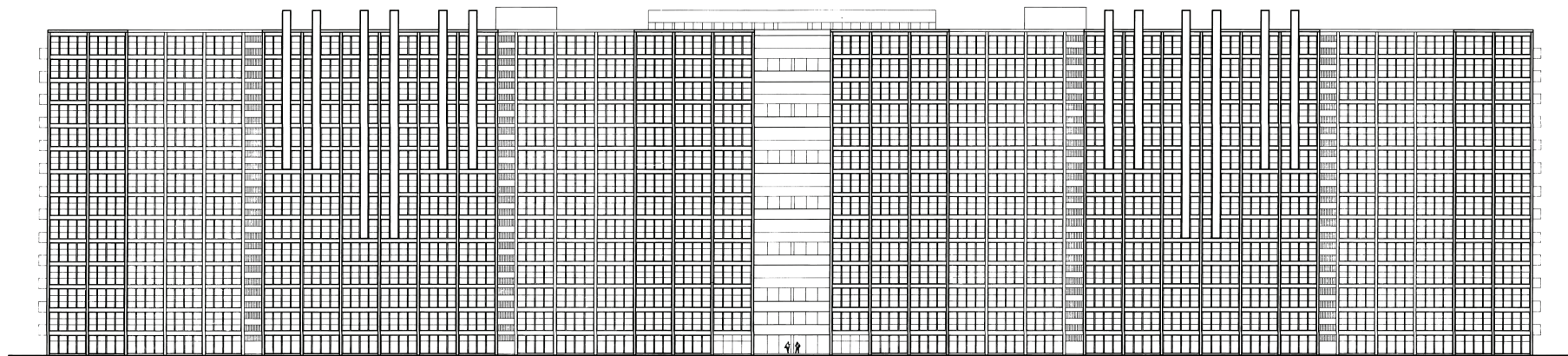
Fachada

Frontal Nordeste

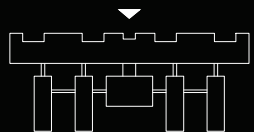
Escala 1:1000

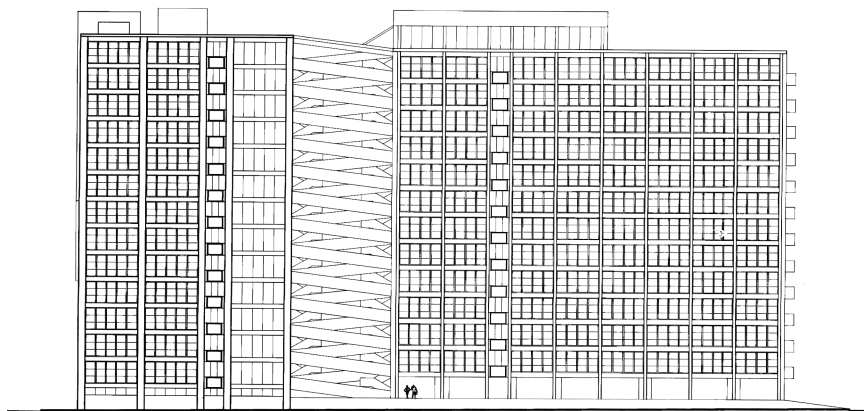
Fonte: Desenho original
disponibilizado em formato
digital pelo DAEGN-UERJ,
editado pelo autor.



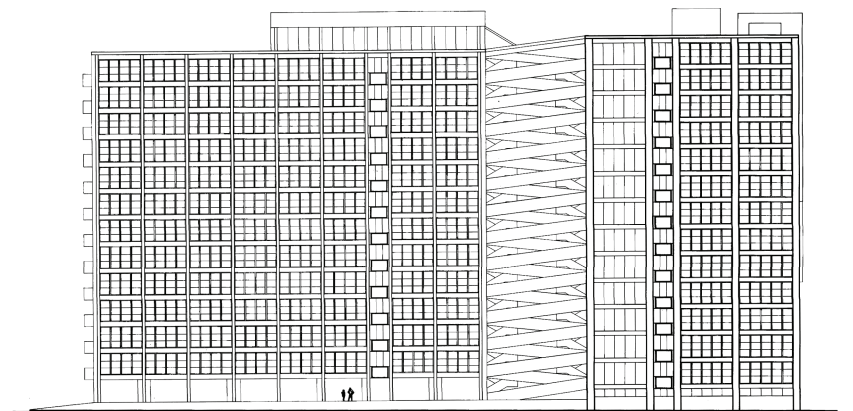


Fachada
Posterior Sudoeste
Escala 1:1000
Fonte: Desenho original
disponibilizado em formato
digital pelo DAENG-UERJ,
editado pelo autor.

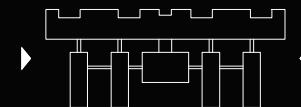




**Fachada
Lateral Noroeste**
Escala 1:1000
Fonte: Desenho original
disponibilizado em formato
digital pelo DAENG-UERJ,
editado pelo autor.



**Fachada
Lateral Sudeste**
Escala 1:1000
Fonte: Desenho original
disponibilizado em formato
digital pelo DAENG-UERJ,
editado pelo autor.

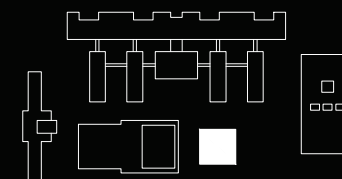


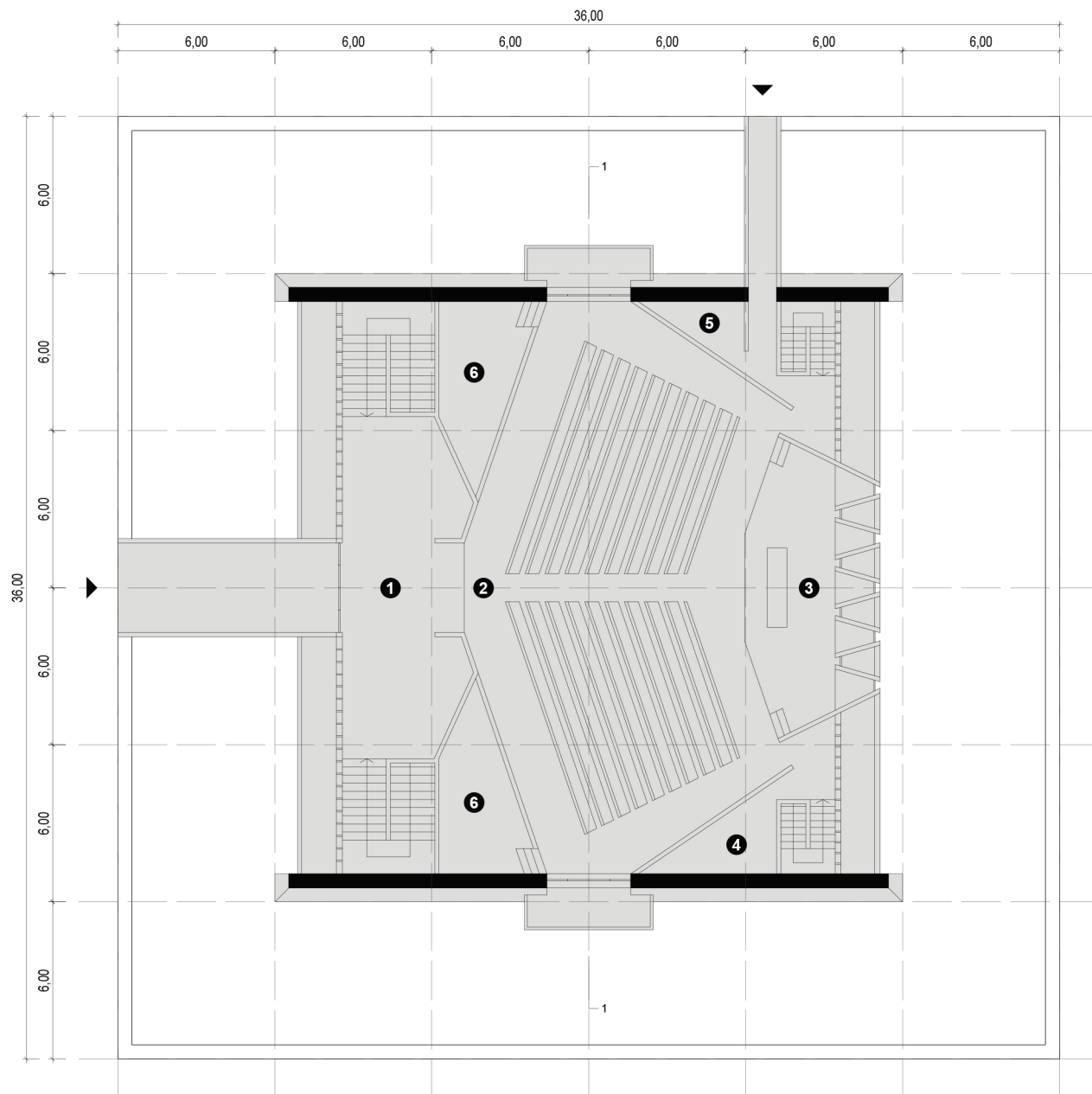
Capela Ecumênica



1 Salão de cumprimentos
2 Antessala
3 Sanitário
4 Sala
5 Depósito
6 Copa

Fonte: Produzido pelo autor com base no Anteprojeto de 1968, publicada na revista Summa, ed. 1979.



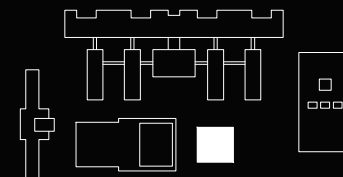


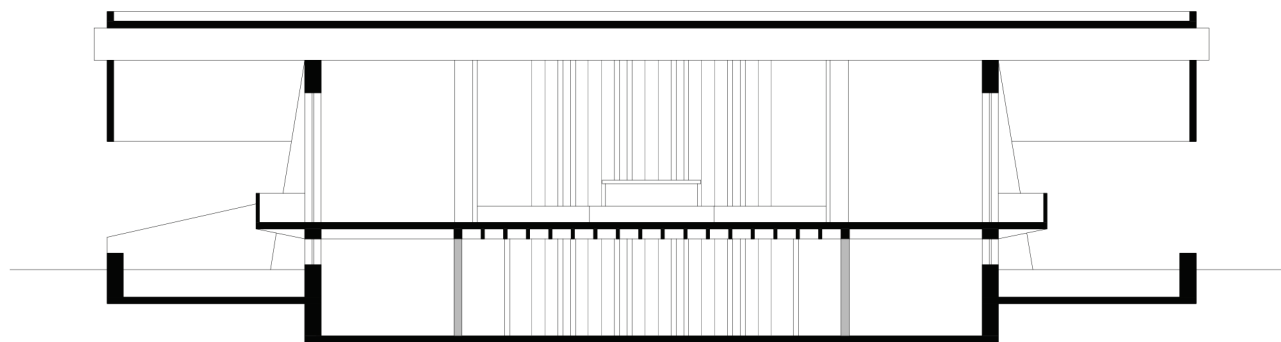
Planta Baixa
Pavimento Térreo

Escala 1:250

Fonte: Produzido pelo autor
com base no Anteprojeto de
1968, publicada na revista
Summa, ed. 1979.

- | | |
|-------------|------------|
| ① Vestíbulo | ④ Sala |
| ② Nave | ⑤ Depósito |
| ③ Altar | ⑥ Coro |

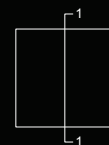


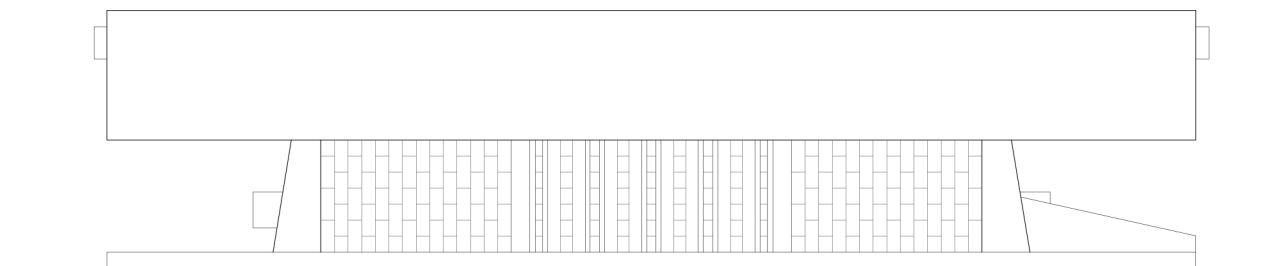
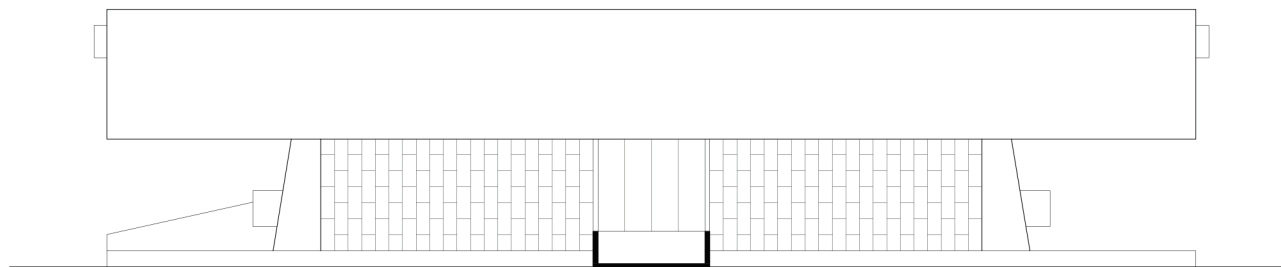


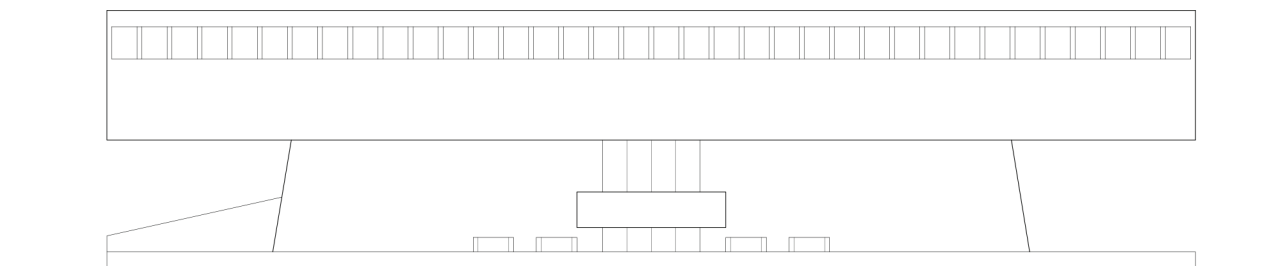
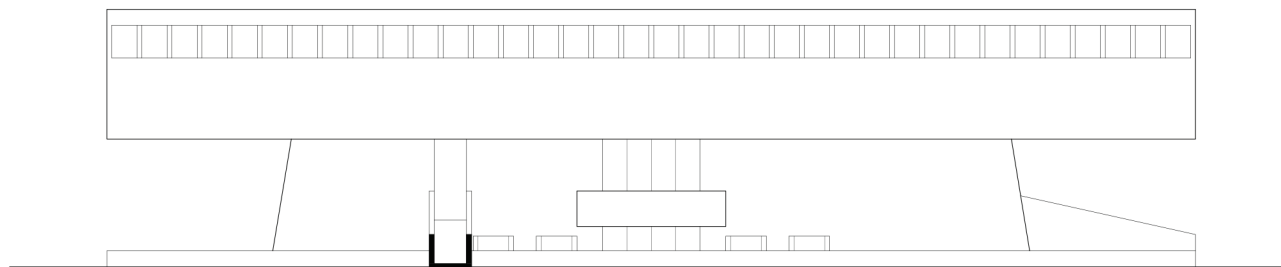
Corte 1.1

Escala 1:250

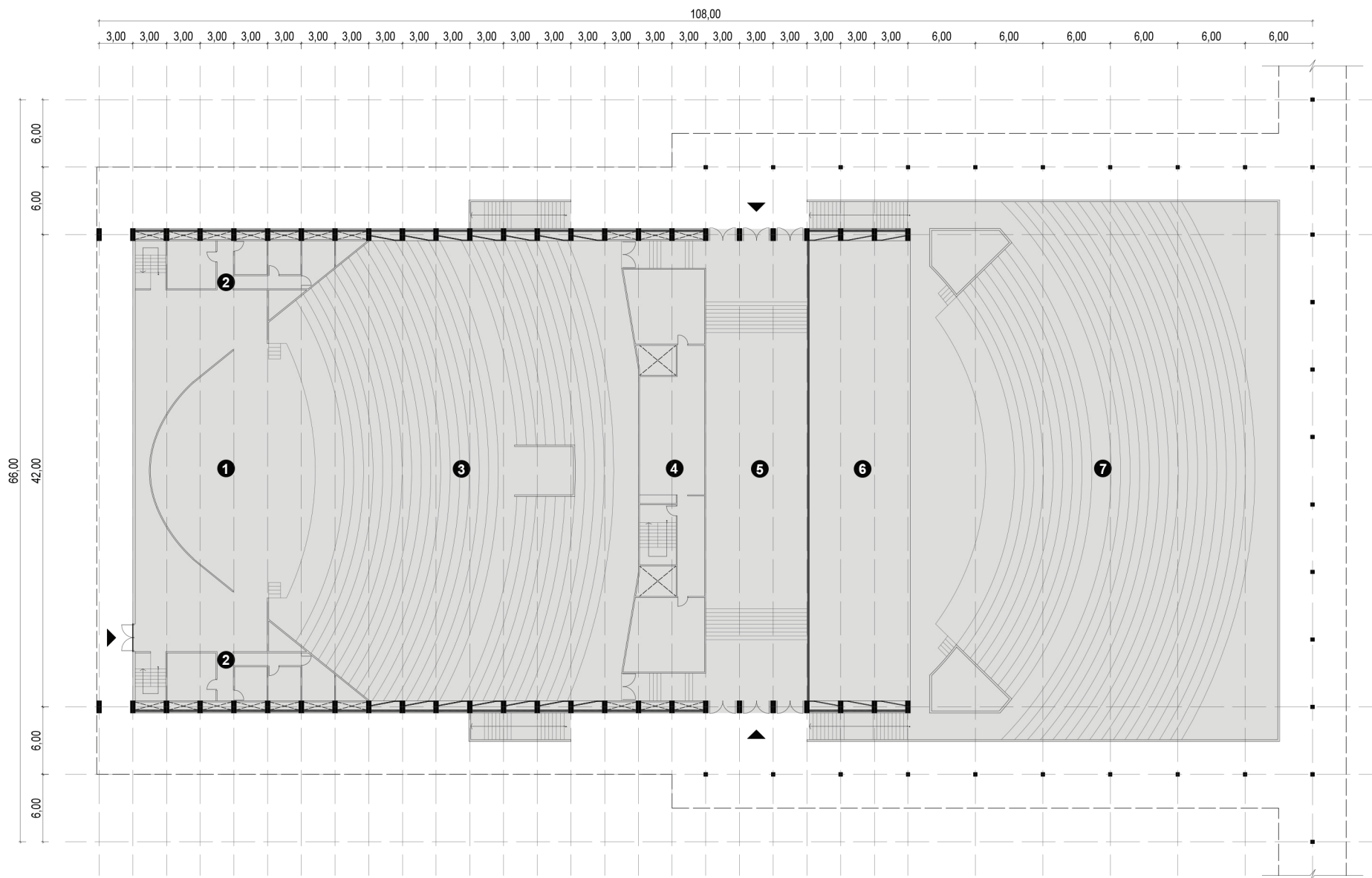
Fonte: Produzido pelo autor
com base no Anteprojeto de
1968, publicada na revista
Summa, ed. 1979.







Teatro Odylo Costa Filho

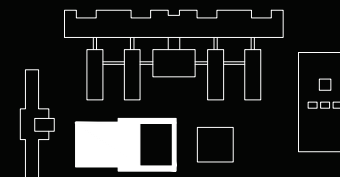


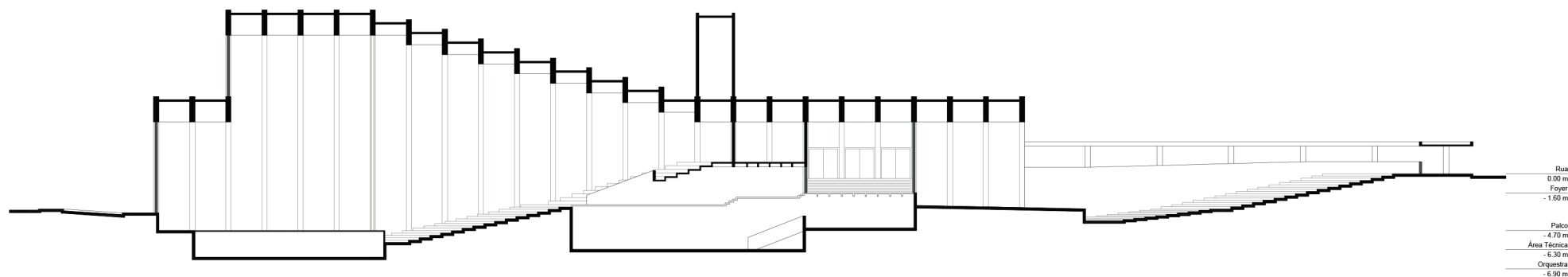
Planta Baixa
Pavimento Térreo

Escala 1:500

Fonte: Produzido pelo autor
com base no Anteprojeto de
1968, publicado na revista
Summa, ed. 1979.

- | | | | |
|---|--------------------|---|-----------------|
| 1 | Palco | 5 | Foyer |
| 2 | Camarim | 6 | Concha Acústica |
| 3 | Platéia | 7 | Anfiteatro |
| 4 | Cabine de Projeção | | |

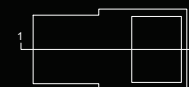




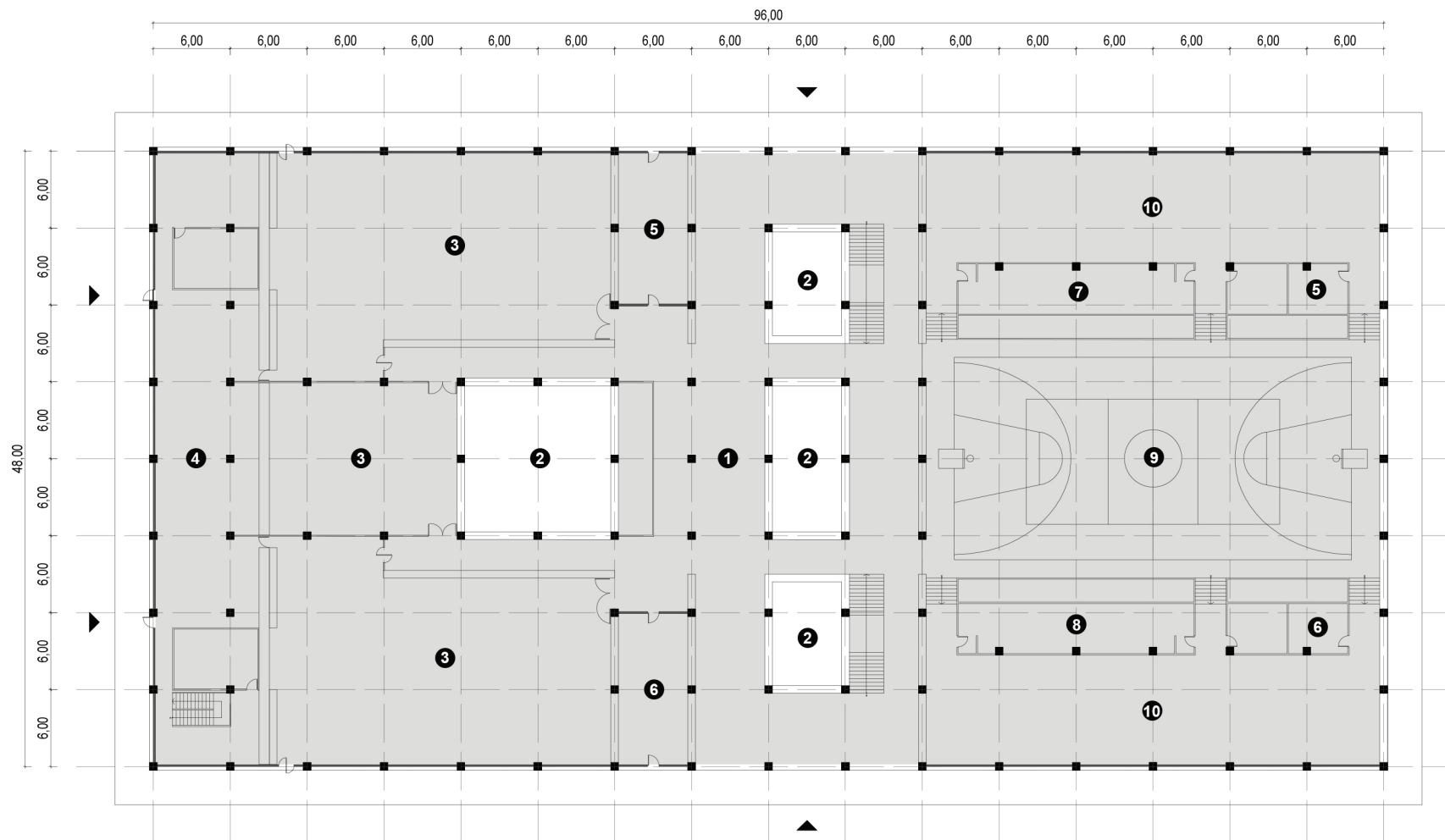
Corte 1.1

Escala 1:500

Fonte: Produzido pelo autor
com base no Anteprojeto de
1970, disponibilizado pelo
NPD FAU-UFRJ.



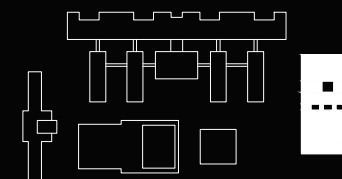
Centro Cultural Oscar Tenório



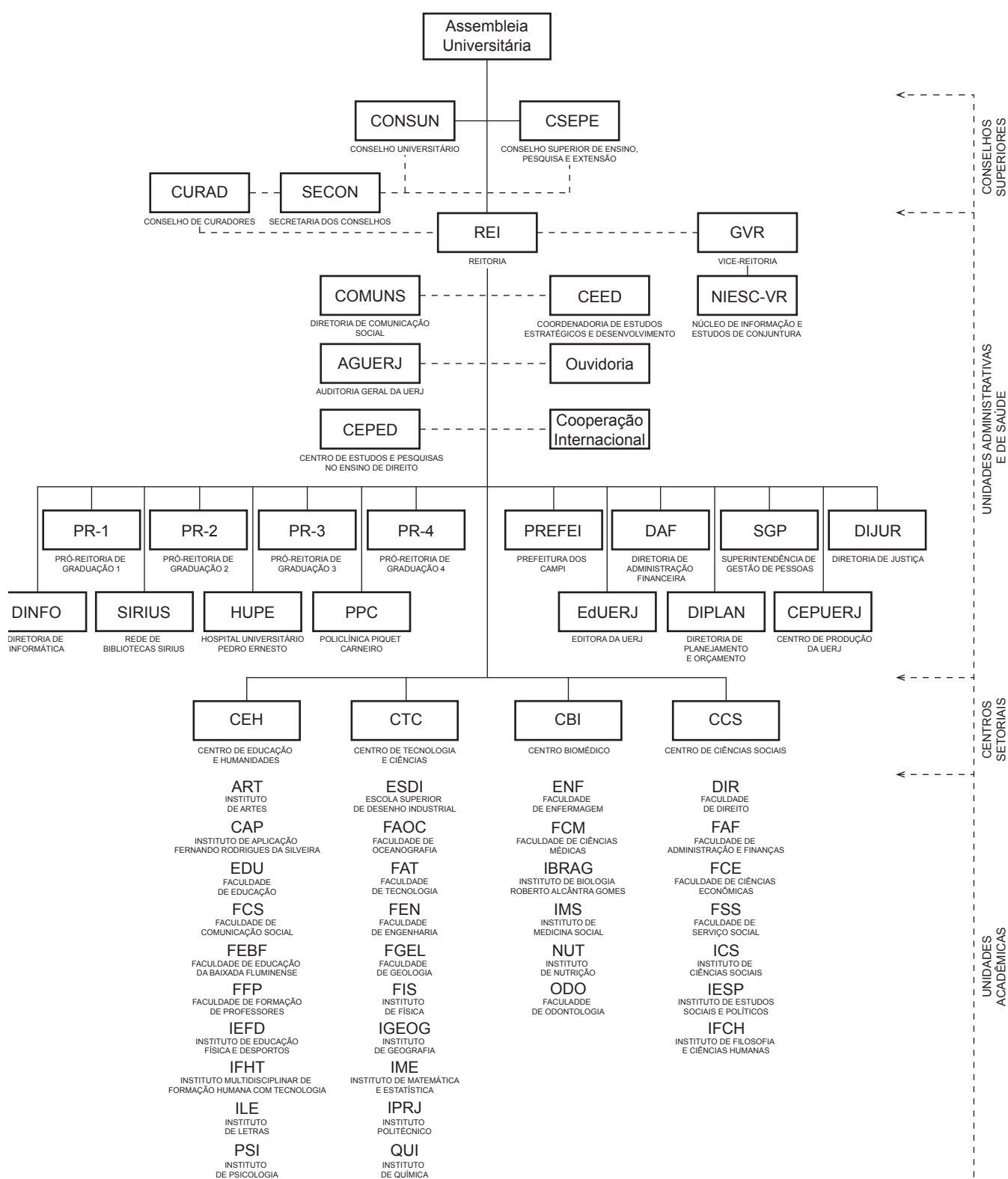
Planta Baixa
Pavimento Térreo
Escala 1:500

Fonte: Produzido pelo autor
com base no Anteprojeto de
1968, publicado na revista
Summa, ed. 1979.

- | | |
|-----------------------|------------------------|
| 1 Galeria | 6 Sanitário feminino |
| 2 Jardim | 7 Vestiário masculino |
| 3 Refeitório | 8 Vestiário feminino |
| 4 Cozinha | 9 Quadra poliesportiva |
| 5 Sanitário masculino | 10 Sala de ginástica |



Anexo II - Organograma UERJ, 2020



DATAUERJ 2020: anuário estatístico base de dados 2019. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Núcleo de Informação e Estudos de Conjuntura. Rio de Janeiro: UERJ, 2019. Disponível em: <<http://www2.datauerj.uerj.br>> Acesso em: 15 fev. 2021.

* Produzido pelo autor com base no organograma da unviuersidade publicado no DataUERJ 2020.

Anexo III - Entrevista de Luiz Paulo Conde ao CTE-UERJ

[Luiz Paulo Conde | 04:04 - 5:15] O projeto foi concebido de maneira que você não tinha como identificar aqui é a faculdade tal, aqui é a faculdade tal, aqui é a faculdade tal, você tinha uma universidade, um campus que era uma universidade vertical, a ideia era uma “microuniversidade urbana”. Nós também estávamos muito chateados, eu trabalhei na Universidade Rural do Rio de Janeiro, e lecionava na Universidade Federal do Rio de Janeiro, aqueles prédios espalhados, aquela coisa louca, né? Os estudantes não tendo condução, não tendo como chegar lá. Então a ideia era criar uma universidade, vamos dizer, mais realista socialista, uma arquitetura assim... crua, mas pra atender as pessoas que trabalham e moram na cidade.

[Luiz Paulo Conde | 05:00 - 5:15] O sistema era universal, porque não sabíamos o que iria para lá, então aquele prédio do conjunto escolar pode ter salas de aula, laboratórios, o que você quiser. Ele tem uma flexibilidade, nós não tínhamos um domínio total do programa pra dizer aqui vai ser isso exatamente

[CTE/UERJ] Você poderia explicar melhor o que seria um projeto realista socialista?

[Luiz Paulo Conde | 21:07 - 21:18] Eu diria que o campus da UERJ é um projeto realista socialista, feito para um país que quer avançar no ensino, é um prédio econômico, com pré-moldados, circulações definidas.

[CTE/UERJ] Houve alguma influência ou pressão política do Regime Militar na concepção do projeto?

[Luiz Paulo Conde | 21:24 - 21:40] Não houve nenhuma influência política, nós não tivemos nenhuma pressão, foi um concurso, participamos, ganhamos, houve um júri e fomos contratados. Não houve nenhuma pressão de caráter político, a única pressão foi fazer a capela ecumênica.

[CTE/UERJ] Se pudesse mudar alguma coisa no projeto, o que faria diferente?

[Luiz Paulo Conde | 21:47 - 22:06] Se a gente soubesse que a UERJ não iria ocupar todo o espaço, teríamos feito um pouco menor, menos andares, porque o edifício começou a ser usado para PRODERTJ [Centro de Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro] e outros órgãos, não foi só para a universidade, isso poderia ter feito menos área. Isso são algumas coisas que a gente poderia imaginar para o futuro, mas eu acho que a UERJ tá muito boa.

[CTE/UERJ] Você achou que o projeto influenciou a qualidade do ensino da Universidade?

[Luiz Paulo Conde | 22:12 - 22:24] O importante da universidade é o padrão e a qualidade do ensino. O prédio tem que ajudar, a localização também, mas ele não influencia tanto como a qualidade do ensino, né?

[CTE/UERJ] Tem alguma parte do projeto que não foi construído?

[Luiz Paulo Conde | 22:29 - 23:00] Nós fizemos também um projeto, que não foi construído, um edifício garagem de dois andares com lojas dando para a rua São Francisco Xavier. Era um prédio que teria um conjunto de lojas e dois andares de garagem com terraço. E você ali teria mais estacionamento para o campus e teria até a possibilidade de atender o maracanã em dia de jogos. Era uma garagem que eu acho que poderia ser feita até hoje, mas as árvores cresceram, tá lá o estacionamento, tá verde, então é melhor talvez deixar como está e não inventar.

[CTE/UERJ] Você pode falar sobre o empenho sobre a colocação das escadas?

[Luiz Paulo Conde | 23:06 - 23:23] Aquela escada que a gente foi obrigado pelo corpo de bombeiros de colocar ali no meio não tinha necessidade, bastavam só as rampas. que não ficou boa. Ali eram só rampas, e aí uma exigência de colocar uma escada, não entendi o porque, mas acabamos colocando a escada.

[CTE/UERJ] Se você fosse projetar a UERJ hoje, faria alguma coisa diferente?

[Luiz Paulo Conde | 23:29 - 23:46] Hoje eu penso em pintar a UERJ inteira, dá mais cor, acho que poderia fazer uma policromia interessante, chamar os artistas, pintar aqueles halls, pintar aqueles tetos de branco, dá mais vida, isso tudo pode ser feito sem problema nenhum, desde que seja feito com critério e inteligência.

CONDE, L. P. Entrevista concedida ao Centro de Tecnologia Educacional da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Programa Campus, ed. 01, série 3. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C5kWBpR8tOw>> Acesso em: 28 jun. 2020.

* Transcrição parcial da entrevista concedida pelo arquiteto, disponível no YouTube. A íntegra da entrevista encontra-se disponível em formato Betacam no arquivo do CTE-UERJ, inacessível até o presente momento, em função da pandemia do COVID-19.